**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**Para Uma Análise Sintática das Construções Relativas
no Crioulo da Ilha de São Nicolau – Cabo Verde**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da *Universidade de São Paulo*, para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientando: Francisco João Lopes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Santos Duarte de Oliveira

Versão corrigida de acordo com a orientadora

O exemplar original se encontra disponível
no CAPH da FFLCH (Centro de Apoio à Pesquisa Histórica)

São Paulo
2012

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

***BANCA DISSERTAÇÃO
PRESIDENTE***

Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira
(orientadora da pesquisa – USP)

MEMBROS DA BANCA

- 1) Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa (Universidade de São Paulo)
- 2) Prof. Dr. Alan Norman Baxter (Universidade Federal da Bahia)
- 3) Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira (Universidade de São Paulo)

Dedicatória

Dedico esta obra aos meus pais *in memorium*:

João Miguel Lopes que me deixou aos cinco anos de idade, mas deixou a recomendação à minha mãe e recurso para oferecer o máximo de educação para seus filhos.

Margarida Maior Lopes que fez todos os sacrifícios para cumprir o pedido do falecido marido, mas me deixou aos 15 anos de idade.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a meu Deus pela força coragem e todas as bênçãos concedidas na minha vida de uma forma geral, e em especial por ter guiado através deste processo todo.

Agradeço á minha esposa Priscila e aos meus filhos Elisabeth Margarida e João Éder pela paciência e tantas abnegações para que eu pudesse entrar para este programa de pós-graduação depois de cerca de 10 anos após a minha graduação e tendo uma família para sustentar.

Agradeço à minha orientadora Prof^ª Dr^a Márcia Santos Duarte de Oliveira que me guiou através deste longa jornada. Ela foi muito mais que uma orientadora para mim, tornou-se uma amiga pessoal e muito querida, mas sem nunca deixar de exigir ao extremo o melhor que ela acredita existir em mim. Agradeço pelas inumeras oportunidades de aprendizagem que me facultou como monitor PAE de suas disciplinas de graduação e ainda de outros projetos. Agradeço pelos inumeros momentos que passamos juntos em orientações que sempre forma milhas extras, tornando-se aulas magmas particular para a audiência de um só aluno, mas como se fosse para uma plateia animada e super interessada. Um muito obrigado, de coração.

Agradeço à instituição USP como um todo que me acolheu e sempre me tratou como um igual a todos e pelos méritos e em instância alguma me fez sentir que eu sou um estrangeiro, mas sim um aluno de pós-graduação.

Agradeço ao Prof. Dr Gabriel Antunes pelas inumeras oportunidades de aprendizagem e de crescimento como um acadêmico.

Agradeço à Prof^a Dr^a Margarida Petter que desde os primeiros momentos me acolheu e me introduziu ao sistema USP. E pela confiança e oportunidade que juntamente com a Prof^a Márcia me concederam de participar em tão nobre projeto como o Projeto IPHAN/USP.

Agradeço à Prof^a Dr^a Flaviane Fernandes Svartman pelas indicações e sugestões feitas durante a Banca de Qualificação e por várias vezes depois em encontros extras encaixadas dentro de sua agenda. Agradeço imensamente pelas sugestões de como organizar um teste prosódico que me foram valiosissimas para o fechamento desta pesquisa.

Agradeço à Prof^a Dr^a Maria Clara Paixão de Souza pelas valiosas observações feitas na banca de qualificação e serviram para orientar-nos em aspectos importantes do nosso trabalho. Agradecemos ainda por aceitar fazer parte desta banca de dissertação.

Agradecemos ao Prof. Dr. Alan Norman Baxter por ter aceito tão prontamente o convite para compor esta banca de Dissertação.

Agradeços aos meus sogros Aldeti Santos e Elisabeth Santos por todo apoio, coragem e incentivo que sempre nos ofereceram ao longo desses dois anos e meio de caminhada.

Agradecemos a CAPES por ter-nos propiciado o apoio financeiro que possibilitou a nossa dedicação total e exclusiva a este projeto de pesquisa.

Agradeço às minhas conterrâneas Carla, Mônica e Tatiane que se dispuseram a fornecer dados da nossa língua nativa o crioulo de São Nicolau sendo que não nos foi possível deslocar até lá para colher os dados.

Agradeço ao meu irmão João Sameiro Lopes que coletou dados na nossa ilha, São Nicolau. Agradeço ainda ao meu irmão pela amizade e por ser um dos meus grandes colaboradores na promoção e divulgação da nossa língua nativa.

RESUMO

Nesta Dissertação empreendemos a primeira descrição e análise das construções relativas na variedade caboverdiana do crioulo da ilha de São Nicolau (daqui em diante CSN) grupo de Barlavento – enfocando a tipologia dessas construções, suas estruturas sintáticas e a natureza dos elementos que as introduzem. O trabalho apresenta também uma primeira descrição dos pronomes-Whs em CSN que nos auxiliou na categorização dos elementos introdutores de relativas nesta variedade do caboverdiano. A partir da descrição dos relativizadores, recorrendo a leituras semânticas e diferenças estruturais das relativas, apresentamos a tipologia e estratégias de relativização atestadas na língua. Ao descrevermos as construções relativas em CSN, deparamo-nos com um conjunto de dados que assumimos não conter relativas: construções clivadas. Corroborando trabalhos prévios de que clivadas são estruturas de foco, comparamos estas estruturas com outras semelhantes em CSN: as copulativas. Recorremos a testes prosódicos a fim de corroborarmos as leituras de foco para as clivadas e ainda para apontarmos a existência de relativas, mas somente nas construções copulativas. Nosso trabalho aponta que o morfema **k'** pode desempenhar as funções de complementizador relativo, mas ainda a de marcador de foco na língua.

Palavras-chave: Construções Relativas; Clivadas; Copulativas; Crioulo de Cabo Verde; Crioulo da ilha de São Nicolau.

ABSTRACT

In this research we undertake the first description and analysis of relative constructions in the Cape Verdean Creole variety of the island of São Nicolau (hereinafter CSN) from the Barlavento group - focusing on the typology of such constructions, their syntactic structures and nature of the elements that introduce them. The work also presents a first description of pronouns-Wh in CSN which helped us to categorize the relative introducer elements for this variety of the Cape Verdean language. From the description of the markers, and resorting to semantic readings and structural differences, we present the typology and strategies of relativization attested in the language. In describing the relative constructions in CSN, we observed a set of data which we assume do not contain relatives: the cleft constructions. Confirming previous studies that cleft constructions are structures of focus, we compare these with other similar structures in CSN: the copulatives. We make use of prosodic tests in order to confirm readings of focus for the cleft structures and also to point out that there are relative constructions, but only in the copulative constructions. Our work points to the fact that the morpheme **K'** can perform the functions of a relative complementizer, as well as those of a focus marker on this language.

Keywords: Relative Constructions; Cleft Structures; Copulatives; Creole of Cape Verde Islands, Creole from the island of São Nicolau.

Lista de Figuras

Capítulo 1

Figura 1	Bandeira de Cabo Verde	6
Figura 2	Mapa de Localização de Cabo Verde no Globo	7
Figura 3	Mapa da Divisão Regional de Cabo Verde	11
Figura 4	Mapa da Ilha de São Nicolau	19

Capítulo 6

Figura 01	Imagem <i>Praat</i> de uma Construção Relativa proferida pela informante CL 1-1-1 103	
Figura 02	Imagem <i>Praat</i> de uma Construção Relativa Proferida pela Informante MC 1-1-1 103	
Figura 03	Imagem <i>Praat</i> de uma Construção Relativa Proferida pela Informante TN 1-1-2 104	
Figura 04	Imagem <i>Praat</i> da Construção Clivada com Foco Contrastivo na Posição do Sujeito (2) Proferida pelo Informante CL 3-2-1	106
Figura 05	Imagem <i>Praat</i> da Construção Clivada com Foco Contrastivo na Posição do Sujeito (2) Proferida pelo Informante MC 3-2-1	107
Figura 06	Imagem <i>Praat</i> da Construção Clivada com Foco Contrastivo na Posição do Sujeito (2) Proferida pelo Informante TN 3-2-1	107
Figura 07	Imagem <i>Praat</i> da Sentença Clivada com Foco de Informação na Posição do Sujeito Proferida pela Informante Carla 10-3-1	110
Figura 08	Imagem <i>Praat</i> da Sentença Clivada com Foco de Informação na Posição do Sujeito proferida pela Informante MC 10-3-1	110
Figura 09	Imagem <i>Praat</i> da Sentença Clivada com Foco de Informação na Posição do Sujeito proferida pela Informante TN 10-3-1	111
Figura 10	Imagem <i>Praat</i> da Sentença Copulativa Proferida pela Informante CL 10-4-1 111	
Figura 11	Imagem <i>Praat</i> da Sentença Copulativa Proferida pela Informante MC 10-4-1 112	
Figura 12	Imagem <i>Praat</i> da Sentença Copulativa Proferida pela Informante TN 10-4-1 112	
Figura 13	Imagem <i>Praat</i> da Resposta Completa para Obtenção de Copulativa	117

Abreviaturas

ACC – Caso Acusativo	N – Nome
CCV – Crioulo de Cabo Verde	NEG – Negação
C°/C ₀ – Núcleo do Sintagma	NOM – Caso Nominativo
Complementizador	NP – Sintagma Nominal
COMP – Complementizador	OBL – Oblíquo
COMP _{rel} – Complementizador Relativo	PB – Português Brasileiro
COP – Cópula	PB – Português Brasileiro
CP – Sintagma Complementizador	PE – Português Europeu
CSN – Crioulo da Ilha de São Nicolau	PE – Português Europeu
CST – Crioulo da Ilha de Santiago	PERF – Perfectivo
CSV – Crioulo da Ilha de São Vicente	PFV – Perfectivo
DAT – Caso Dativo	PL – Plural
DEICT – Dêitico	POSS – Possessivo
DEM – Demonstrativo	PP – Sintagma Preposicional
DP – Sintagma Determinante	PST – Pretérito
D _{rel} – Determinante Relativo = Pronome Relativo	PTCP – Particípio
Fin - Finitude	PVB – Português Vernacular Brasileiro
FinP – Sintagma Finitude	RC – Relative Clause (Oração Relativa)
F° – Núcleo do Sintagma Foco	SG – Singular
Foc – Foco	Spec – Especificador
FocP – Sintagma Foco	TMA – Partícula de Tempo Modo e Aspecto
ForceP – Sintagma Force	Top - Tópico
HBT – Habitual – se refere à partícula TMA	TopP – Sintagma Tópico
IK – Individual Kind	TP – Sintagma Tempo
IPFV – Imperfectivo	V – Verbo
IRR – Tempo Irrealis	VP – Sintagma Verbal
Loc – Locativo	ϕ – Nulo
LocP – Sintagma Locativo	[Spec, CP] – Especificador do Sintagma Complementizador

+N – de Natureza Nominal

1 – Primeira Pessoa

2 – Segunda Pessoa

3 – Terceira Pessoa

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO GERAL	1
CAPÍTULO I – CABO VERDE E SEU CRIOULO	6
1.0. INTRODUÇÃO	6
1.1. A CONDIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	7
1.1.1. As Variantes Dialetais	8
1.2. O PROCESSO DE NORMATIZAÇÃO E OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA	11
1.2.1. Exemplificando o Uso do Alfabeto Caboverdiano	13
1.2.2. Alguns Obstáculos na Implementação do Alfabeto Oficial	15
1.3. A CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA	17
1.4. A ILHA DE SÃO NICOLAU E SEU CRIOULO	18
CAPÍTULO II – AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS NA LITERATURA	20
2.0. INTRODUÇÃO	20
2.1. CONSTRUÇÕES RELATIVAS EM TEORIA DA GRAMÁTICA	21
2.1.1. Relação das Relativas com o Pivô – Mioto & Negrão (2007)	22
2.1.2. Introdutores de Relativas	23
2.1.2.1. <i>Pronomes Relativos</i>	24
2.1.2.2. <i>Complementizadores Relativos</i>	25
2.1.2.3. <i>Estratégia de Relativização com Pronomes Resumptivos</i>	26
2.1.3. Tipologia das Relativas	26
2.1.3.1. <i>Restritivas e Não Restritivas – Negrão (1992)</i>	27
2.1.3.2. <i>Relativas Livres</i>	29
2.2. AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS NÃO CONTÊM UMA RELATIVA	30
2.2.1. A Categoria Foco	32

2.2.1.1.	<i>A Noção de Foco</i>	32
2.2.1.2.	<i>A Estrutura de Foco</i>	32
2.2.1.3.	<i>A Tipologia de Foco</i>	34
2.2.1.4.	<i>A Interface Sintaxe/Fonologia</i>	35
2.3.	ESTUDOS DAS CONSTRUÇÕES RELATIVAS EM CCV	38
2.3.1.	Cardoso (1989)	38
2.3.2.	Veiga (2002)	39
2.3.3.	Baptista (1993, 1997, 2002)	41
2.3.4.	Alexandre	44
2.3.4.1.	<i>Alexandre</i> (2006)	45
2.3.4.2.	<i>Alexandre</i> (2007)	47
2.3.4.3.	<i>Alexandre</i> (2009)	49
2.3.5.	Oliveira & Souza (2009)	56
2.3.6.	Oliveira & Holm (2011)	57
2.3.7.	Jorge & Oliveira (no prelo)	58
2.4.	CONCLUSÃO PARCIAL DO CAPÍTULO	59
CAPÍTULO III – AS CONSTRUÇÕES-WH: PRONOMES-WH EM CSN		60
3.0	INTRODUÇÃO	61
3.1	CATEGORIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS PRONOMES-WH EM CSN	60
3.1.1	Pronomes da Categoria Ontológica Temporal	61
3.1.1.1	<i>Kazóra</i> - ‘ <i>Dêitico</i> ’	61
3.1.1.2	<i>kandê</i> - ‘ <i>Não Dêitico</i> ’	62
3.1.1.3	<i>Kontóra</i> ~ <i>Kantóra</i> - ‘ <i>Hora demarcada/aproximada</i> ’	63
3.1.2	Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica Quantitativa	63
3.1.2.1	<i>Kónt</i> ~ <i>Kón</i> – ‘ <i>Quantitativo</i> ’	63
3.1.2.2	<i>Kónt é</i> – ‘ <i>Quantitativo</i> ’	64
3.1.3	Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica de Maneira	64
3.1.3.1	<i>Mô k’</i> – ‘ <i>Maneira</i> ’	65
3.1.3.2	<i>Mô</i> – ‘ <i>Mareira</i> ’	65

3.1.3.3	<i>Modê k' – 'Maneira'</i>	65
3.1.3.4	<i>K'manera – 'Maneira'</i>	66
3.1.4	Pronomes interrogativos da categoria ontológica pessoa (+ humano)	66
3.1.4.1	<i>Kin ~ Ken – '+ humano'</i>	66
3.1.4.2	<i>Kenhê ~ kinhê – '+ humano'</i>	67
3.1.5	Pronomes/Sintagmas interrogativos da categoria ontológica de coisas	68
3.1.5.1	<i>Kzae k' ~ Kze k' – 'Coisa'</i>	68
3.1.5.2	<i>Ukê, Dukê – 'O Quê'</i>	69
3.1.6	Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica 'Causa'	69
3.1.6.1	<i>Pamod kin ~ Pamod kê – "Por causa de quem"</i>	70
3.1.6.2	<i>Pamod kinhê – "Por causa do quê"</i>	70
3.1.7	Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica 'Propriedade'	70
3.1.7.1	<i>Kal 'Qual'</i>	70
3.1.7.2	<i>Expressão-Wh K' + NP + Cópula + Kel + K' "Que X é aquele que"</i>	71
3.1.7.3	<i>Expressão-Wh Kasta d' + NP + Cópula + Kel + K' "Que raio de X é aquele que"</i>	72
3.1.8	Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica 'Lugar'	72
3.1.8.1	<i>Ondê ~ Ondê k' – 'Lugar'</i>	73
3.1.8.2	<i>Ondê Preposicionado – 'Lugar'</i>	73
3.2	TABELA RESUMIDA DOS PRONOMES/SINTAGAMAS-WH EM CSN	74
3.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	75
CAPÍTULO IV – INTRODUTORES DE RELATIVAS EM CSN		76
4.0.	INTRODUÇÃO	76
4.1.	OS INTRODUTORES DE RELATIVAS EM CSN	76

4.1.1.	Pronomes Relativos	76
4.1.1.1.	<i>Ondê</i>	76
4.1.1.2.	<i>Kin</i>	79
4.1.1.3.	<i>Kondê ~ Kandê</i>	80
4.1.1.4.	<i>U Kê ~ Du Kê</i>	81
4.1.1.1.4.	<i>Kzê</i>	81
4.1.2.	Complementizadores Relativos	82
4.1.2.1.	<i>Estratégia de Relativização com Pronomes Resumptivos</i>	85
4.2.	POSSIBILIDADE DE ANÁLISE HISTÓRICA	86
4.3.	SISTEMA COMPLEMENTIZADOR	87
4.3.1.	Complementizador K' “Que”	88
4.3.2.	Complementizador D' “De”	88
4.3.3.	Complementizador Ma “Que”	89
4.3.4.	Complementizador Pa “Que”	89
4.3.5.	Complementizador Pamôd “Que”	90
4.3.6.	Complementizador S' “Se”	90
4.3.7.	Complementizador $\emptyset$	91
4.4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	91
CAPÍTULO V – AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS EM CSN		92
5.0.	INTRODUÇÃO	92
5.1.	TIPOLOGIA DAS RELATIVAS EM CSN	92
5.1.1.	Relativas com Núcleo Nominal	92
5.1.1.1.	<i>Relativas Restritivas</i>	92
5.1.1.2.	<i>Relativa Não Restritiva</i>	94
5.1.2.	Relativas Livres	95
5.1.3.	Assumindo Clivadas como não Contendo Relativas	97
5.2.	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	97
CAPÍTULO VI – AS RELATIVAS E O FOCO EM CSN		99
6.0.	INTRODUÇÃO	99

6.1.	ESTRUTURAS CLIVADAS E FOCO EM CSN – SENTENÇAS QUE NÃO CONTÊM UMA RELATIVA	99
6.1.1.	Teste Prosódico para Checagem de Marcação de Foco em Sentenças Clivadas em CSN	100
6.1.1.1.	<i>Metodologia</i>	100
6.1.2.	Análise Parcial das Imagens <i>Praat</i> de Sentenças Clivadas e Copulaivas	101
6.1.2.1.	<i>Sentenças Contendo Relativas (sem marcação de foco)</i>.....	102
6.1.2.2.	<i>Foco Contrastivo na Posição de Sujeito</i>	104
6.1.2.3.	<i>Foco de Informação na Posição do Sujeito</i>	107
6.2.	K' MARCADOR DE FOCO EM CSN	118
6.2.1.	Estrutura de Foco em CSN Marcada por K'	118
6.3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	119
	CAPÍTULO VII – CONCLUSÃO	121
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
	ANEXOS	130
	Grupos de Sentenças Usadas nos Testes Prosódicos	130

INTRODUÇÃO GERAL

Nesta Dissertação objetivamos uma primeira descrição das construções relativas na variante caboverdiana da ilha de São Nicolau, daqui em diante, chamada de CSN.

O CSN é uma variedade de uma língua crioula – a língua caboverdiana, mais conhecida como Crioulo de Cabo Verde, daqui em diante, CCV.

As línguas crioulas, entre as suas especificidades, possuem a peculiaridade de não poder ser categorizadas como um grupo baseado em traços geneológicos, como se caracterizam, por exemplo, as línguas indo-europeias. Paixão de Souza (2012) chama a atenção para esse fato que levantou grandes questões dentro dos estudos da linguística histórica, apontando para o fato de que, ao final do século XIX, essas novas línguas (de contato) tornam-se alvo de estudiosos da linguagem como Adolfo Coelho e Hugo Schuchardt.

Arends (1994) aponta para o fator formação sócio-histórica das línguas crioulas:

It has been argued by some creolists that creoles cannot be defined as a distinct group of languages on typological, intra-linguistic, grounds [...] If this is true, the question arises whether there are any external, extra-linguistic, criteria according to which they can be grouped in one category. The criterion that comes to mind most readily is that of the social history of these languages.

Arends (1994: 15).

O grande momento histórico que proporciona o surgimento de novas línguas e unifica partes do mundo nunca antes conhecidas se dá a partir das Grandes Navegações que se inaugura no sec. XV. Segundo Boxer:

O cronista espanhol Francisco López de Gómara, na dedicatória de sua História geral das Índias para o imperador Carlos V, escrita em 1572, descreveu os descobrimentos ibéricos das rotas oceânicas das Índias ocidentais e orientais como “o maior acontecimento desde a criação do mundo, depois da encarnação e da morte Daquele que o criou.

[.....]

[...] Foram os pioneiros portugueses e os conquistadores castelhanos da orla ocidental da cristandade que uniram, para o melhor e para o pior, os ramos enormemente diversificados da grande família humana. [...]

Boxer (2008: 15,16)

A expansão marítima europeia liderada pelos portugueses inaugura a era do tráfico negreiro em grande escala, fazendo com que um grande contingente de pessoas falantes das mais diversas línguas viva uma situação demultilíngue em que: a grande maioria da população é formada por escravos de diversas etnias e falantes de línguas diferentes; há um número reduzido de colonos europeus que usam sua língua; a língua do colono tem alto prestígio social; há uma necessidade de comunicação entre o colono e seus escravos; a comunicação que se estabelece se limita a assuntos relacionados ao setor de produção dos escravos; há uma necessidade de comunicação entre os próprios escravos, pois em muitos casos eram falantes de línguas diferentes; a língua do colono é tomada como língua alvo; surge uma nova língua com a maioria do léxico vindo da língua do colono; a nova língua que emerge é diferente de todas as línguas que estiveram na sua origem, inclusive a sua língua lexificadora (a língua do colono ou de alto prestígio social). As novas línguas que emergem, as línguas crioulas, são línguas completamente reestruturadas, pois apesar de a maioria do seu léxico advir da língua do colono, a sua estrutura gramatical é consideravelmente diferente de sua língua lexificadora bem como das outras línguas que estiveram na sua formação – ver Holm (2002).

Arends (1994: 15), retomando Bickerton (1988), aponta três tipos de crioulos que vão surgir no contexto de contato multilíngüístico criado pela expansão marítima europeia: *crioulos das plantações*, *crioulo de fortalezas* e *crioulos de comunidades quilombolas*. Arends (1994: 15) acrescenta a essa tipologia, os *pidgins crioulos* que, segundo o autor, emergiram a partir de línguas pidgins que se crioulizaram, como por exemplo, na Nova Guiné e Norte da Austrália.

Segundo Arends (1994: 15-16), os crioulos de plantação surgiram a partir das grandes plantações nas regiões do Atlântico para onde foi levado grande contingente de escravos da costa ocidental da África que fica entre Senegal a Angola. Os crioulos de fortalezas originaram-se nos vários postos fortificados que os europeus colocaram ao longo da Costa Ocidental da África e na Índia como entrepostos comerciais. Os crioulos

quilombolas surgiram em comunidades quilombolas formadas por escravos que fugiram das grandes plantações. O caboverdiano é conhecido como um crioulo de fortaleza.

As línguas crioulas são ainda classificadas em termos de sua localização geográfica e/ou parentesco linguístico: crioulos do Atlântico que se subdivide em crioulos da Alta Guiné e crioulos do Golfo da Guiné; crioulos da região dos Caribes; crioulos asiáticos; crioulos do Pacífico entre outros¹. Outra forma de agrupar as línguas crioulas é com base nas suas línguas lexificadoras (por exemplo, crioulos de base lexical Portuguesa, crioulos de base lexical Inglesa; crioulos de base lexical Francesa, entre outros)

O crioulo de Cabo Verde faz parte do grupo dos crioulos de base lexical Portuguesa do Atlântico e do subgrupo da Alta Guiné. Jacobs (2010) apresenta fatos históricos e linguísticos que corroboram a proposta de que o subgrupo da Alta Guiné teve sua origem na ilha de Santiago Cabo Verde. Segundo Jacobs (2010), primeiramente, surgiu um ‘protocrioulo’ na Ilha de Santiago que depois foi levado para Cacheu e de onde provavelmente tenha se espalhado para Ziguinchor, Geba e Bissau. Jacobs (2009) aponta evidências linguísticas e históricas que indicam que o Papiamentu (o crioulo das ilhas Holandesas de Aruba, Bonaire e Curaçau) teve a sua origem a partir desse mesmo ‘protocrioulo’ que originou na ilha de Santiago. Segundo o autor o ‘protocrioulo’ que surgiu em Cabo Verde foi transplantado para essas ilhas holandesas por meio de Judeus Sefardistas e seus escravos – Jacobs (2009: 362).

Como se pode observar, segundo a proposta de Jacobs (2009) e Jacobs (2010), o crioulo de Santiago esteve na origem de pelo menos duas outras línguas crioulas no mundo. Juntando a esse fato, existe outro igualmente importante: é a partir do crioulo de Santiago que vão surgir outras variantes do crioulo de Cabo Verde – ver Veiga (2002). Isso mostra a importância do estudo dessa variedade do CCV. Não é por acaso que a maioria dos estudos do CCV, até o presente, se centram na variante de Santiago (região de Sotavento). No entanto pouco é estudado das outras variantes do CCV. O que se observa é que quando se busca incluir alguma das variantes de Barlavento, normalmente a da Ilha de São Vicente é a escolhida – veja, por exemplo, Veiga (2002). Assim nesta pesquisa buscamos ampliar o escopo de estudo da língua caboverdiana por meio de uma abordagem de natureza analítica e descritiva de um aspecto sintático (construções relativas) de uma variedade do caboverdiano pouco estudada – o Crioulo da Ilha de São Nicolau.

¹ Para uma lista completa das línguas crioulas no mundo e suas línguas lexificadoras – ver Lewis (2009).

Nesta dissertação tomamos como objetivos específicos a descrição das construções relativas, os elementos que introduzem as orações relativas e a tipologia das relativas na variedade CSN do CCV. Esta pesquisa se justifica pelas razões que apresentamos a seguir.

Como apresentamos no Capítulo 1, todas as línguas do mundo apresentam variação dialetal, mas a variação nas línguas crioulas é mais proeminente por questões ligadas à formação sócio-histórica dessas línguas. Em CCV há essa variação, como apresentamos no Capítulo 1. No caso de CCV, a variação dialetal torna-se mais proeminente devido à insularidade das ilhas e suas variedades dialetais – ver Veiga (2004: 55-59). O estudo que aqui empreendemos toma como base a variedade da Ilha de São Nicolau, que foi uma das primeiras ilhas da região de Barlavento a ser povoada e é a partir da população da mesma que vão ser povoadas outras ilhas do grupo de Barlavento, como a ilha de São Vicente, as ilhas do Sal e Boavista – ver Capítulo 1. Assim, o estudo de qualquer variedade dialetal de CCV em particular mostra-se de grande importância, e a de São Nicolau, em especial, por sua importância histórica. O estudo da variedade de CSN se mostra importante uma vez que pode nos revelar fatos linguísticos que podem ajudar a compreender melhor a questão da variação dialetal, em especial nas línguas crioulas, e de uma forma geral nas línguas do mundo. Pode ainda ajudar a compreender melhor a questão de formação das línguas crioulas ao considerar que a variedade de CSN se desenvolveu a partir da variedade de CST, que segundo Jacobs (2010) é a variedade a partir da qual originou todas as demais variantes de Cabo Verde, bem como outras línguas crioulas como o Crioulo de Guiné Bissau e o Papiamentu. O estudo de CSN mostra-se ainda importante para os estudos da Crioulística pelo fato de São Nicolau ser uma das quatro ilhas de Cabo Verde a receber escravos diretamente do continente africano e por ter recebido também portugueses diretamente das ilhas de Açores e da Madeira.

A seguir, apresentamos a forma como esta Dissertação está organizada.

O trabalho se divide em sete Capítulos além desta Introdução Geral, acrescido das Referências Bibliográficas. No Capítulo 1 apresentamos o contexto sócio-histórico de Cabo Verde e seu crioulo e um breve histórico da Ilha de São Nicolau e seu crioulo.

No Capítulo 2 apresentamos os fundamentos e conceitos teóricos que assumimos para a nossa análise das construções relativas em CSN tais: conceito de relativas, pivô, introdutores de relativas, tipologia das relativas, conceitos de foco e de sua interface sintaxe/fonologia que usamos para diferenciar construções clivadas de

construções copulativas. Nesse capítulo, ainda apresentamos uma resenha de trabalhos anteriores sobre relativas no CCV.

No capítulo 3 descrevemos os pronomes-Wh em CSN seguindo as categorias ontológicas de Haspelmath (1997), considerando que não existe tal descrição para essa variedade do CCV e vital para análise da natureza dos introdutores de relativas que fazemos no Capítulo 4.

No Capítulo 5 fazemos uma análise tipológica das relativas em CSN levando em contato aspectos: sintáticos relacionados à natureza dos elementos introdutores de relativas apontados no Capítulo 4; de leituras semânticas disparadas pelas relativas; e ainda de natureza fonológica para subdividir o grupo das relativas com antecedente nominal explícito. Ao final desse Capítulo apontamos um conjunto dados que nos remetem para uma análise separada.

No Capítulo 6 corroboramos a nossa proposta que assumimos de trabalhos anteriores de que as construções clivadas contêm foco diferentemente das construções copulativas que contêm uma relativa. Para corroborarmos a proposta que assumimos, recorremos a leituras especificacionais, estrutura de asserção e testes prosódicos por meio do programa *Praat*. Tais testes nos levam a corroborar as diferenças sintáticas, semânticas e fonológicas entre as construções clivadas e construções copulativas e ainda a ratificar propostas de trabalhos anteriores de que o morfema **k'** “que” funciona tanto como um complementizador quanto marcador de foco em CSN.

No Capítulo 7 apresentamos as conclusões obtidas nesta pesquisa.

O Capítulo 8 contem as referências bibliográficas desta pesquisa.

No final do trabalho apresentamos os anexos deste trabalho.

CAPÍTULO I

CABO VERDE E SEU CRIOULO

1.0. INTRODUÇÃO

As ilhas de Cabo Verde formam um país africano cuja população e sua língua nativa (o crioulo de Cabo Verde) são ‘resultados’ diretos do fenômeno da expansão ultramarina portuguesa que levou à mestiçagem de europeus com africanos nas ilhas até então inabitadas.

Cabo Verde é formado por um arquipélago de dez ilhas no oceano Atlântico, situadas a cerca de 450 km da costa ocidental africana, a 15° Norte e 24° Oeste, com cerca de 4033 km². A população local é de cerca de 500 mil habitantes, mas os caboverdianos na diáspora (especialmente Europa Ocidental e Estados Unidos da América) chegam a mais de um milhão². A densidade populacional é de cerca de 119 habitantes por km² e mais de 80% da população vive nas regiões urbanas. As ilhas estão divididas em dois grupos de acordo como a direção do movimento dos ventos que cruzam o arquipélago: as Ilhas do Norte (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Ilha do Sal e Boavista), chamadas de ilhas do Barlavento; as Ilhas do Sul (Maio, Santiago, Fogo e Brava), chamadas de ilhas de Sotavento³. A ilha de Santiago é a maior ilha, onde está situada a capital do país (Cidade da Praia) e a ilha com mais habitantes. Esta foi a primeira ilha a ser habitada e preserva aquele que é considerado o crioulo mais próximo do protocrioulo que deu origem ao crioulo de Cabo Verde e de outros crioulos da Alta Guiné – ver Jacobs (2010).

Figura 1
Bandeira de
Cabo Verde

Cabo Verde foi descoberto em 1460 pelos portugueses – ver Cabo Verde (2012). Foi de imediato povoado com escravos vindos da costa ocidental africana e portugueses. Foi uma

² Dados do Instituto Nacional das Estatísticas (INE) – ver INE (2012).

³ Os termos ‘Barlavento’ e ‘Sotavento’ são termos náuticos muito usados na época das expansões marítimas.

Barlavento: a direção de onde vem o vento e **Sotavento:** a direção para onde vai o vento – ver Pomar (2008).

colônia de Portugal até 5 de Julho de 1975, quando se tornou em um país independente. Em 13 de Janeiro de 1990 foi introduzido oficialmente o sistema pluripartidário que levaria a uma democracia tida como exemplo para o continente Africano, o que vem sido demonstrado ao longo das eleições realizadas, sendo a última em 2011.

Figura 2 – Localização de Cabo Verde no Globo

Fonte: Google Imagens

1.1. A CONDIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

A situação sociolinguística de Cabo Verde é a de diglossia, tal como apontado, entre outros, por Veiga (2004) e Lopes (2011a). Por diglossia entendemos a situação sociolinguística descrita por Ferguson (1959)⁴. No caso de Cabo Verde, o português é a língua oficial, língua do ensino e das instâncias formais; a língua caboverdiana é a língua materna de todos os caboverdianos, é a língua do cotidiano usada em todas as instâncias informais, mas completamente excluída do ensino formal. A situação diglossia tem trazido grandes reveses para o processo de letramento para as crianças que são introduzidas de forma abrupta em um sistema

⁴ “Diglossia é uma situação relativamente estável da língua, em que, além dos dialetos primários da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há um muito divergente, altamente codificada (frequentemente gramaticalmente mais complexa) variedade superposta, o veículo de um grande e respeitado corpo de literatura escrita, quer de um período anterior ou em outra comunidade de fala, o que é aprendido em grande parte pela educação formal e é usado para a maior parte dos fins escritos, formais e falado, mas não é usado por nenhum segmento da comunidade para uma conversa normal” – Ferguson (1953: 325).

de educação totalmente realizado em língua portuguesa. O português como segunda⁵ língua é ensinada como se fosse língua materna, ao passo que o caboverdiano, a língua materna que poderia desempenhar um instrumento primordial no processo de letramento, é completamente excluído de toda a educação formal. É bem provável que o contato com essa situação socioeducativa (entre outras tantas no continente africano) tenha motivado ainda mais o pedagogo brasileiro, Paulo Freire, conhecedor da realidade socioeducacional caboverdiana que possivelmente tenha ‘olhado’ para ela ao propor seu novo conceito de letramento que viria a ser adotado pela UNESCO na década de 1970 - ver Lopes (2011a: 125)⁶. Como apontado em Lopes (2011a), Cabo Verde atingiu as metas do milênio (propostas pela ONU) no que tange à educação, mas a situação de diglossia prevalece mesmo depois de 37 anos de independência. Isso deixa a situação socioeducativa caboverdiana muito aquém daquilo que é modernamente considerado como verdadeiro letramento.

Além da condição sociolinguística de diglossia, há ainda a questão dialetal do CCV, que apresentamos a seguir.

1.1.1. As Variantes Dialetais

Como apontado por Rooij (1994), questão dialetal dos crioulos não pode passar despercebida por um estudioso das línguas crioulas.

Para o estudante de pidgin e crioulo não há como escapar do problema de variação devido aos fatores histórico-sociais que modelaram e ainda modelam essas línguas. Todas as línguas apresentam variação, mas no caso das línguas crioulas a variação é mais dura de ser ignorada pelos linguistas e vários fatores sociais contribuem para isto[...]

Rooij (1994: 53)⁷

Rooij (1994) aponta para a situação de bilinguismo, entre as línguas crioulas e suas línguas lexicificadoras. Essa situação de bilinguismo é aquela que apresentamos acima como diglossia (um bilinguismo disfuncional) – ver Veiga (2004: 102). Segundo Rooij (1994) essa

⁵ No caso de Cabo Verde, esse conceito de língua segunda deveria até ser revista, pois na realidade a língua portuguesa não é bem a língua segunda dos caboverdianos, mas sim a língua oficial e acadêmica.

⁶ Paulo Freire esteve em Cabo Verde por várias vezes durante o seu período de exílio – ver entre outros, Gadott (2010).

⁷ Tradução de Oliveira (2012).

situação de contacto linguístico gera uma variação sincrônica denominada de ‘contínuo crioulo’, com se vê em:

(1)

Ver representação deste contínuo em Rooij (1994: 58)

Como já foi apontado acima, em Cabo Verde, essa divisão dialetal de que fala Rooij (1994) é bem demarcada tanto entre os dialetos de Barlavento e os dialetos de Sotavento, quanto entre as variedades dialetais de cada ilha.

A divisão dialetal de Cabo Verde pode ser explicada pela forma como foram povoadas as ilhas. Primeiramente foi povoada a Ilha de Santiago, seguida da ilha do Fogo. Em uma segunda fase foram povoadas as ilhas de Santo Antão e São Nicolau e numa terceira fase as demais ilhas. As ilhas de Fogo, Santiago, São Nicolau e Santo Antão foram as únicas que receberam escravos diretamente do continente africano. As demais ilhas foram povoadas com pessoas vindas das quatro ilhas primeiramente povoadas e colonos vindos da metrópole e das ilhas de Madeira e Açores – ver Lopes (1989).

De um ponto de vista linguístico as variantes mais importantes são as de Fogo, Santiago, São Nicolau e Santo Antão, e qualquer estudo profundo do crioulo deve ter em conta pelo menos estas quatro variantes. São as únicas ilhas que receberam escravos diretamente do continente africano, e são as ilhas que possuem características linguísticas mais conservadoras e mais distintas entre si.

De um ponto de vista social as variantes mais importantes são as de Santiago e São Vicente, e qualquer estudo ligeiro do crioulo deve ter em conta pelo menos estas duas variantes. São as variantes dos dois principais núcleos

urbanos (Praia e Mindelo), são as variantes com maior número de falantes e são as variantes que têm uma tendência ‘glotofagista’ sobre as variantes vizinhas.

(Cabo Verde (2012) - *Porton di nos Ilha* – grifos acrescentados)⁸.

Talvez não seja necessário atribuir o grau de importância às variantes dialetais tal como nas citações acima, mas o fato das quatro ilhas (Santiago, Fogo, Santo Antão e São Nicolau) terem recebido escravos diretamente do continente africano não pode ser ignorado. Há ainda o fator da influência que as variantes urbanas exercem sobre as variantes vizinhas. Cabo Verde (2012) usa o termo ‘glotofagista’ para descrever essa influência dialetal que as variedades de certas das ilhas consideradas urbanas exercem sobre as outras ilhas. Por exemplo, a variante dialetal de São Vicente, uma ilha praticamente urbana e turística, exerce grande influência nas variantes vizinhas de Santo Antão, São Nicolau e ilha do Sal⁹.

Os dois grupos dialetais são claramente distinguíveis entre si por traços característicos de cada grupo: fonéticos/fonológicos, lexicais, semânticos, pragmáticos e bem provavelmente os sintáticos. Para além das divisões macrodialetais (Barlavento e Sotavento), cada ilha possui seu próprio dialeto e que é diferente dos demais dialetos das outras ilhas. Mas mesmo com as diferença dialetais entre as ilhas, um dialeto de uma ilha de Barlavento será sempre mais próximo do outro dialeto de Barlavento do que qualquer outro de Sotavento, e vice versa para qualquer um dos dialetos de Sotavento.

⁸ Site Oficial do Governo da Republica de Cabo Verde direcionado aos Cidadãos caboverdianos em Cabo Verde e na diáspora: <http://www.governo.cv/>- na aba História.e sub-aba A Língua Caboverdiana.

⁹ Lopes (2010), em seu estudo: *Palatização da Fricativa (sibilante) Dental na Variante Dialetal de São Nicolau por influência da Variante Dialetal de São Vicente*, embasado em entrevistas da Televisão Nacional de Cabo Verde, revela que há grande influência da variante de São Vicente sobre a variante de São Nicolau mesmo em locais rurais remotos.

Figura 3 – Divisão Regional de Cabo Verde

Fonte: <http://www.africa-turismo.com/mapas/cabo-verde.htm>

1.2. O PROCESSO DE NORMATIZAÇÃO E OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA

Como já foi mencionado acima, a situação sociolinguística de Cabo Verde é uma de diglossia, ou seja, bilinguismo disfuncional no conceito de Hornberger (2003). Por cerca de meio século, Cabo Verde foi uma colônia portuguesa e consequentemente a língua oficial é o português. Não obstante, as ideologias nacionalistas que começaram na Europa na altura da formação das nações da Europa ocidental começariam a se manifestar em Cabo Verde muito antes da independência que ocorreu em 1975. Uma das questões importantes, nas políticas nacionalistas, era a da língua nacional. Assim as nações europeias buscaram normatizar as línguas vernáculas por meio de criação de instrumentos normativos como gramáticas, que

floresceram nos meados do século XVI na Europa e depois se alastraram pelo mundo colonial por onde passaram os europeus – ver (Auroux, 1992).

A língua caboverdiana, como um crioulo, sempre foi considerada pelos colonos portugueses e, por influência destes, pelos próprios falantes, como uma língua sem regra e impossível de ser escrita e normatizada – ver Adolfo Coelho (1881). Não obstante, houve quem se aventurasse a estudar línguas como o caboverdiano no final do século XIX. A escrita da língua caboverdiana antecede a sua oficialização (que até o momento se aguarda com muita ansiedade e debate). O documento oficial do Governo de Cabo Verde que institui o Alfabeto Caboverdiano como o sistema gráfico nacional para a escrita da língua caboverdiana (Cabo Verde, 16 de Março de 2009) faz um resumo histórico da grafia da língua caboverdiana.

O filólogo português Adolfo Coelho é considerado o pioneiro da escrita da língua caboverdiana. Em seu trabalho “*Os Dialectos Românicos ou neolatinos da África, Ásia e America*”, publicado em 1881, Coelho teria se baseado no alfabeto português (base etimológica) para escrever o caboverdiano. Em 1885, o caboverdiano António de Paula Brito lançaria um novo modelo baseado no alfabeto português, mas de forma sistematizada e aproximando-se da escrita de base fonético-fonológica. Mas apesar da sua funcionalidade, este nunca viria a ser usado, o que não acontece com o de Adolfo Coelho que teria continuidade no século XIX, século XX e até mesmo na atualidade. Na primeira metade do século XX, a escrita de base etimológica foi utilizada por vários intelectuais e poetas tais como: Cónego Teixeira, Napoleão Fernandes, Eugénio Tavares e Pedro Cardoso. Na segunda metade do século XX, a escrita de base etimológica ganharia maior impulso com os trabalhos académicos dos filólogos Baltasar Lopes da Silva e Maria Dulce Almada Duarte. Essa grafia de base etimológica seria também usada por poetas, compositores e escritores como: B. Léza, Sérgio Frunzoni, Luís Romano, Jorge Pedro Barbosa, Ovídio Martins, Kaoverdiano Dambará, Kwame Kondé, Emanuel Braga Tavares, Ano Nobo, Manuel d’Novas, entre outros.

Em 1979, quatro anos após a independência de Cabo Verde, foi organizado o 1º Colóquio Internacional sobre a Valorização do Crioulo Caboverdiano. Nesse encontro surgiu a primeira proposta para o modelo de alfabeto fonético-fonológico para a escrita da língua caboverdiana. Mesmo sendo pouco sistemático, ele foi usado e criticado largamente durante dez anos. Em 1989, este modelo foi avaliado no Fórum de Alfabetização Bilíngue que recomendou a reforma do mesmo. Em 1993, foi criado o Grupo de Padronização formado por linguistas, professores e

escritores, que trabalharam durante seis meses apresentando a proposta do Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano – ALUPEC. Este seria institucionalizado, a título experimental em dezembro de 1998. Em dezembro de 2008, foi realizado um Fórum para reavaliar o ALUPEC que teve avaliado positivamente o seu uso. Assim, o ALUPEC foi instituído como o Alfabeto Caboverdiano a 6 de Março de 2009, pelo Presidente da Republica de Cabo Verde, Pedro Verona Rodrigues Pires.

A instituição oficial do Alfabeto Caboverdiano não significa o fim do debate sobre a forma de escrever a língua caboverdiana. Basta uma simples pesquisa pelo mundo virtual para nos apercebermos da polêmica em torno do assunto. Há aqueles que são apoiadores e adotam o Alfabeto e aqueles contrários e não usam.

1.2.1. Exemplificando o Uso do o Alfabeto Caboverdiano

Segundo Cabo Verde (2009), o alfabeto Caboverdiano é um sistema de escrita de base fonético/fonológico que busca fazer corresponder um símbolo gráfico a um único fonema. O Alfabeto integra vinte e quatro letras e quatro dígrafos, devendo a ordem das letras figurar antes dos dígrafos. As letras são as seguintes:

A B D E F G H I J K L M N Ñ O P R S T U V X Y Z

Os dígrafos os seguintes:

DJ LH NH TX

Ainda são usados outros símbolos tais como o “y” para representar a conjunção integrante ‘e’ e o “N” para representar a forma nominativa da primeira pessoa do singular. Como qualquer outro alfabeto, por mais que se queira, a de correspondência de um grafema a um fonema nunca é uma correspondência perfeita.

Atente para alguns trechos que exemplificam o uso do alfabeto caboverdiano:

- AKTB – Asosiason Kabuverdianu Pa Traduson di Biblia “Associação Caboverdiana para a Tradução da Biblia

Trecho da História do Bom Samaritano¹⁰

¹⁰ A história completa está na página da AKTB disponível em : <http://www.aktb.org/>. Acessado 14 de junho de 2012.

Bon Samaritanu

²⁵*Na kel óra, anton, labanta un dotor di lei, di rilijion di judeus, ki tinha txeu skóla. E kreba sprimenta Jizus y e faze-L un purgunta difísil: «Méstri, kuzê ki N debe faze pa N ten vida itérnu?»*

²⁶*Jizus risponde-l y E fla-l: «Kuzê ki sta skrebedu na lei di Moizés sobri es asuntu y módi ki bo bu intende-l?»*

²⁷*Kel dotor di lei risponde: «Lei di Moizés ta fla si: «Ama Senhor bu Déus ku tudu bu kurason, ku tudu bu alma, ku tudu forsa ki bu korpu ten y ku tudu bu manera di pensa. Y ama bu prósimu sima bu ta ama bu kabésa.» »*

- Blog de Caboverdianos Residentes nos EUA Promovendo o Uso do Alfabeto Caboverdiano

Trecho de uma notícia publicada no Blog¹¹:

Ka dura, kantu ki inda nu staba ta pensa na kal universidadi na es zóna di Nóva Inglaterra ki midjór ta sirbiba pa organiza enkontru di nos Primeru Ministru, Dr. José Maria Neves, ku jóvens kabuverdianus, na konbérsu na telefóni sobri es asuntu, un nha amigu fla-m: «Montrond, dja N pensa na MIT, na Harvard University, Na UMass, na Bridgewater Sate College ki oji é Bridgewater State University, má nos «Harvard» y nos «MIT» é Massasoit Community College, undi ki maioria di jóvens kabuverdianus ta kuintina ses studu óras ki es termina liséu».

- A Declaração Universal dos Direitos Humanos pela UNESCO

Cabe observar que a declaração universal dos direitos humanos está traduzida para a língua caboverdiana, mas não usa o alfabeto caboverdiano e podemos observar várias interferências da língua portuguesa. Atente para o seguinte trecho desse documento¹²:

Gabineti di Documentaçon e Cusas de Tribunal Qui ta Tchomado "Direito Comparado"

¹¹ Disponível em: <http://alupeckatentadju.blogspot.com.br/2012/04/merkanus-sa-ta-prende-kriolu-manenti-na.html>. Acessado em 14 de junho de 2012.

¹² Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/CRIOULO%20CABO%20VERDE.html>. Acessado em 14 de junho de 2012.

*Declaraçon di mundo intêro di Drêto di tudo homi co tudo mudjer
Padrinhado e porclamado num Assembleia Geral di quel grupo di trabadjo
qui fazê quel Resoluçon 217A (III) di 10 di Dizembro di 1948*

Primêro Comberso

*Nu ta considrâ qui, reconhecimento di dignidadi qui ta fazê parti di tudo
membro di família humano e di sês drêto qui ê igual e qui nu ca podê squecê,
nem ficâ separado di el, ê fundamento di liberdadi, di justiça e di paz di riba
di ês mundo;*

*Nu ta considrâ qui, desconhecimento e desprezo di drêto di tudo homi e di
tudo mudjer lêbanu pa fazê cusas di rundade qui bem raboltâ concença di
tudo Humanidadi. Nu sa ta spêrâ pa tchigâ um mundo undi tudo ser humano
ta bem podê ser libri di podê papiâ e di crêditâ, liberto di terror e sim medo
di pássâ fomi e di miséria. Tudo ês cusa bem ta ser porclamado cuma um
inspiraçon muto importanti pâ nôs tudo: pâ homi e pâ mudjer.*

1.2.2. Alguns Obstáculos na Implementação do Alfabeto Oficial

Deixando de lado questões sociopolíticas, sem desmerecer a sua importância no quadro da política linguística do país, podemos apontar para algumas questões de ordem linguísticas no tocante ao uso do ALUPEC na escrita das variantes dialetais do Barlavento. Existem diferenças fonéticas/fonológicas consideráveis entre as duas variantes macro dialetais: Uma delas a que referimos tem a ver com a estrutura silábica. Vimos que o CST (uma variante do Sotavento) apresenta uma estrutura silábica de CVC predominante, enquanto que o CSN apresenta estruturas silábicas bem complexas (com onset de até 4 consoantes – CCCCCV). Na busca por um alfabeto funcional e o mais simples possível, foram excluídos alguns sinais diacríticos que na realidade não são essenciais para a escrita do CST, mas necessárias para a escrita de variantes do Barlavento, como o CSN. Entre tantas diferenças fonológicas, podemos tomar como exemplo a perda do vogal final no CSN que cria ambientes fonéticos/fonológicos que podem causar ambiguidades na escrita. Temos por o exemplo a homofonia de três morfemas no CSN criada por condicionamentos fonológicos o que não acontece com o CST:

(1)

a. N txiga **ku el** lanbudu na kosta – CST

N	txiga	ku	el	lanbudu	na	kosta
1SG.NOM	chegar-PFV	com	3SG.DAT	carregar-PTCP	em	costas

Eu cheguei com ele carregado nas costas.

b. N jga **kel** kangôd na kosta – CSN –

N	jga	k'	el	karregód	na	kosta
1SG.NOM	chegar-PFV	com	3SG.DAT	carregar-PTCP	em	costas

Eu cheguei com ele carregado nas costas.

Em (1) a parte grifada **ku el** ‘com ele’ em (1.a), variante de Santiago, corresponde ao grafado como um único morfema em (1.b), **kel** ‘com ele’ na variante de São Nicolau. Ocorre a perda do vogal final ‘u’ do morfema **ku** ‘com’ em CSN, resultando em **k’** ‘com’ que elide com o pronome **el** ‘ele’ pronunciado como se fosse uma palavra única. No entanto são dois morfemas diferentes: a preposição **k’** ‘com’, e pronome **el** ‘ele’ como se pode ver com o auxílio da glosa. (2)

a. N odja **kel** bo primo – CST

N	odja	kel	bo	primo
	ver-			
1SG.NOM	PFV	aquele	2SG.POSS	primo

Eu vi aquele teu primo

b. N odja **kel** bo prim – CSN

N	odja	kel	bo	prim
	ver-			
1SG.NOM	PFV	aquele	2SG.POSS	primo

Eu vi aquele teu primo

Em (2) não há alterações, pois se trata de um morfema único, o determinante **kel** ‘aquele’, o mesmo nas duas variantes.

(3)

a. Dja N kumi kuze **ki el** trazê-m – CST

Dja	N	kumi	kuze	ki	el	traze	-m
já	1SG.NOM	comer-PFV	o que	COMP	3SG.NOM	trazer	1SG.DAT

Eu já comi o que ele me trouxe.

b. Djó-N kme kze **kel** trazê-m – CSN

Djó	N	km{e	kze	k'	el	trazê	-m
------------	----------	-------------	------------	-----------	-----------	--------------	-----------

já 1SG.NOM comer-PFV o que COMP 3SG.NOM trazer 1SG.DAT
Eu já comi o que ele me trouxe.

Em (3) a parte grifada **ki el** ‘com ele’ em (3.a), variante de Santiago, corresponde ao grafado como um único morfema em (3.b), **kel** ‘com ele’ na variante de São Nicolau. Ocorre a perda da vogal final ‘i’ do morfema **ki** ‘que’ em CSN, resultando em **k** ‘que’ que elide com o pronome **el** ‘ele’ pronunciado como se fosse uma palavra única. No entanto são dois morfemas diferentes: o morfema **k** ‘que’, e pronome **el** ‘ele’ como se pode ver com o auxílio de glosa.

Devido à estrutura silábica complexa do CSN, os falantes dessa variante do CCV acham difícil a grafia da mesma e alegam que o Alfabeto oficial (anteriormente denominado de ALUPEC) é inapropriado para a escrita do crioulo de São Nicolau¹³. Porém, todos os dados do crioulo de São Nicolau nesta dissertação são grafados usando o alfabeto caboverdiano oficial. Para evitar ambiguidades como as que vemos em (1, 2 e 3), nesta pesquisa adotamos o uso de sinais diacríticos adicionais tais como o apóstrofe entre dois morfemas que se elidem, tal como acontece na grafia do francês. Assim quando há elisão de um morfema com a palavra imediata em CSN como em (1, 2 e 3), usamos um apóstrofe entre os dois morfemas, como demonstramos com a renumeração de (1, 2 e 3) em:

(4) N jga **k’el** kangôd na kosta – ‘eu cheguei com ele carregado nas costas’

(5) N odja **kel** bo primo – ‘eu vi aquele teu primo’

(6) Djó-N kme kze **k’el** trazê-m – ‘eu já comi a coisa que ele me trouxe’

O apóstrofe (‘) indica que os dois morfemas são pronunciados como um só, mas são dois morfemas distintos e com funções sintáticas distintas. Adotamos essa medida especialmente para questões de análise sintática que é o cerne desta pesquisa.

1.3. SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Em termos de recursos naturais, Cabo Verde poderia ser considerado um dos países mais pobres do mundo. Cabo Verde é um país, desprovido de recursos geradores de capital financeiro, tais como petróleo e minérios. Apesar de estar localizado perto de um dos trópicos, as chuvas são escassas (apenas nos meses de julho a setembro) e o país é constantemente afetado pelas brumas

¹³ A Profª Flaviane Svartmam chamou atenção para a hipótese de além da elisão das vogais, ocorrerem outros condicionamentos fonológicos tais como ritmo diferente entre outros.

secas que vêm do deserto de Saara. Sendo um país que depende totalmente da importação dos produtos de primeira necessidade, em períodos de conflitos internacionais (tal como as duas guerras mundiais), juntamente com as secas que assolam o país, Cabo Verde tem passado por grandes crises de fome. Uma dessas crises é perpetuada através da lírica de duas canções tornadas mundialmente conhecidas pela cantora caboverdiana Cesária Évora: **Kin mostro- b es kaminhu pa Santomé** '*Quem te mostrou este caminho longe até São Tomé*' e **Fom d'Korenta** '*Fome dos anos 1940*'.

Apesar desse passado não muito agradável e ainda fresco na memória dos caboverdianos, Cabo Verde tem tirado grande proveito da ajuda internacional que tem recebido desde sua independência em 1975. Em 1990 foi introduzido o sistema pluripartidário - que tem levado a uma democracia com considerável maturidade e referência para a região africana. Em Dezembro de 2007, 32 anos após sua independência, e após três anos de teste através da resolução da Assembleia Geral da ONU 59/209, Cabo Verde passou a fazer parte dos países de desenvolvimento médio (Africanidade, 02 de Janeiro de 2008). Essa resolução quer dizer que atualmente Cabo Verde não é considerado um país extremamente pobre, mas é um país em vias de desenvolvimento. Segundo o relatório do Fundo Monetário Mundial de Abril de 2011¹, Cabo Verde possui uma renda per capita de 3,782 USD, um PIB de cerca de 2,013 milhões de USD. A expectativa de vida ronda os 71.7 anos, a mortalidade infantil em torno de 24,6 crianças em cada 1000, e uma taxa de alfabetização de 81,2%.

Havendo apresentado um histórico resumido de Cabo Verde e seu crioulo, a seguir apresentamos um breve histórico da ilha de São Nicolau cuja variedade dialetal é o objeto da nossa análise nesta dissertação.

1.4. A ILHA DE SÃO NICOLAU E SEU CRIOULO

A ilha de São Nicolau faz parte do grupo das ilhas de Barlavento do arquipélago de Cabo Verde. Possui um território de cerca de 350 km², e uma população de cerca de 13.500 habitantes. Ela teria sido descoberta por Diogo Afonso em 1461, mas só seria povoada em 1510. São Nicolau entraria para os anais da história pelo fato de a armada de Pedro Alves Cabral ter passado por suas águas na viagem que levaria ao descobrimento do Brasil. O povoamento da ilha de São Nicolau se deu com famílias vindas de Madeira e possivelmente já com seus escravos. Desde o início do seu povoamento até os dias de hoje uma das principais fontes de rendimento

tem sido a agricultura, pelo que São Nicolau foi considerado o celeiro das ilhas do Sal e Boavista. Já em 1720, a ilha teria uma população de cerca de 13.500 habitantes, mas as crises de fome, como as de 1773/75 e as epidemias de cólera viriam a ceifar mais da metade da população pelo que em 1880, São Nicolau contava apenas com cerca de 7.500 habitantes. As fomes de 1900 e de 1941/42 viriam a ceifar novamente cerca de um terço da população – (cf entre outros, Bleno (1991); Albuquerque & Santos (1991, 1995); Lopes (1989)).

Figura 4
Ilha de São Nicolau
<http://www.conscv.nl/caboverde/nicolau.html>

Ao longo de sua história, a ilha de São Nicolau desempenhou papéis importantes na história de Cabo Verde: No Séc. XIX, São Nicolau era a principal comarca da região de Barlavento; pode-se dizer que São Nicolau foi a primeira ilha de Cabo Verde a ter uma formação de ensino “superior” – o Seminário Liceu de São José foi instalado aí nessa ilha e de onde saíam grandes nomes da história de Cabo Verde tais como o filólogo e escritor Baltazar Lopes, o poeta José Lopes, e o escritor António Aurélio Gonçalves. Nesse Seminário Liceu viria a estudar um total de 3850 alunos dos quais 220 foram portugueses vindos do continente africano, Madeira e Açores e 120 de Guiné-Bissau (Neves, 2001). Os formados no Seminário de São Nicolau saíram para ocupar importantes cargos por toda a província portuguesa de então – ocuparam cargos “Desde os lugares de professores primários até aos de secretário geral do governo, passando pelos tribunais, alfândegas, Câmaras, serviços administrativos, etc., no início do século XX, estes estavam quase todos nas mãos de Cabo-verdiano” (Oliveira, 1998).

CAPÍTULO II

AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS NA LITERATURA

2.0. INTRODUÇÃO

Uma oração relativa pode ser definida de acordo com a perspectiva com que é feita sua análise sintática, como demonstraremos a seguir.

Segundo a gramática tradicional – cf. entre outros, Cipro Neto & Infante (1998); Bechara (1999: 219); Cunha & Cintra (1985) – as orações relativas são tratadas como construções sintáticas pertencentes ao grupo denominado de período composto por subordinação – isto é, sentenças com duas ou mais orações em uma relação de subordinação em que uma das orações atua como a subordinante e a(s) outra(s) como subordinada(s). São três os tipos de subordinadas descritos pelos gramáticos, baseados na função sintática que as orações subordinadas estabelecem com relação à oração matriz: (a) *substantiva* – é uma oração do tipo ‘nome’ cuja função no período simples normalmente é semelhante à desempenhada por substantivos como exemplificada pela parte grifada em (1); (b) *adjetiva* – um adjetivo em forma de oração, uma oração do tipo adjunto adnominal, como exemplificado em (2); e *adverbial* – uma oração que exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal como em (3) – ver Cipro Neto & Infante (1998: 161-175):

- (1) Helena disse **que enviou os documentos ontem**¹⁴
- (2) Não suporto gente **que mente**¹⁵
- (3) **Quando vi a Pietá**, senti uma das maiores emoções de minha vida¹⁶

Das categorias acima, as orações subordinadas adjetivas tais como a exemplificada em (2), correspondem às que nesta pesquisa tratamos como orações relativas. No entanto, o tratamento que daremos às construções relativas em CSN não será o mesmo descritivamente dado pelos gramáticos. Portanto, a seguir, antes de propormos uma descrição e análise da tipologia das relativas nessa variante do CCV, procedemos a uma revisão da literatura sobre relativas: (i) em teoria da gramática e (ii) no caboverdiano.

¹⁴ Oliveira (2010: 176); Dado (40), renumerado (grifos acrescentados).

¹⁵ Cipro Neto & Infante (1998: 166).

¹⁶ Cipro Neto & Infante (1998: 171).

2.1. CONSTRUÇÕES RELATIVAS EM TEORIA DA GRAMÁTICA

Segundo de Vries (2002: 14) as orações relativas se manifestam de diferentes maneiras e, seguindo Downing (1978: 378), o autor afirma que é impossível uma caracterização sintática universal das relativas. As características universais das relativas só podem ser concebidas em termos semânticos de *correferência* e *asserção*: há uma *correferência* entre os constituintes que estão dentro e os que estão fora da oração relativa e a oração relativa é uma *asserção* sobre o NP relativizado. De Vries explica que essas duas características não são precisas o suficiente, logo propõe duas propriedades que julga ser essenciais para definir relativas: (i) a subordinação e (ii) o fato de essas orações estarem conectadas ao material circundante por meio de um constituinte chamado *pivô*.

De Vries usa o termo *pivô* por esse envolver propriedades “*mais fortes que apenas correferência*”: pivô é um constituinte partilhado semanticamente pela oração matriz e pela oração relativa – ver de Vries (2002: 14-15). A seguir, resumimos a noção de pivô com os exemplos abaixo:

- (4) a. Não conheço **a pessoa** [**que** a Maria admira] → Relativa com Antecedente
b. Não conheço [**quem** a Maria admira] → Relativa sem Antecedente

Em (4a) o constituinte [a pessoa] é partilhado semanticamente pela oração matriz [não conheço] e pela oração relativa [que a Maria admira], logo é o pivô da construção relativa em (4a). Pelo fato do pivô estar explícito na oração matriz, ele é chamado de *antecedente*. De Vries (2002: 14) aponta a seguinte estrutura para sentenças como em (4a): [oração matriz ...[N RC (oração relativa)]...], em que a oração relativa contém uma lacuna que pode ser preenchida por um relativizador, que em (4a) é o complementizador ‘que’. Em (4b) não há um antecedente nominal explícito na oração matriz. O constituinte partilhado pela oração matriz e pela a oração relativa é o pronome relativo ‘quem’; logo o pivô dessa construção relativa. Portanto, em (4b), o pivô é interno à oração relativa e ocupa a posição frontal dessa oração. Para construções relativas como em (4b), de Vries (2002: 14) aponta a seguinte estrutura: [oração matriz ...[RC (oração relativa) NP ...] ...], em que a lacuna está na oração matriz e é preenchida pela oração relativa inteira.

De Vries (2002: 15) destaca ainda uma terceira propriedade universal das orações relativas: o papel temático e a função sintática que o pivô desempenha na oração relativa são em princípio independentes de suas funções fora da relativa, como exemplificamos abaixo¹⁷:

(5) **A moça [com quem José falou] estuda física**

- **a moça** – papel temático: ‘tema’; função sintática: argumento externo de ‘estuda’
- **quem** (a moça) – papel temático: ‘alvo’; função sintática: argumento interno oblíquo de ‘falar’

2.1.1. Relação das Relativas com o Pivô – Mioto & Negrão (2007)

Quanto à forma como a oração relativa em termos estruturais se relaciona com o pivô, realizado na sentença matriz, existem duas concepções opostas dentro da literatura: (i) uma delas encara o CP relativo como um adjunto do pivô (do NP ou do DP antecedente da relativa); (ii) a outra concebe que existe uma relação de complementação entre o CP e o pivô. Para exemplificarmos estas duas vertentes, recorremos a Mioto & Negrão (2007: 160, 161):

(i) Relação de Adjunção entre o CP Relativo e o Pivô¹⁸

(6)

(ii) Relação de Complementação entre o CP Relativo e o Pivô¹⁹

A relação de complementação se resolve de dois modos diferentes:

- O primeiro modo é que o CP é complemento de N' como se vê em:

¹⁷ A exemplificação é nossa.

¹⁸ A representação é de Mioto & Negrão (2007: 160; 3a), renumerada. O título é nosso.

¹⁹ As representações são de Mioto & Negrão (2007: 161; 3b, c), renumeradas. O título é nosso.

(7)

b. O segundo modo é que o CP é adjunto do determinante como se vê em:

(8)

O especificador do CP é o lugar destinado a receber o pivô que se origina dentro do TP relativo.

Neste trabalho, como se pode ver no Capítulo 4, assumimos a relação de adjunção entre o CP relativo e o pivô, apontado na estrutura em (i) – na definição de relativas, assumimos essas como sentenças com funções adjetivas, logo desempenhando a função de adjunto de um NP.

2.1.2. Introdutores de Relativas

A seguir apresentamos os diferentes introdutores de orações relativas.

De Vries (2002: 62) apresenta um quadro que resume o que denomina de ‘elementos relativos’ nas línguas do mundo.

Figura 1 – Elementos Relativos²⁰

Para o autor, as línguas podem utilizar um elemento não explícito ou dois tipos de relativizadores para introduzir as orações relativas: (i) ‘pronomes relativos’; e (ii) ‘partículas relativas’ (complementizadores, marcadores e afixos), como exemplificamos com dado do Inglês do próprio autor²¹:

(9) Do you know the woman *who/that/Ø* we met this morning?

Em inglês a relativa em (9) pode ser introduzida pelo pronome relativo ‘*who*’, o complementizador ‘*what*’, ou ainda nenhum elemento expresso fonologicamente (*Ø*).

Como se vê na Fig. 1 acima, além dos introdutores de orações relativas, de Vries aponta ainda a estratégia de relativização com ‘pronomes resumptivos’.

Dos elementos atestados na Figura 1, não fazem parte da sintaxe do CSN, nem da do português (sua língua lexificadora), os ‘marcadores relativos’ e os ‘afixos relativos’. Logo, tais elementos não são resenhados a seguir. Diferentemente, os ‘pronomes relativos’, ‘complementizadores relativos’ e ‘pronomes resumptivos’ são alvos de nossa atenção a seguir.

2.1.2.1. *Pronomes Relativos*

Para de Vries (2002: 158) um pronome relativo é um introdutor de relativa da categoria pronome/determinante (D), logo um pronome relativo é um D relativo – daqui em diante – D_{rel}. De Vries (2002: 178) apresenta as principais características dos D_{rels}: (i) são pronomes que sofrem movimento-Wh, logo possuem traços dos pronomes-Wh; (ii) ocupam a posição frontal da oração relativa; (iii) recebem caso (abstrato) da oração subordinada; (iii) estabelecem

²⁰ De Vries (2002: 62, traduzido) – Figure 10. Relative elements.

²¹ De Vries (2002: 62), dado (95), reenumerado.

concordância (abstrata) obrigatória com o núcleo do NP antecedente, caso este exista; (iv) podem apresentar complexidade morfológica; (v) normalmente são demonstrativos e/ou morfemas interrogativos-Wh. Para exemplificamos um pronome relativo, retomemos o exemplo (4b), agora reenumerado em:

(10) Não conheço [**quem** a Maria admira ~~quem~~]

Em (10) há uma construção relativa em que a oração encaixada [quem a Maria admira] funciona como argumento interno do VP [conheço] da oração matriz [não conheço]. A oração encaixada/relativa [quem a Maria admira] é introduzida pelo pronome ‘quem’ que sofre movimento-Wh da posição de argumento interno do VP [admira] para a posição frontal dessa oração. O pronome ‘quem’ desempenha o papel de pivô interno da construção relativa em (10), pois é partilhado pelas duas orações da sentença e não há um antecedente nominal explícito em (10). Observamos ainda que o pronome ‘quem’ apresenta a mesma forma do pronome-Wh ‘quem’ no português, logo, o ‘quem’ em (10) apresenta traços-Wh. Por essas razões é que o ‘quem’ é tratado como um pronome relativo. Assim como pivô interno, como demonstramos na seção (2.1.1.) deste Capítulo, este vai ocupar a posição de especificador do sintagma complementizador [Spec, CP].

2.1.2.2. Complementizadores Relativos

Segundo de Vries (2002: 173-174), os *complementizadores relativos* são elementos que numa língua ocupam a posição sintática do núcleo do sintagma complementizador [C_0 , CP] sem estabelecer concordância de caso com o nome [NP] antecedente e sem movimento. Quanto à origem, os complementizadores são palavras funcionais que normalmente se originam pelo processo de gramaticalização a partir de outros elementos sintáticos como determinantes e palavras interrogativas. Podem aparecer no fim da oração em línguas em que os núcleos normalmente seguem seus complementos, ou no início da oração nas línguas como o inglês e o caboverdiano, em que os núcleos precedem seus complementos – ver entre outros, Rosenbaum (1967)²².

²² Rosenbaum não inclui o caboverdiano na lista de línguas que menciona, mas os nossos dados corroboram que pertence a esse grupo de línguas.

Autores brasileiros vêm chamando a atenção para variedades do Português Brasileiro – daqui em diante, PB – que introduzem relativas com complementizadores. Veja o exemplo abaixo de Oliveira (2010: 275)

(11) O funcionário [**que**_i você entregou as pastas **para ele**_i] não veio hoje

A autora reforça que o ‘que’ acima não é pronome relativo, mas complementizador. Pesquisas atuais apontam que a presença do pronome resumptivo ‘para ele’ em sentenças relativas como em (11) é a prova de que os falantes não percebem o ‘que’ como uma retomada semântica/sintática do NP relativizado (no caso, ‘o funcionário’).

2.1.2.3. *Estratégia de Relativização com Pronomes Resumptivos*

De Vries (2002), como apontado na Fig. 1, apresenta a estratégia de relativização com *pronomes resumptivos*: pronomes demonstrativos ou pessoais que ocupam a posição relativizada. Como exemplo, retomamos o dado em 6, renumerado:

(12) O funcionário [**que**_i você entregou as pastas **para ele**_i] não veio hoje

Como já elucidado acima, ‘para ele’ é um caso de pronome resumptivo.

Em línguas como o PB, quando uma relativa é introduzida por um complementizador, como em (12), a posição relativizada não pode ficar vazia, ocorrendo então o aparecimento de um *pronome resumptivo* para preencher a lacuna criada na posição relativizada – sobre pronomes resumptivos no PB, ver Tarallo (1983); Kato & Raposo (1996). Acerca da descrição da estratégia de relativização envolvendo pronomes resumptivos, ver Shlonsky (1992); de Vries (2002: 173).

2.1.3. Tipologia das Relativas

Quanto à tipologia, as relativas são divididas em dois grupos, com base na presença ou ausência de um núcleo nominal antecedente explícito: *relativas com núcleo nominal*, como se vê em (13); e *relativas livres* (sem antecedente explícito), como se vê em (14) – ver entre outros, Braga, Kato & Mito (2009: 242); de Vries (2002: 43); Oliveira (2010: 221). Exemplificamos com os dados abaixo (português europeu (PE)):

(13) O carro do João, que está na oficina há três meses, é muito pequeno²³

(14) Ninguém viu aonde eu fui²⁴

As relativas com núcleo nominal antecedente explícito são assim denominadas porque qualificam um núcleo externo que, como exemplificado em (13), é o NP [o carro do João]. Diferentemente, em (14), não há antecedente nominal explícito. A relativa é introduzida pelo pronome relativo ‘aonde’ – estas sentenças serão retomadas na subseção (2.1.2.2.).

Sentenças com antecedentes explícitos se subdividem em *restritivas* e *não restritivas* (ou *apositivas*). Tanto as restritivas como as apositivas estabelecem uma relação semântica com o antecedente expresso fonologicamente. A seguir apresentamos as relativas restritivas e não restritivas.

2.1.3.1. *Restritivas e Não Restritivas – Negrão (1992)*

Segundo Negrão (1992: 84), apesar de apresentarem estrutura similar, as relativas restritivas e não restritivas contribuem “[...] *de maneira diferente para a interpretação da sentença na qual elas se inserem*”. Atente para os seguintes dados²⁵:

- (15) a. O homem que beijou Maria deixou a cidade
b. O homem, que beijou Maria, deixou a cidade

Para Negrão a sentença em (15a) tem uma leitura restritiva, pois no universo do discurso da sentença há um único homem com a propriedade de ter beijado ‘Maria’ e esse homem deixou ‘a cidade’. Em (15b), a autora propõe uma leitura de relativa apositiva, pois há um único homem e esse homem beijou a Maria e deixou a cidade. A diferença para Negrão é que em (15b) só há ‘um homem’ no universo do discurso, diferentemente de (15a) – pode haver outros homens no universo do discurso, mas só há um homem que beijou a Maria.

Mioto & Negrão (2007: 162) – daqui em diante M&N – retomando Negrão (1992) enumeram as principais diferenças entre as relativas restritivas e as não restritivas:

- (i) ao contrário das não restritivas, as relativas restritivas não podem tomar nomes próprios pessoais como pivô;

²³ Dado (59) de Alexandre (2000), reenumerado (grifos acrescentados).

²⁴ Dado (45.c) de Alexandre (2000), reenumerado (grifos acrescentados).

²⁵ Dados (7)a e b de Negrão (1992: 84) reenumerados.

- (ii) só as não restritivas podem ser introduzidas pelos pronomes-Wh como o(s) qual(ais), a(s) qual(ais);
- (iii) quando ocorre as duas em uma mesma sentença, as não restritivas seguem as restritivas;
- (iv) mais de uma restritiva pode estar relacionada a um único pivô de forma encadeada, ao passo que, no caso de mais de uma oração não restritiva estar associada a um mesmo pivô, elas devem estar ligadas por coordenação.

M&N (2007: 162) – retomando Negrão (1992) – apontam que as diferenças entre relativas restritivas e não restritivas podem ser captadas em termos do escopo do determinante: (i) as orações relativas são adjungidas a NP (e, deste modo, o determinante tem todo o escopo sobre a relativa); (ii) as orações não restritivas são adjungidas a um DP. Em nosso trabalho, assumimos a proposta de Negrão (1992), ratificada em M&N (2007) no tratamento das diferenças estruturais entre relativas restritivas e não restritiva em CSN – ver Capítulo 4 desta Dissertação.

Abaixo, apresentamos a estrutura simplificada, a partir do pivô, a fim de apontar a diferenças estruturais entre as orações restritivas e as não restritivas em (16a-b), renumeradas abaixo:

- (16) a. O homem que beijou Maria deixou a cidade
a'

b. O homem, que beijou Maria, deixou a cidade

b'

Outra diferença entre as restritivas e não as restritivas apontada por Negrão (1992: 84) é captada pela fonologia. Ao se produzir uma oração relativa não restritiva, uma pausa é feita entre o NP relativizado e a relativa que se segue; esta pausa é indicada na ortografia por meio de vírgula.

2.1.3.2. *Relativas Livres*

Além das relativas restritivas e não restritivas, a literatura apresenta ainda as relativas livres. A seguir apontamos algumas características desse tipo de relativas: (i) uma relativa livre “*nunca modifica um núcleo nominal*” – ver Braga, Kato & Mioto (2009: 247) e de Vries (2002: 43); (ii) as relativas livres são introduzidas invariavelmente por pronomes WH das categorias ontológicas [$\pm$ Humano], ‘lugar’, ‘modo’, ‘quantidade’ e ‘tempo’ e nunca mas não por pronomes WH do tipo *que* – ver Braga, Kato & Mioto (2009: 247-248)²⁶; (iii) as relativas livres são tratadas como adjunto de um DP nulo – ver Alexandre (2000: 47-48)²⁷. A seguir exemplificamos as características (i)-(iii) acima:

²⁶ Sobre essa categoria, ver Capítulo 3 desta Dissertação.

²⁷ Demonstraremos melhor esta estrutura sintática por meio de diagramação arbórea ao analisarmos as orações relativas livres em CSN.

(17) Ninguém viu aonde eu fui

(i) não há um antecedente na oração matriz [ninguém viu]; (ii) a oração relativa é introduzida pelo pronome WH ‘lugar’ ‘aonde’; (iii) assume-se que o antecedente não explícito seja um DP nulo no sentido de Alexandre (2006: 7).

2.2. AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS NÃO CONTÊM UMA RELATIVA

Ainda dentro do escopo dos estudos sobre relativas, precisamos apresentar brevemente certos conceitos que nos servirão de base para a interpretação que damos a um conjunto de dados em CSN.

Na literatura, de modo geral, as construções clivadas são tratadas como contendo relativas – ver, entre outros, Braga, Kato & Miotto (2009: 283). Tal tratamento se deve ao fato de que as clivadas contêm o morfema ‘que’, tratado como um pronome relativo.

Neste trabalho, no entanto, seguimos em outra direção, como se vê no Capítulo (6). Assumindo a abordagem de Modesto (2001), corroborada em Miotto & Negrão (2007) – ratificamos com esses autores que nem toda construção contendo um elemento ensanduichado entre a cópula e o morfema ‘que’ pode ser analisada como uma construção clivada.

As principais características das construções clivadas estão associadas a leituras de ‘contraste’, ‘exclusividade’ e ‘exaustividade’ ao lado da ‘leitura especificacional’ – ver Modesto (2001: 37). Em uma sentença especificacional há a ‘especificação’ de um valor a uma variável, ocorrendo o fenômeno chamado de foco. No caso das clivadas, o constituinte focalizado (ensanduichado entre a cópula e o morfema ‘que’) funciona como esse valor e a sentença introduzida pelo *que* é a variável, como exemplificamos com dado de Santos (2010: 32)²⁸:

(18) [É a maçã que] ela está descascando
valor: a maçã
variável: x que ela está descascando

As sentenças clivadas, como em (18), são tratadas por M&N como sentenças marcadas. Ou seja, o processo de clivagem gera uma sentença com leitura especificacional caracterizada pela obrigatoriedade de atribuição de um valor a uma variável – ver Modesto (2001:33). As clivadas

²⁸ Santos (2010: 32); dado 18, renumerado.

se opõem às sentenças predicacionais (copulativas) que predicam uma propriedade sem a especificação de um valor e “[...] *não mostram contraste, nem exaustividade (já que nenhum valor é atribuído à variável)*.” (Modesto, 2001: 40). Atente para os seguintes dados de Santos (2010: 36)²⁹:

(19) Quem gosta dele?

(20) É a menina que gosta dele

A sentença (19) é a pergunta contexto que obtém como resposta a sentença (20) em que o DP [a menina] é o valor atribuído à variável “x que gosta dele”, logo foco sentencial de (19). Por isso dizemos que em (20) há uma construção clivada. No entanto podemos obter a mesma sentença em um outro contexto discursivo em que não podemos dizer mais que se trata de uma construção clivada. Observe o seguinte dado de Santos (2010)³⁰:

(21) Qual é a pessoa que vamos chamar para a festa de Pedro?

(22) É a menina que gosta dele

A sentença em (22) é resposta para a pergunta em (21). Em (22), aparentemente uma estrutura clivada, não se atestam as leituras próprias das sentenças especificacionais. Esta sentença é dita – segundo Modesto (2001), ratificada por M&N – como uma sentença copulativa (predicacional). Logo, em (22) o morfema ‘que’ é tratado como um complementizador relativo, por se tratar de introdutor de uma oração relativa. Como uma oração relativa, o CP [que gosta dele] em (22) é um CP encaixado tal como apresentamos na seção (2.1) ao introduzirmos as orações relativas. Já em estruturas clivadas, como em (15) o CP é ‘expandido’ (cindido) – no sentido de Rizzi (1997, 2001). Logo, trata-se do fenômeno ligado a foco.

²⁹ Santos (2010: 36); dados (26) e (27), renumerados.

³⁰ Santos (2010: 36); dados (28) e (29), renumerados.

2.2.1. A Categoria Foco

Nesta subseção abordamos quatro aspectos acerca do foco que são importantes para a nossa análise: (i) a noção de foco; (ii) a estrutura de foco; (iii) a tipologia de foco; (iv) a interface sintaxe/fonologia.

2.2.1.1. A Noção de Foco

A noção de foco que assumimos é a de Zubizarreta (1998: 1), em que “[...] *foco é definido em termos da noção discursiva de pressuposição: o foco é a parte não pressuposta da sentença*”. Zubizarreta (1998: 7) propõe ainda que a interpretação de um constituinte focalizado deve ser representada por meio de duas asserções (A) no nível da Forma Lógica (LF): A₁, A₂, chamadas de *estrutura de asserção* (AS) pela autora. A seguir apresentamos uma exemplificação da AS de Zubizarreta – Santos & Oliveira (2011: 292)³¹:

(23) É o primeiro ano que vocês estão a enfrentar o ensino médio

A₁: Existe um x tal que vocês (os alunos) estão a enfrentar x.

A₂: O x tal que vocês (os alunos) enfrentam x = [_F o primeiro ano].

[.....]

A A₁ representa o contexto assertivo ou a pressuposição da sentença; a A₂ recebe a denominação de asserção principal, sendo uma sentença equativa que possui como predicado o elemento focalizado.

2.2.1.2. A Estrutura de Foco

Adotamos ainda a abordagem do CP expandido proposta por Rizzi (1997, 2002). Segundo o autor, a projeção CP compreende um sistema complexo que expressa dois tipos de informação: (i) aquelas contidas acima/fora da sentença (TP) – *ForceP/Sintagma de Força* (que serve de conector entre a estrutura superior e a inferior, e é responsável para especificar se uma sentença é uma pergunta, uma enunciação do tipo declarativo, exclamativo, ou ainda uma relativa, uma comparativa, entre outros); (ii) e informações relacionadas ao TP – *FinP/Sintagma de Finitude* (logo este sintagma conecta o sistema complementizador com o TP, especificando as

³¹ Exemplo (32), remunerado, o grifo é nosso.

propriedades tais como propriedades temporais e distinções de modo). Quando não há expansão do CP, ForceP e FinP são expressos simplifcadamente como CP.

O CP expandido pode compreender até cinco núcleos funcionais como demonstra a estrutura abaixo – Rizzi (1997):

(24)

Portanto, a periferia esquerda da sentença como se vê em (19) é o espaço estrutural onde a sentença é preparada para ser conectada com a superestrutura, isto é, o discurso.

Chamamos a atenção para os seguintes sintagmas ‘ensanduichados’ entre *ForceP* e *FinP* em (24): *FocP* – ‘*Sintagma Foco*’ – que codifica informações do tipo pressuposição, e *TopP* – ‘*Sintagma Tópico*’ – que codifica informações do tipo comentário. Como se pode observar pela estrutura acima pode haver mais de uma posição de tópico, no entanto apenas uma única posição de foco. Esses dois sintagmas nem sempre estão preenchidos na periferia esquerda da sentença.

Em Rizzi (2004), a periferia esquerda da sentença é expandida com outros núcleos funcionais a fim de que se possa prever categorias que, segundo o autor, podem ser preenchidas

na periferia esquerda da sentença, além de tópico e foco, como por exemplo a posição para o sintagma Wh, entre outros. Para exemplificações sobre essas categorias no português brasileiro, ver Polli (2008).

Neste trabalho, dentro dos aspectos que nos interessa abordar na análise do foco – clivagem – levaremos em conta a estrutura de Rizzi (1997) vista em (24). De fato, nós ainda a aplicaremos de forma simplificada, apenas enfatizando a projeção FocP – ver Capítulo 6.

2.2.1.3. *A Tipologia de Foco*

Segundo Oliveira (2005: 128):

A literatura atesta uma diversidade funcional no sistema de foco.

Kuno (1972) e Chafe (1976) apontaram a existência de foco assertivo, foco contrastivo e foco de listagem exaustiva. Watters (1979) enriqueceu a tipologia de foco proposta por Kuno e Chafe, argumentando em favor da existência de foco polar e foco polar contra-assertivo, com base em seus estudos sobre aghem.

Para os propósitos deste trabalho, nos importa a tipologia do foco assertivo e contrastivo por serem esses dois tipos de foco os atestados em CSN e ainda em português (a língua lexificadora). A seguir, apresentamos dois exemplos:

I. Foco Assertivo – Santos & Oliveira (2011: 291, renumerado; o grifo é nosso)

(25) A Teté é a primeira vez que veio para cá.

Contexto: Ch00: Vai passar de classe?

Te12: Sim, vou.

Ch00: Uma pergunta um pouco curiosa, a Teté é **a primeira vez que** veio para cá.

Como é, conseguiu adaptar-se facilmente à vida de internato ou tá difícil?

Te12: Não, consegui adaptar facilmente.

(i) *Leitura especificacional*

Em (32), há a ‘especificação’ de um valor, a primeira vez – o constituinte focalizado – para uma variável, conforme se vê abaixo na representação de sua AS.

(ii) *Tipo de foco*

Em (20), temos foco de informação representado pelo constituinte a primeira vez. A seguir, temos a representação de sua AS:

A₁: Existe um x tal que Teté veio x

A₂: O x tal que Teté veio x = [F a primeira vez]

[.....]

II. Foco Contrastivo – Santos & Oliveira (2011: 292, renumerado; o grifo é nosso)

(26) Não, é o segundo ano que vivo no internato.

Contexto: Ch00: Já vive há muito tempo no internato ou apenas é o primeiro ano?

Di21: Não, é o segundo ano que vivo no internato.

(i) Leitura especificacional

A leitura especificacional em (21) aponta para a determinação de um valor – é o segundo ano – ao constituinte focalizado disparando as leituras de contrastividade, exaustividade e exclusividade.

(ii) Tipo de foco

Em (33), temos foco contrastivo representado pelo constituinte o segundo ano. Abaixo, temos a representação de sua AS:

A₁: Há um x que (Dinho) vive no internato

A₂: Não é o caso que o x (o qual (Dinho) vive no internato) = terceiro ano

&

O x o qual (Dinho) vive no internato = segundo ano

[.....]

2.2.1.4. A Interface Sintaxe/Fonologia

Um dos parâmetros para se atestar o foco é a interface que chamamos aqui, simplificada, de sintaxe/fonologia. No entanto, antes de apontarmos para este tópico com certo detalhe, chamamos a atenção aqui para outro aspecto importante da categoria foco, interligado a este, que é a realização do foco.

As distinções de foco são realizadas de três maneiras: (i) prosódica, (ii) morfológica e (iii) sintaticamente³². Vejamos alguns pontos resumidamente:

- (i) Na maioria das línguas acentuais, as condições de realização de foco se dão via acento dentro da sentença (entoação), como é o caso de CSN.

³² Excluímos desta Dissertação a realização semântica do foco – muito importante, mas muito abrangente para ser tratada no escopo desta subseção.

- (ii) Um exemplo de realização morfológica do foco pode ser visto na língua aghem – Oliveira (2005: 131, dado renumerado):

(27) m̃ m̃ò zì kǐ-bé ñ ñé
 m̃ m̃ò zì kǐ-bé ñ ñé
 Eu P₁ comer fufu FOC [contrastivo] hoje
 “Eu comi FUFU hoje”

Na sentença acima vemos a partícula ñ ‘FOC’, responsável pela realização da marcação do foco no NP kǐ-bé ‘fufu’ (pirão).

Dados acima em (27) nos importam, pois, em nossa análise propomos um morfema como marcador de foco em CSN – ver Capítulo 6.

- (iii) Exemplos de marcação sintática de foco podem ser revistos acima em (25) e (26) por meio de estruturas clivadas. Sobre estruturas clivadas, reveja ainda a seção (2.2.).

Vejamos agora a realização do foco por meio da prosódia, atentando ainda para aspectos de sua interface sintaxe/fonologia.

No tocante à *fonologia prosódica*, tomamos por base Fernandes (2007). Fernandes (2007: 16-17), retomando Nespor & Vogel (1986), define fonologia prosódica como:

[...] uma teoria da estrutura fonológica e sua relação com a sintaxe. Segundo essa teoria, o fluxo da fala é organizado hierarquicamente dentro de domínios prosódicos e a evidência para esta hierarquia prosódica vem da operação de regras fonológicas, que se aplicam no interior de certos domínios e que são bloqueadas por algumas junturas de domínios. A estrutura prosódica é parcialmente determinada pela estrutura sintática. Em alguns casos, essas duas estruturas podem coincidir, e outros, divergir. Esta é a razão por que a sintaxe nem sempre faz as corretas previsões sobre a estrutura prosódica.

Segundo Fernandes (2007: 33-34), na literatura prosódica o foco pode ser caracterizado levando em conta: (i) uma abordagem fonética em que ênfase é dada a aspectos fonéticos, como correlatos acústicos de foco, ou (ii) uma abordagem fonológica em que a ênfase é dada à estrutura fonológica dos enunciados como constituintes focalizados.

Nesta dissertação nos limitamos à análise parcial de certos aspectos da fonologia prosódica a fim de verificarmos a marcação de foco em um conjunto de dados em CSN que serão delimitados no Capítulo 6: estruturas clivadas. A seguir apresentamos, resumidamente, três aspectos importantes ligados à fonologia prosódica e que serão abordados no Capítulo 6:

- (i) **Contorno Entoacional** – segundo Fernandes (2007: 15) o contorno entoacional é uma sequência de unidades discretas – os eventos tonais.

[...] Esses eventos são localmente definidos, constituem blocos de contorno associados a pontos específicos na cadeia segmental. [...] A representação fonética dessa cadeia de eventos tonais é o contorno de frequência fundamental (F_0).

Fernandes (2007: 15, 16)

- (ii) **Frequência Fundamental** (F_0) – a frequência fundamental (F_0) é a medida física do número de vibrações das pregas vocais por segundo expressa em Hertz (Hz) ou ciclos por segundo. Segundo t'Hart et al. (1990) e Moraes (1993) *apud* Delfino (2009: 29-30), o contorno da F_0 é o parâmetro mais relevante para o estudo quantitativo da entonação.

- (iii) **Diferença entre Tessitura e Entoação** – Delfino (2009: 30), retomando Cagliari & Massini-Cagliari (2001), define a tessitura e aponta as principais diferenças entre ela e a entoação (chamada por ele de 'entonação'):

A tessitura compreende o intervalo entre a F_0 mais alta e a mais baixa utilizada pelo falante, enquanto a entonação se refere às variações de F_0 nos limites do enunciado. Enquanto as variações de F_0 constituem os padrões entonacionais dos enunciados, as variações de tessitura podem deslocar esses padrões para níveis mais baixos ou mais altos de F_0 , mantendo intacta a curva melódica. Assim, tessitura e entonação atuam diferente e independentemente, uma vez que um mesmo contorno entonacional pode ser realizado em uma tessitura alta ou baixa, em função das intenções do falante.

No Capítulo (6) recorreremos aos tópicos (i)-(iii) acima a fim de, por meio de testes prosódicos com o programa *Praat*, ratificar as diferenças entre sentenças clivadas e copulativas em CSN.

Tendo resenhado as construções relativas em teoria da gramática na seção (2.1) e aspectos de foco – clivadas – na seção (2.2.), na próxima seção nos detemos nos estudos acerca das construções relativas em CCV.

2.3. ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES RELATIVAS EM CCV

Nesta seção procedemos à resenha dos estudos sobre as construções relativas no crioulo de Cabo Verde – CCV. Observamos que a maioria desses estudos centra-se nos dialetos da região de Sotavento – ver Capítulo 1 – com proeminência na variedade de Santiago (daqui por diante, CST) cujos falantes e variedade são chamados de ‘badiu’³³.

2.3.1. Cardoso (1989)

Os pronomes relativos e interrogativos em CSN são tratados por Cardoso (1989) na primeira parte do livro (morfologia) no subgrupo das palavras variáveis. Segundo Cardoso (1989: 33), os pronomes relativos em CSN são: **k**, **Ken**, **kónt** (ou **kónd**). A seguir apresentamos alguns dados que o autor usa para exemplificar os relativizadores em CSN:

(28) Kel om **k**’bo odja é ólt³⁴

Kel	om	k’	bo	odja	é	ólt
DET	homem	COMP	2SG.NOM	ver	COP	alto

Aquele homem que você viu é alto.

Em (28) a oração relativa [bo odja é ólt] é introduzida pelo morfema k’, que segundo Cardoso (1989: 33), é um pronome relativo em CSN.

(29) Kel rapaz má **Ken k**’bo tá ta papia...³⁵

Kel	rapáz	má	ken	k’	bo	tá	ta	papia
DET	moço	com	quem	COMP	2SG.NOM	estar-PRFV	TMA	falar

Aquele moço com quem (Lit. com quem que) você estava conversando.

Em (29), segundo Cardoso, o morfema **ken** funciona como um pronome relativo. O morfema **k’** “que”, que se posiciona logo após o morfema **ken** “quem” é motivo de observação do autor:

³³ Sobre os habitantes de Santiago serem referidos pelo termo ‘badiu’, ver Quint (2003: 4).

³⁴ Dado (193) de Cardoso (1989: 33), renumerado. A glosa é nossa. Também modificamos a ‘grafia’ utilizada por Cardoso pelo Alfabeto Caboverdiano – ver Capítulo 1, seção (1.2.).

³⁵ Dado (198) de Cardoso (1989: 34), renumerado. A glosa é nossa.

“Não encontramos uma explicação quanto ao aparecimento do k a seguir a Ken, visto não ter nenhuma função gramatical. Parece-nos que surgiu por influência fonética exercida pelo som k de Ken.”

Cardoso (1989: 34)

Observe que Cardoso não atribui função sintática a este morfema **k** “que” na posição sintática como em (24). No Capítulo 6, diferentemente, propomos uma análise para este elemento na língua.

Como se verá no Capítulo 3, o estudo dos pronomes interrogativos é importante para a compreensão geral dos pronomes-WH na língua. A lista de pronomes interrogativos em CSN apresentada por Cardoso (1989) é bem reduzida. São eles: **kónt** “quanto”, **kza** “coisa” (com valor semântico de ‘o quê’ em português), **ken** “quem” e **kál** “qual”. O autor observou a relação que se estabelece entre os pronomes interrogativos e o verbo ser, que segundo ele causa alterações fonéticas: **kónt** + **e** = **kónte**; **kal** + **e** = **kále**; o /n/ do pronome **ken** se palataliza resultando em **kenhe**. O autor não falou sobre o **kza** + **e**, que resulta em **kzae**, forma essa também atestada em CSN – nós a analisamos no Capítulo 3, subseção (3.3.5.1.).

A relação da cópula com os pronomes relativos revela um fato pertinente em CSN que é tratado com maior pormenor na parte final do Capítulo 6 desta dissertação.

2.3.2. Veiga (2002)

Veiga (2002) apresenta um estudo descritivo e comparativo do CCV tomando a variante de Santiago – CST como representante dos dialetos de Sotavento e a variante da Ilha de São Vicente – CSV como representante das variantes de Barlavento, apresentando ainda seus correlatos em Francês e Português. Na seção de morfologia, na categoria pronominal, Veiga (2002: 179-181) apresenta a lista dos pronomes relativos e interrogativos do CST e CSV:

- Pronomes Relativos:

CST – **ki** ‘que’, **ken** ‘quem’, **kenha** ‘quem’, **undi** ‘onde’, **na undi** ‘na onde’, **ki si** ‘que seu/sua’, **ki sés** ‘que seus/suas’

CSV – **ke** ‘que’, **ken** ‘quem’, **kin** ‘quem’, **onde** ‘onde’, **aonde** ‘aonde’, **ke se** ‘que seu/sua’, e **ke ses** ‘que seus/suas’

- Pronomes Interrogativos:

CST – **kusé, kenha, kal, undi, ki, kantu**

CSV – **kezê/ ke koza, kin, kol, onde, kontê / tontê**

Veiga não descreve e nem analisa os pronomes, mas apenas apresenta seus exemplos. Abaixo exemplificamos alguns dos dados de Veiga (2002)³⁶:

- Pronomes relativos

(30) Libru ki N skrebe – CST

Libru	ki	N	skrebe
Book	COMP	1SG.NOM	escrever

O livro que escrevi.

Para Veiga, em (30), **ki** é pronome relativo em CST.

(31) Livre ke N skrevê – CSV

Livre	ke	N	skrevê
Book	COMP	1SG.NOM	escrever

O livro que escrevi.

Em (31), segundo Veiga, **ke** é pronome relativo em CSV.

- Pronomes Interrogativos³⁷

(32) Kusé bu krê?

Kusé	bu	krê
Coisa	2SG.NOM	querer

O que queres?

Segundo Veiga, em (32), **kusé** ‘o quê’ é o pronome interrogativo em CST.

(33) Kezê ke bo krê?

Kezê	ke	bo	krê
Coisa	COMP	2SG.NOM	querer

O que queres?

³⁶ Veiga (2002: 179, numerados). As glossas são nossas.

³⁷ Veiga (2002: 180, numerado). As glossas são nossas. O grifo é nosso.

Em (33), para Veiga, **kezê** ‘o quê’ é o pronome interrogativo em CSV.

Veiga ainda observa que não há correspondentes em CCV para as formas portuguesas *cujo, cuja, quanto, quanta, o qual, a qual*. Logo, nesta língua, recorre-se a outros recursos linguísticos para expressar tais categorias. Atente para alguns dos exemplos apresentados por Veiga (2002: 180)³⁸:

(34) Baka **ki si** fidju more

Baka	ki	si	fidju	more
vaca	COMP	2SG.POSS	filho	morrer
<i>A vaca cujo filho morreu (lit. “A vaca que seu filho morreu/ A vaca que o filho dela morreu”³⁹)</i>				

Veiga não analisa o ‘recurso linguístico’ que substitui o pronome relativo em (34). No entanto, percebemos que se trata de uma construção diferente nessa língua: **ki** ‘complementizador’ – ver Capítulo 4 – e, na oração relativa, ao invés de um pronome relativo como ‘cujo’ o que se tem é uma ‘estrutura de adjunção à esquerda’ do nome **fidju** ‘filho’ do tipo posse: **si fidju** ‘seu filho’.

(35) Vaka **ke** perdê **se** fidje – CSV

Baka	ke	perde	se	fidju
vaca	COMP	perder	2SG.POSS	filho
<i>A vaca cujo filho morreu (lit. A vaca que perdeu seu filho)</i>				

Atente para o fato de que em CSV, o verbo utilizado é de outra natureza, logo a construção sintática em (34) não é exatamente a mesma que em (35), embora o recurso linguístico a que nos referimos continue sendo o mesmo.

2.3.3. Baptista (1993, 2002)

Baptista (1993, 2002) são trabalhos em CCV dentro do quadro da teoria da gramática. A autora faz uma descrição geral da sintaxe do caboverdiano, mais precisamente da variante da ilha de Santiago e alguns resquícios das variantes da ilha do Fogo e da Brava (todas variantes do macrodialeto de Sotavento). Baptista (1993), retomado em Baptista (2002), apresenta dois

³⁸ Veiga (2002: 180, numerado). As glossas são nossas. O grifo é nosso.

³⁹ A tradução literal é nossa.

morfemas como os principais pronomes relativos em CCV: **ki** “que”, que serve tanto para seres animados e inanimados, e **kenha** “quem” que se limita a pessoas. A autora ainda apresenta uma lista de pronomes interrogativos que funcionam, segundo ela, também como pronomes relativos: **kuze ki** ‘o quê que’, **Kenhe ki** ‘quem que’, **Undi ki** ‘onde que’, **Kantu ki** ‘quanto que’, **modi ki** ‘como que’ e **pamodi ki** ‘por causa do quê’ – ver Baptista (2002: 61). Como se pode observar, as expressões acima apresentadas por Baptista como pronomes interrogativos são todas composições sintagmáticas de ‘pronome’ mais morfema ‘que’ – esse assunto será tratado com mais detalhes no Capítulo 6 desta dissertação.

Baptista (2002: 61) apresenta uma lista reduzida de marcadores relativos no CCV: “*The relative markers in CVC are ki, ma and kuma*”. Baptista (2002) não faz distinção entre complementizadores e pronomes relativos em CCV. Para a autora todo o conjunto de ‘relativizadores’ são ‘pronomes relativos’.

No entanto, consideramos problemáticos os dados apresentados por Baptista (2002) como exemplos de relativas em CCV. Vejamos dois desses exemplos a seguir.

(36) *Nu ten fe ki nu ka ta torna volta.* (FA-MA)⁴⁰

No	ten	fe	ki	nu	ka	ta	torna	volta
we	have	faith	COMP	we	NEG	TMA	turn	back

We have faith that we won’t come back

“*Nós temos fé que não voltaremos*”

Segundo Baptista (2002), a sentença (36) é relativa por ser introduzida pelo pronome relativo **ki**. No entanto, chamamos a atenção do leitor para o fato de que não há construção relativa em (36): (i) não há um constituinte partilhado (*pivô*) entre a oração matriz [**no ten fe**] ‘nós temos fé’ e a oração encaixada [**ki nu ka ta torna volta**] ‘que não retornaremos’; (ii) **ki** não é pronome relativo em CCV, como assumimos neste trabalho – ver Capítulo 4. O **ki** em CCV só pode introduzir uma relativa com antecedente nominal explícito. Ora, **fe** ‘fé’ não é antecedente nominal de **ki**, pois não é retomando em nenhuma posição sintática da oração encaixada – rever subseções (2.1.1.) e (2.1.2.) deste Capítulo.

⁴⁰ Baptista (2002: 61). Dado (112) renumerado. A tradução para o português é nossa.

Atentemos para outro exemplo de Baptista (2002: 61), apresentado como uma construção relativa, já que, segundo a autora, essa construção é introduzida por um pronome relativo:

(37) **N fla-l ma s’e ka dixa-m bai, N ta txora (MAR-MA)**

I say+him COMP if+he NEG let-me go I TMA cry

‘I told him that if he didn’t let me go, I would cry.’

“Eu lhe disse que se ele me deixasse ir eu choraria”

Em (37), como em (36), não se trata de uma construção relativa em CCV. Segundo Baptista (2002: 61), a sentença (37) é relativa por ser introduzida pelo pronome relativo **ma**. Da mesma forma que contra-argumentamos à proposta da autora para relativização em (36), o fazemos agora em (37): (i) não há um constituinte partilhado (*pivô*) entre a oração matriz [**N fla-l**] ‘eu lhe disse’ e a oração encaixada [**ma N ta txora**] “que eu choraria”; (ii) atente que há ainda outra oração encaixada, deslocada, entre a principal e a encaixada – [**s’e ka dixa-m bai**] “se ele/a não me deixasse ir” – uma oração do tipo adverbial. Portanto, diferentemente de Baptista (2002), advogamos que **ma** não seja introdutor de relativas em CCV em caso algum. Logo, abaixo, argumentamos com mais detalhes sobre este fato.

- **Ma** – Complementizador e nunca um Introdutor de Relativas

Em CCV o elemento **ma** nunca pode introduzir uma oração relativa. Observe o exemplo abaixo com uma relativa canônica na língua introduzida pelo ‘relativizador’ **k’**⁴¹:

(38) **N odja kel ôm k’bo faló-m ma el é merkón**

N	odja	kel	ôm	k’	bo	faló
1SG.NOM	ver	DEM	homem	COMP	2SG.NOM	falar

m	ma	el	é	merkón
1SG.DAT	COMP	3SG.NOM	COP	americano

Eu vi aquele homem que você me falou que ele é americano

⁴¹ Sobre relativizador, ver Capítulo 4 desta Dissertação.

Atente para o fato de que, em (38), exemplificamos os dois complementizadores: **ki** e **ma**. No entanto, para provarmos que **ma** não é introdutor de relativa (nem tão pouco ‘pronome relativo’, como advoga Baptista (2002), apresentamos o contra dado abaixo:

***(39) N odja kel ôm ma bo faló-m ma el é merkón**

“Eu vi aquele homem que você me falou que ele é americano”

O que torna a sentença (39) acima em CCV agramatical é o fato de termos introduzido uma relativa *[**ma bo faló-m**] “que você me falou” com o morfema **ma**. Veja ainda este mesmo morfema **ma** introduzindo a subordinada [**ma el é merkón**] “que ele é americano” em (34): não se trata aí de uma oração relativa, mas sim de uma oração do tipo complemento do verbo **faló** ‘falou’ da oração anterior.

Retomamos agora o dado apresentado por Baptista (2002: 61) em (36), renumerado. A autora analisa **ki** como pronome relativo nesse dado. Como prova de que **ki** não é relativizador em (36), vamos substituí-lo por **ma**:

(40) Nu ten fe ma nu ka ta torna volta

No	ten	fe	ma	nu	ka	ta	torna	volta
we	have	faith	COMP	we	NEG	TMA	turn	back

We have faith that we won’t come back

“Nós temos fé que não voltaremos”

A oração encaixada [**ma nu ka ta torna volta**] ‘que não retornaremos’ acima em (40) introduzida agora por **ma** (e não por **ki** como em (36) no dado de Baptista) é gramatical no CCV. Aliás é preferível o uso de **ma** em tais contextos que o uso de **ki**. Logo, este fato corrobora que a oração encaixada em (40) não é uma relativa.

2.3.4. Alexandre

A seguir passamos a resenhar uma série de trabalhos de Alexandre (2006, 2007, 2009), sobre as construções relativas no caboverdiano. Os trabalhos da autora são todos centrados na variante da ilha de Santiago.

2.3.4.1. Alexandre (2006)

Alexandre (2006) descreve os processos de relativização em CCV em teoria da gramática centrando-se em Chomsky (2001). A descrição se concentra na tipologia das relativas no CCV: relativas restritivas, apositivas, resumptivas, livres e semilivres. Para a autora, relativas restritivas e não restritivas são invariavelmente introduzidas pelo morfema *ki* ‘que’ e sempre envolvem movimento. A análise é que tal movimento se dê a partir de um DP nulo da posição relativizada para a posição [Spec, CP]. Abaixo, seguem exemplos de Alexandre⁴²:

(41) Relativa Restritiva

{*Un/*Kel} ómi ki ta doensi ka ta bai trabadju
Kel ómi ki ta doensi ka ta bai trabadju
 DET homem que I/K-LEVEL adoecer NEG LEVEL⁴³ ir trabalho
Homem que adoece não vai trabalhar

(42) Relativa Não-Restritiva

Ami, [_{CP} [_{SU} OP]_i t_i ki é kauberdianu], N gosta txeu di múzika
Ami ki é kabuverdianu N gosta txéu di múzika
 1SG que ser cabo-verdiano 1SG gostar(IMPPERF) muito de música
Eu, que sou cabo-verdiano, gosto muito de música.

Para a autora, relativas resumptivas são também introduzidas pelo morfema *ki* ‘que’. No entanto, nesse tipo sentencial não ocorre movimento-A’, pois a posição relativizada é preenchida por um pronome resumptivo que carrega traços- ϕ do núcleo nominal (NP) antecedente. Observe o dado de Alexandre⁴⁴:

(43) Relativa Resumptiva

Kes mudjeris_{[+PL]_i} [_{CP} [_{OBL} OP]_i k’N papia ku-el_{[+SG]_i}] es bai parti
kes mudjeris k N papia ku el es bai parti
 DET mulheres que 1SG falar (PERF) com 3SG 3PL ir (PERF) partir

⁴² Alexandre (2006: 4, renumerado). Os subtítulos são nossos. Retiramos o grifo do original.

⁴³ Alexandre não aponta lista de abreviaturas em seu trabalho. No entanto, ao que tudo indica, atribui ao morfema TMA a noção semântica de ‘individual level predicate’ – ver, entre outros, Carlson (1977).

⁴⁴ Alexandre (2006: 5, renumerado). O subtítulo é nosso. Retiramos o grifo do original.

*As mulheres que eu falei com ele, elas foram-se embora.
As mulheres com quem falei foram-se embora.*

Para Alexandre, as relativas livres são construções com um DP antecedente nulo e só podem ser introduzidas pelo marcador relativo **ken/kenha** ‘quem’, como se vê no seguinte dado⁴⁵:

(44) Relativa Livre

Xefi elujia [_{DP/DO} $\emptyset$ [_{CP} [**ken/kenha**]_i **ki** t_i **fasi trabadju**]]
Xefi ilojia ken ki fasi trabadju
 Chefe elojiar (PERF) quem que fazer (PERF) trabalho

O chefe elogiou quem fez o trabalho.

Alexandre (2006: 7) observa que o relativizador **ken/kenha** ‘quem’ é seguido obrigatoriamente do complementizador **ki** ‘que’:⁴⁶ “*Sempre que o CP projeta no decorrer da derivação, C° tem de ser preenchido por complementizador explícito.*”

A autora aponta para um subgrupo que denomina de relativas semilivres. Segundo Alexandre (2006: 8), os marcadores relativos neste tipo de construções: **kusa** ‘coisa’, **kel** ‘aquele’ e **undi** ‘onde’ não são nem complementizadores, nem pronomes relativos. A autora aborda **undi** ‘onde’ como um caso problemático – ver Alexandre (2006: 9). Em nossa proposta, assumimos **undi** ‘onde’ como pronome relativo em caboverdiano.

Atente para os seguintes dados de Alexandre⁴⁷:

(45) Relativa Semilivre

• **kusa**

[_{DP} **Kusa** [_{CP} [_{OP}]_i **ki** t_i **kontise na kasa di Maria**]] **so el ki sabe**
Kusa ki kontise na kasa di Maria so el ki sabe
 Coisa que acontecer (PERF) em casa de Maria só 3SG que saber
O que aconteceu na casa da Maria só ela é que sabe.

⁴⁵ Alexandre (2006: 7, renumerado). O subtítulo é nosso.

⁴⁶ Dado renumerado.

⁴⁷ Alexandre (2006: 7, renumerado). O subtítulo é nosso.

(46) **kel**

$[_{DP} \text{Kel}_i \emptyset [_{CP} [_{OP}]_i \text{ki nu fase } t_i \text{ pa nos língua}]]$, nu fase pa nos

Kel ki nu fase pa nos língua nu fase pa nos
 DET que 1PL fazer para POSS língua 1PL fazer para 1PL
O que fizemos à nossa língua, fazemos a nós próprios.

(47) **undi**

$\text{Kes loja}_i [_{CP} [_{PP/LOC} \text{na undi}]_i \text{N konpra es ropa-li } t_i]$ es fitxa

Kes loja na undi N konpra es ropa li es fitxa
 DET loja em onde 1SG comprar (PERF) DEM roupa- DEICT 3PL fechar (PERF)
As lojas onde eu comprei estas roupas fecharam.

Ao final, Alexandre afirma que há complementizadores e pronomes relativos em CCV, no entanto, no quadro em que os atesta – Alexandre (2006: 10) – não os distingue.

2.3.4.2. *Alexandre (2007)*

Nesse trabalho, Alexandre descreve, com base em teoria da gramática na sua versão minimalista, as interrogativas-Wh na variante de Santiago. Centra-se nas questões de movimento ou não desses elementos para a periferia esquerda da sentença. Para tal, a autora começa por apresentar um quadro resumindo os pronomes interrogativos-Wh, seus alomorfes, os sintagmas-Wh formado pelos pronomes-Wh mais o morfema **ki** “que” e categorizados segundo a sua posição sintática na sentença (*sujeito, objeto (direto, nuclear, locativo e modificador*)). Ao todo a autora apresenta seis morfemas (**ken/kenha, kuzé, kantu, modi, pamodi** e **undi**). Baseado nesse quadro, a autora apresenta o uso dessas interrogativas-Q levando em conta cinco estratégias sintáticas, que resumimos a seguir:

- (i) A estratégia *gap* (lacuna) sem ‘*pied piping*’ ocorre quando a interrogativa é formada com o movimento da palavra-Wh para a posição [Spec, CP] deixando uma lacuna na posição de

extração⁴⁸. Alexandre afirma que a palavra-Wh pode ser movida de qualquer posição. Atente para um dos exemplos apresentados pela autora⁴⁹:

(48) [DP/OD Ken/Kenha] ki Maria odja [~~ken/kenha~~]?
~~Ken~~ ~~ki~~ ~~Maria~~ ~~odja~~

Quem que Maria ver (PFV)
Quem é que a Maria viu?

Em (48) os pronomes-Wh ken/kenha “quem” são movidos da posição objeto direto do VP [odja] “ver” para a posição frontal da interrogativa.

(ii) A estratégia *gap* com *pied piping* ocorre quando a construção relativa se forma com o movimento da palavra-Wh para a posição [Spec, CP] deixando uma cópia nula na posição de extração, tal como exemplificado pela autora em⁵⁰:

(49) N ka sabe [DP/SUJ ki mudjeris] ki [ki mudjeris] fase kel katxupa sabi (li)

N ka sabe ki mudjeris ki fase kel katxupa sabi li
 1SG NEG saber (IPFV) que mulheres que fazer (PFV) DEM katxupa bom PROX

Não sei que mulheres é que fizeram esta boa katxupa

Em (49), Alexandre interpreta que não há movimento do constituinte partilhado [mudjeris] “mulheres”, para a autora o que move para [Spec, CP] é um DP nulo.

(iii) A estratégia *cortadora* se dá por meio do movimento do sintagma-Wh para a posição [Spec, CP] com o apagamento da preposição selecionada pelo verbo, como se exemplifica com dado da autora em⁵¹:

(50) [DP/OBLNucl Ki subrinhus] ki bu gosta [~~di ki subrinhus~~] más?

Ki subrinhu ki bo ki gosta más
 Que sobrinhos que 2SG que gostar (IPFV) muito mais

Lit.: ‘Que sobrinhos é que tu gostas mais?’

Para Alexandre em (50) o sintagma [**di ki subrinhos**] “de que sobrinhos” move para [Spec, CP] sem a preposição **di** “de” que é apagada no processo.

⁴⁸ Alexandre se refere a ‘palavra-Q’.

⁴⁹ Alexandre (2007: 2); dado 7 renumerado.

⁵⁰ Alexandre (2007: 3); dado 15, renumerado.

⁵¹ Alexandre (2007: 4); dado 26, renumerado.

(iv) Interrogativas-wh sem movimento-wh formadas por meio de resumptivas que se aplicam “exclusivamente a PPs, OBL Nucleares e Modificadores” – Alexandre (2007: 5) – tal como exemplificado em⁵²:

(51) [DP Ki subrinhus]i ki bu gosta [PP/OBLNucl d-el_i] más txeu?

Ki subrinhu ki bo ki gosta d' el más txéu
Que sobrinhos que 2SG que gosta (IPFV) de 3SG muito mais

Lit.: ‘Que sobrinhos é que tu gostas dele mais?’

Para Alexandre em (51) o sintagma [**ki subbrinus**] “que sobrinhos” não sofre movimento da posição relativizada que é complemento da preposição **di** “de” – essa posição é preenchida pelo pronome resumptivo **el** “el”.

(v) Interrogativas-Wh *in situ* ocorrem especificamente em situações em que se veicula uma leitura ‘eco’ e normalmente evitando resposta com palavras negativas, tal como exemplificado em⁵³:

(52) Bu ta bai kasa ku KENHA?

Bu ta bai kasa ku kenha
2SG IPFV ir casar com quem

Vais casar com quem?

Para Alexandre, em (52) a interrogativa é formada sem movimento do pronome **kenha** “quem” – esse é projetado na sua posição original de complemento da preposição **ku** “com”.

A autora apresenta, ao final do trabalho, um quadro que resume as operações sintáticas, estratégias de formação de interrogativas-Wh em CCV e as posições sintáticas envolvidas.

2.3.4.3. Alexandre (2009)

Em sua tese de doutorado, Alexandre (2009) dá continuidade às pesquisas relacionadas à categoria CP na variante de Santiago dentro do Minimalismo. Seu trabalho objetiva a descrição das construções-Wh envolvendo interrogativas-wh e orações relativas restritivas. A autora

⁵² Alexandre (2007: 6); dado (36), renumerado.

⁵³ Alexandre (2007: 7); dado (49), renumerado.

propõe uma expansão da *Copy Theory of Movement* – Chomsky (1995) e *Copy + Merge Theory of Movement* – Nunes (2004).

Alexandre (2009) inicia apresentando aspectos gerais da sintaxe do caboverdiano. A seguir resenhamos a autora, introduzindo aspectos do trabalho diretamente relacionados aos pronomes-Wh e relativas.

Alexandre (2009: 44-59) apresenta um panorama dos constituintes-Wh na língua: (i) introdutores de orações – interrogativas-Wh e relativas; (ii) ocupam diferentes posições sintáticas na oração – sujeito, objeto e oblíquo; (iii) formam sintagmas-Wh [**ki** + **N**], isto é, o complementizador **ki** + uma forma nominal (N) a fim de formar perguntas-Wh.

Quanto ao sistema complementizador, Alexandre (2009: 76-87) afirma que este pode ter o seu núcleo (C°) preenchido pelos seguintes complementizadores na língua: **di** “de”, **ki** “que”, **ma** “que”, **pa** “que”, **pamodi** “porque”, **si** “se”, e ainda um complementizador **Ø**. Estes complementizadores podem ser selecionados por: adjetivo ou NP (+D); verbo (+V); sentença interrogativa (+Q), como introdutor de uma pergunta-Q (+Wh). Podem ainda, segundo Alexandre (2009: 79) estar embutidos num domínio finito (+T). Abaixo exemplificamos o sistema complementizador apresentado por Alexandre para CST:

- **Di** “de”

(53) N_i tene [N gana] [CP **di** --_i kume pon ku longisa]⁵⁴

N	tene	gana	di	kume	pon	ku	longisa
1SG	have (IPFV)	will	of	eat	bread	with	sausage

Lit.: ‘I have will of eating bread with sausage.’
‘I want to eat bread with sausage.’

- **Ki** “que”

(54) E [N verdadi] [CP **ki** tudu povu ten si kultura]⁵⁵

É	verdadi	ki	tudu	povu	ten	se	kultura
be	truth	that	every	people	have (IPFV)	POSS.3SG	culture

‘It is true that every people has its own culture’.

- **Ma** “que”

⁵⁴ Alexandre (2009: 76); dado (140b), renumerado.

⁵⁵ Alexandre (2009: 78); dado (145), renumerado.

(55) Maria [_V fla] [_{CP} **ma** ses fidju ta bai skola]⁵⁶

Maria	fla	ma	ses	fidju	ta	bai	skola
Maria	say (PFV)	that	POSS.3PL	son	IPFV	go	school

‘Maria said that her sons go to school.’

- **Pa** “para”

(56) Bo [bu]_i [v kre] [_{CP} **pa** [nu]_{j/*i} fase trabadju]⁵⁷

Bo	bu	kre	pa	nu	fase	trabadju
2SG	3SG	want (IPFV)	for	1PL	do	work

‘You want us to do the work.’

- **Pamodi** “que”

(57) N atxa [_A rabes] [_{CP} **pamodi** bu ka kume nha komida]⁵⁸

N	atxa	rabes	pamódi	bu	ka	kume	nha	komida
1SG	find (IPFV)	strange	for.fact	2SG	NEG	eat	OSS.1SG	food

‘I regret the fact that you don’t eat my food.’

- **Si** “se”

(58) [Djon]_i [v pergunta]-m [_{CP} **si** [Maria]_{j/*i} gosta di múzika]⁵⁹

Djon	pergunta	-m	si	Maria	gosta	di	múzika
Djon	ask (PFV)	-1SG	if/wheter	Maria	like (IPFV)	of	music

‘John asked me if Mary likes music.’

- **Complementizador Ø**

(59) Nha pai [v manda]-m [_{CP} [_{C°} Ø] kunpra uns bolinhu].

Nha	pai	manda	-m	kunpra	uns	bolinhu
POSS.1SG	father	order (PFV)	-1SG	buy	a	cookie

‘My father told me to buy some cookies.’

Para Alexandre (2009: 95), o CCV apresenta uma estratégia de “null gap” (lacuna na posição de extração) – a palavra-wh é movida para a posição de [Spec, CP] deixando um vazio

⁵⁶ Alexandre (2009: 80); dado (150), renumerado.

⁵⁷ Alexandre (2009: 83); dado (160), renumerado.

⁵⁸ Alexandre (2009: 85) dado (167) renumerado.

⁵⁹ Alexandre (2009: 86); dado (171), renumerado.

fonético na posição de extração. Este processo se opera sobre DPs com a função sintática de sujeito, objeto direto, objeto oblíquo e modificadores oblíquos.

Quando a interrogativa-Wh está correlacionada à posição de sujeito, os elementos interrogativos-Wh possíveis são: **ken/kenha** ‘quem’; **ki N** ‘que N’; **kuzé** ‘o quê’; **kantu N** ‘quanto N’. Veja um exemplo com **ken/kenha** ‘quem’ em⁶⁰:

(60) [DP/SBJ **Ken/kenha**]_i ki [~~ken/kenha~~]_i papia ku nha pai

Ken/kenha	ki	papia	ku	nha	pai
who	that	talk (PFV)	with	POSS.1SG	father

‘Who talked with my father?’

Quando a lacuna criada pela estratégia “*null gap*” envolve a posição sintática de objeto direto, os elementos interrogativos-Wh possíveis na língua, apontados por Alexandre (2009: 96), são: **ken/kenha** “quem”; **kusé** “o quê” ; **ki/kantu N** “quanto N” ; **kantu** “quanto” .Abaixo exemplificamos com **kusé** “o quê “ em⁶¹:

(61) Maria djobe [DP/DO **kusé**]_i ki mininus riska [~~kusé~~]_i?

Maria	djobe	kusé	ki	mininus	riska
Maria	see (PFV)	what	that	boys	draw (PFV)

‘Maria saw what the boys drew?’

Quando a lacuna pela estratégia “*null gap*” é na posição de um objeto oblíquo sendo ele locativo ou não, as palavras-Wh possíveis, segundo Alexandre (2009: 97), são: **modi** ‘como’, **pamodi** ‘porquê’ e **undi** (ou **nundi**, **pundi**) ‘onde’. Exemplificamos com **undi** “onde” em⁶²:

(62) [DP/OBLLoc **Undi**]_i ki Maria ta trabadja [~~nundi~~]_i?

Undi	ki	Maria	ta	trabadja
where	that	Maria	IPFV	work

‘Where does Maria work?’

Alexandre (2009: 98) atesta ainda o processo de *PP pied-piping* em CCV. Esse processo consiste em mover a preposição juntamente com a palavra-Wh para a posição [Spec, CP].

⁶⁰ Alexandre (2009: 95); sado (2a), renumerado.

⁶¹ Alexandre (2009: 96); dado (05), renumerado.

⁶² Alexandre (2009: 98); dado (14), renumerado.

Segundo a autora esse processo só é possível quando o PP embutido ou matriz é um complemento verbal. Exemplificamos com dados da autora em⁶³:

(63) [PP/OBLNucl **Di kenha**] ki bu ka kre pa nu gosta [~~di kenha~~]?
~~di kenha~~

Di kenha ki bu ka kre pa nu gosta
 of who that 2SG NEG want (IPFV) for 1PL like
Lit.: 'Of whom you don't want us to like?'
'Who don't you want us to like?'

Para Alexandre (2009: 108) nem todos constituintes-Wh sofrem movimento. A autora propõe que a estratégia resumptiva, em CCV, ratifica “a ideia clássica” de que de algumas palavras interrogativas-Wh não sofrem movimento. Abaixo apresentamos um exemplo com dado da autora em⁶⁴:

(64) [DP **Ki amigus**]_i ki bu bai Fransa ku Maria [CP sen papia [PP ku-[es]_i]]?

Ki amigus ki bu bai França ku Maria sem papia ku es
 which friends that 2SG go (PFV) France with Maria without talk with 3PL
Lit.: 'Which friends did you went to France with Maria without talking with them?'

Ainda no tocante ao não movimento-Wh, Alexandre (2009: 111-113) afirma que é possível formar interrogativas-wh *in situ* com todos os elementos-Wh em CCV, como exemplificado em⁶⁵:

(65) Maria ka ta papia [PP ku [**kenha**]]?

Maria ka ta papia ku kenha
 Maria NEG IPFV talk with who
Lit.: 'Maria doesn't talk with who?'

Alexandre (2009) aponta que em CCV há relativas restritivas, apositivas e livres e “semilivres” que são introduzidas por complementizadores e/ou pronomes relativos. Alexandre (2009) opta por descrever apenas as relativas restritivas por considerá-las relacionadas com as interrogativas-Wh no que tange a estruturas DP.

⁶³ Alexandre (2009: 99); dado (16), renumerado.

⁶⁴ Dado (55) de Alexandre (2009: 110) renumerado.

⁶⁵ Dado (60)a de Alexandre (2009: 112) renumerado

Para Alexandre (2009: 150) o relativizador **undi** “onde” está perdendo seu valor semântico, pois este ‘arrasta’ consigo, para a posição [Spec, CP], a preposição **na** “em” – um locativo da mesma natureza semântica que **undi** “onde”. Atente para o exemplo com dado da autora em⁶⁶:

(62) [DP Kes [PP loja_i na undi]_i C° N kunpra es ropa-li [PP/LOC --]_i] es fitxa

Kes loja na undi N kunpra es ropa li es fitxa
 DET sore in where 1SG buy (PFV) DEM garment PROX 3PL close (PFV)
‘The stores where I bought these clothes are closed.’

Alexandre (2009: 151) afirma ainda que as únicas instâncias de relativização com *pied piping*, em CCV, ocorrem exclusivamente envolvendo o operador relativo **undi**.

Segundo Alexandre (2009), além da estratégia de relativização com *pied piping*, há ainda a estratégia que envolve o abandono da preposição na posição relativizada. A autora propõe que esta estratégia envolve: (i) uma lacuna criada na posição relativizada; movimento de um DP nulo da posição relativizada para [Spec, CP]; (ii) a lacuna na posição relativizada é preenchida obrigatoriamente por um prenome geralmente da 3ª pessoa. A essa estratégia, a autora denomina “*Preposition Stranding with a Spelled out Trace*” doravante (PSST) – ver Alexandre (2009: 151-158). Abaixo exemplificamos essa estratégia com dados da autora em⁶⁷:

(63) Djon atxa [DP kes mudjerisi ki Zé papia ku-el_i]

Djon atxa kes mudjeris ki Zé papia ku el
 Djon find (PFV) DET women that Zé talk (PFV) with 3SG
Lit.: ‘Djon found the women that Zé talked with him.’
‘Djon found the women that Zé talked with.’

A interpretação de Alexandre é de que em (62) houve o movimento de um DP nulo para [Spec, CP] deixando uma lacuna que é preenchida pelo pronome **el** “ele”. Esse pronome na estratégia PSST, segundo a autora, é uma “cópia defectiva”. Alexandre (2009: 189-190) aponta as principais características de um pronome “cópia defectiva”:

(i) é sempre complemento de uma preposição que o selecione e lhe atribui as marcas de caso, o que explica a razão pela qual ele não ocorrer nas posições de sujeito e objeto,

⁶⁶ Dado (18) de Alexandre (2009: 150) renumerado.

⁶⁷ Alexandre (2009: 152); dado (22), renumerado.

- (ii) em termos morfológicos, é sempre um elemento invariável que assume a forma pronominal da 3ª pessoa singular independentemente da marca de número em seu antecedente ;
- (ii) em termos sintáticos, ocorre em contextos matrizes ou embutidos, não podendo se separar da palavra-Wh ao qual está coindexado por mais de um nó sintática.

Para Alexandre a estratégia PSST é diferente da estratégia de relativização resumptiva. Atente para o seguinte que a autora exemplificando uma resumptiva⁶⁸:

(64) [_{DP} Kes nobidadi_i ki nu ka staba purparadu [_{PP/OBL_{Access}} pa es_i]] dexe-nu duenti

Kes	nobidadi	ki	nu	ka	staba	purparadu
DET	new	that	1PL	NEG	be (IPFV).ba	prepare.du
pa	es	dexe	nu	duenti		
for	3PL	leave	1PL	sick		

Lit.: 'The news that we were not ready for them put us sick.'

'The news that we were not ready for put us sick.'

Alexandre (2009: 256) aponta as principais características de um pronome resumptivo em CCV:

- (i) é sempre o complemento de uma preposição que o selecione e lhe atribui marcas de caso, o que explica o fato da sua não ocorrência nas posições de sujeito e objeto direto ;
- (ii) (ii) em termos morfológicos, ele é sempre da 3ª pessoa, concordando em número com seu antecedente, sendo assim um pronome variável assumindo as formas **el** (3SG) 'ele/ela' ou **es** (3PL) 'eles/elas';
- (iii) (ii) em termos sintáticos: ele é obrigatório em contextos de ilhas sintáticas, tanto em interrogativa-Wh e uma construção relativa – ver Alexandre (2009: 2007); fora de uma ilha sintática só é possível em construções relativas – ver Alexandre (2009: 205).

Cabe ainda observar que Alexandre (2009) analisou as resumptivas dentro do escopo de relativas restritivas. Não obstante, ao final de sua tese, Alexandre afirma que em CCV, nas relativas não restritivas (não objeto da análise de Alexandre 2009), a estratégia resumptiva é muito mais abrangente: são permitidas em posições de sujeito e objeto direto o que não acontece no caso das relativas restritivas – ver Alexandre (2009: 284).

⁶⁸ Alexandre (2009: 162); dado (43), renumerado.

2.3.5. Oliveira & Souza (2009)

Nesse trabalho Oliveira & Souza (2009) discorrem sobre as interrogativas-wh no caboverdiano, centrando-se na variante da ilha de Santiago. A classificação dos pronomes-wh é feita segundo as categorias ontológicas de Haspelmath (1997: (i) Pronome WH ‘Pessoa’ – **Kem/kenha** “quem”; (ii) Pronome WH ‘Coisa’ – **Kusé** “o quê”; (iii) Pronome WH ‘Propriedade’ – **Kal** “qual”; (iv) Pronome WH ‘Lugar’ – **undi/napundi** “onde”; (v) Pronome WH ‘Tempo’ – **Ki tempu**; (vi) Pronome WH ‘Maneira’ – **Modi** “como”; (vii) Pronome WH ‘Quantidade’ – **Kantu** “quanto”. Além dessas sete categorias ontológicas, as autoras apontam para formas interrogativas-wh complexas: sintagmas-wh formados por um pronome-wh seguido do complementizador **ki** “que”.

As autoras classificam o CCV como uma língua de movimento-wh. Em CCV as interrogativas-wh implicam o movimento obrigatório do elemento-wh da sua posição original para a posição de Spec/CP, como se vê em (65). As interrogativas-wh *in situ* só são permitidas em perguntas com a interpretação de “eco”, como se vê em (66). Atente para os seguintes dados⁶⁹:

(65) Kusé bu kré?

Kusé bu kré
o que 2SG querer
“O que você quer?”

(66) Bu kré kuzé?⁷⁰

Bu kré Kuzé
2SG querer o que
Você quer o quê?

Ao observar que na maioria dos casos, o pronome-wh que introduz a interrogativa vem acompanhado do complementizador **ki** “que”, espelhando o fenômeno de preenchimento duplo do sintagma complementizador, Oliveira & Souza fazem uma leitura desse fenômeno como marcação de foco obrigatório dos WHs em CCV, como se vê em:

⁶⁹ Oliveira & Souza (2009: 254); dado (19a), renumerado.

⁷⁰ Oliveira & Souza (2009: 255); dado (20a), renumerado.

(67) Kenha ki bem?

Kenha ki ben
quem FOC vir
“Quem que vem?”

Como se pode observar em (67) Oliveira & Souza interpretam o morfema **ki** “que” como um marcador de foco, logo o colocando numa estrutura acima do sintagma complementizador. Isso chama atenção para a multifuncionalidade do morfema **ki** “que” em CCV; este possui outras funções sintáticas, além de complementizador (núcleo C° do CP) – pode funcionar como também como um marcador de foco, logo ocupando a posição sintática de F° (núcleo do sintagma de foco).

2.3.6. Oliveira & Holm (2011)

Oliveira & Holm (2011) corroboram a hipótese da participação das línguas africanas na formação das línguas completamente reestruturadas, como as línguas crioulas e das línguas parcialmente reestruturadas como o Português Vernacular Brasileiro (PVB). Para corroborarem a sua proposta, Oliveira & Holm (2011) apresentam um estudo das estruturas-Wh fronteadas em que apontam para casos de ‘foco gramaticalmente controlado’ – marcação de foco recorrendo a recursos que não são de natureza sintática, isto é, diferente de recursos como clivagem, por exemplo. Na marcação de foco nesses casos, segundo Oliveira & Holm, não há intenção do falante. Os autores corroboram sua proposta com dados de línguas do Oeste Africano como o Ibibíó e o Yoruba e atestam esse fenômeno de ‘foco de controle gramatical’ nas línguas reestruturadas. No caso do Caboverdiano, como uma língua parcialmente reestruturada, Oliveira & Holm (2011) atestam esse tipo de marcação de foco por meio do morfema **ki** “que” que normalmente aparece acompanhando os pronomes interrogativos-Wh, como exemplificado pelos autores em:

(68) **Kem ku odja** ? “Quem que você viu?”
kem k-u Ø odja
Quem Foco-2ª singular Perfectivo ver

Aos morfemas como o **ki** “que” em (11) para CCV, Oliveira & Holm (2011), retomando Holm (1980), denominam de um ‘highlighter’ que é atestado em todas as línguas crioulos do atlântico e ainda em línguas parcialmente reestruturadas como o PVB. Essa proposta de Oliveira e Holm,

chamou a nossa atenção nesta Dissertação, uma vez que ao analisar as construções relativas em CSN, atestamos fenômenos semelhantes em que o pronome relativo é movido para a posição de foco pelo mesmo morfema **ki/k'**.

2.3.7. Jorge & Oliveira (2012)

Neste trabalho, as autoras corroboram propostas anteriores – Holm & Oliveira (2011); Oliveira (2011) – que afirmam que sentenças com *elementos-Wh fronteados e seguidos de partícula* em línguas crioulas do Atlântico e no português do Brasil – daqui em diante, PB/PVB – atestam uma participação de línguas do oeste da África. Nestas línguas (as africanas, as crioulas e o Português Brasileiro), elementos-Wh fronteados ocorrem em uma estrutura monoclausal, não se tratando de estruturas de clivagem com elisão de cópula. As autoras centram-se em ‘sentenças com perguntas-Wh movidas seguidas de um ‘highlighter’ em línguas crioulas do Atlântico e no português falado no Brasil, objetivando mostrar que, nessas línguas, estruturas com perguntas-Wh movidas instanciam um mesmo tipo de marcação de foco presente na gramática de línguas do oeste africano: o ‘foco de controle gramatical’. Esse tipo de foco, em que a marcação se dá em função de propriedades intrínsecas à derivação gramatical, tem como particularidade instigante para a investigação a de não se enquadrar em uma tipologia de foco, como ‘foco contrastivo’, por exemplo; logo, não está sob o controle da intencionalidade do falante.

A diferença entre este trabalho de Oliveira & Jorge (no prelo) e os outros citados pelas próprias autoras é que, embora os trabalhos mencionados pelas autoras não apresentem explicitamente uma abordagem teórica, implicitamente, o modelo sintático adotado, no tratamento do foco, pelos autores citados é de cunho ‘representacional’ (os de ‘periferia esquerda da sentença’). No entanto, o cerne do trabalho de Oliveira & Jorge é a proposta de tratamento desses mesmos dados via um modelo derivacional a partir da teoria de fases como se vê em Chomsky (2001a-b), (2005), (2006).

Neste trabalho, como nossa abordagem enfatiza o foco por meio de uma proposta ‘representacional’, apenas nos limitamos a um resumo genérico do trabalho das autoras.

Embora o trabalho de H&O não esteja centrado em apontar uma proposta de cunho teórico para os dados, o fato de possibilitarem uma leitura de que haja um ‘sintagma foco’ que aloja o foco-Wh em línguas crioulas do Atlântico liga seu estudo a um modelo sintático de cunho

representacional – como as abordagens representacionais de ‘periferia à esquerda’ em teoria da gramática – cf. Rizzi (1997), (2002), entre outros.

Neste trabalho, na próxima seção, objetivamos propor uma análise tendo por base os mesmos dados que se vêm em (5)-(10), direcionando-nos para uma análise do foco-Wh frontado em línguas crioulas do Atlântico que segue o modelo sintático derivacional da teoria de fases, em especial como em Chomsky (2001a-b), (2005), (2007) (no prelo).

2.4. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos os fundamentos teóricos que assumimos dentro da teoria da gramática e que nos orientarão nesse trabalho. A partir de trabalhos linguísticos que abordam a temática das construções relativas dentro da teoria da gramática apontando, assumimos uma definição para as construções relativas e apresentamos os conceitos que nos auxiliam na nossa análise das relativas em CSN, tais como: pivô, subordinação, adjunção, estruturas sintáticas e elementos fonológicos. Apresentamos ainda conceitos relacionados com categoria foco e sua interface sintaxe/fonologia que nos auxiliarão na análise que fazemos um conjunto de dados no Capítulo 6.

Após apresentar o fundamento teórico, apresentamos resenhas de trabalhos anteriores que abordam construções relativas, pronomes-Wh em CCV. Observamos que a maioria dos estudos sobre o CCV, até o presente, estão centrados nas variantes de Sotavento, mais precisamente a da ilha de Santiago. Para o crioulo de São Nicolau temos conhecimento apenas do trabalho de Cardoso (1989), que resenhamos a parte que aborda questões ligadas a relativas e pronomes-Wh. Um conjunto de trabalhos sobre o CCV, no chamou atenção para o morfema **k'** como marcador de foco além de sua função como complementizador na língua.

CAPÍTULO III

AS CONSTRUÇÕES-WH: PRONOMES-WH

3.0. INTRODUÇÃO

O estudo das relativas, tanto em CSN, quanto em qualquer outra língua, envolve-se no estudo das chamadas “construções-Wh”. A expressão ‘construções-Wh’ diz respeito a um conjunto de estruturas sintáticas, assim denominadas pelo fato de conterem palavras do paradigma morfológico dos pronomes-Whs (ou pronomes-QUs) – ver entre outros, Braga, Kato & Mito (2009: 241).

Na presente pesquisa, e neste capítulo em especial, procedemos à descrição dos pronomes Wh em CSN⁷¹. Tal descrição é importante uma vez que buscamos saber se as relativas em CSN são introduzidas por pronomes relativos ou não e isto só nos seria de fato possível após termos uma descrição ampla do quadro de pronomes Wh nessa variedade do CCV.

Em CSN (e em toda a língua caboverdiana independentemente das variantes dialetais), a base fonológica dos pronomes-Wh é /k/, sendo estes pronomes grafados com /k/. A seguir, procedemos à descrição dos pronomes-Wh em CSN.

3.1. CATEGORIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS PRONOMES-WH EM CSN

Para descrever e analisar os Pronomes-Wh em CSN, baseamo-nos nas *Categorias Ontológicas* de Haspelmath (1997). Segundo Haspelmath (1997: 29-31), as línguas podem expressar até sete categorias ontológicas de Pronomes-Wh: (1) **Pessoa** ‘quem?’; (2) **Coisa** ‘o quê?’; (3) **Propriedade** ‘que tipo?’; (4) **Lugar** ‘onde?’; (5) **Tempo** ‘quando?’; (6) **Maneira** ‘como?’; (7) **Quantidade** ‘quanto?’. No entanto, segundo o autor, as línguas podem não se limitar a essas sete categorias, podendo dispor ainda de outros recursos para criar expressões específicas mais complexas. Uma delas é a expressão da categoria ontológica ‘cor’ que em português, por exemplo, é expressa pelo pronome-Wh ‘que’ mais o NP ‘cor’, resultando no sintagma-Wh ‘que cor?’.

Baseando-nos nas categorias ontológicas propostas por Haspelmath (1997), procedemos a uma descrição dessas categorias em CSN.

⁷¹ Embora a literatura ateste descrições sobre os pronomes Wh no CCV para a variante de Santiago – ver Alexandre (2006), (2007), (2009); Oliveira & Souza (2009) – desconhecemos a existência de uma descrição detalhada desses pronomes na variante dialetal CSN.

3.1.1. Pronomes da Categoria Ontológica ‘Temporal’

Os pronomes-Wh em CSN parecem se dividir em duas subcategorias de tempo (1) pronomes diretamente ligados/não ligados ao tempo da enunciação (dêiticos/não dêiticos); (2) pronome de marcação de hora.

3.1.1.1. *Pronomes-Wh Dêitico/Não-Dêitico*

Em CSN ocorre uma subcategorização do tipo de pronome-Wh ‘tempo’ diretamente ligado/não ligado à enunciação, pois há certos fatos linguísticos que só são entendidos dentro de um contexto discursivo – ver Fiorin (2003: 161-162). Logo, em CSN, pronomes-Wh ‘tempo’ têm ligação com o sistema de dêixis. Veja a definição de expressões dêiticas apresentada por Anderson & Keenan (1985: 259, traduzido):

“[...] nós consideramos ‘expressões dêiticas’ (ou dêiticos, resumidamente) aqueles elementos linguísticos cuja interpretação em uma sentença simples apresenta referência especial a propriedades de contexto extralinguístico ao ato de fala em que ocorre. Dada a sentença ‘João me ama’, por exemplo, nós não podemos dizer quem está sendo amado a menos que nós saibamos quem é que enuncia a sentença. ‘Me’ é então um dêitico – sua referência é entendida a partir da obrigatoriedade de ser a pessoa que enuncia ou profere a sentença em que aparece.”

A seguir, demonstramos a subcategorização Wh-tempo em CSN por meio dos Pronomes-Wh **Kazóra** e **Kandê**.

3.1.1.1.1. Kazóra “Quando” – Pronome-Wh ‘Dêitico’

Um dos pronomes-Wh ‘tempo’ em CSN é o pronome **kazóra** ‘quando’. Historicamente, esse pronome-Wh possa ter sido formado pelo sintagma-Wh **Káz** “quais” + NP **óra** “hora”. Ao fazer uma pergunta fronteira com **kazóra** ‘quando’, o falante requer como resposta uma informação que situe o enunciado no tempo. No entanto, **kazóra** ‘quando’ só pode ser usado quando ancorado a uma dêixis temporal como: **dia** (2), **manhã** (3) e ou outro elemento dêitico temporal qualquer recuperado pelo contexto – ver (4):

(1) **Kazóra** bo jga kel dia?

Kazóra	bo	jga	kel	dia?
Quando	2SG.NOM	chegar-PFV	DEM	dia
<i>Quando você chegou aquele dia?</i>				

(2) **kazóra** bo ta bai manhã?

Kazóra	bo	ta	bai	manhã?
Quando	2SG.NOM	TMA	ir-IRR	amanhã

Quando você vai amanhã?

(3) **kazóra** bzôt jga?

Kazóra	bzôt	jga?
Quando	2PL.NOM	chegar-PFV

Quando vocês chegaram?

Em (3), não há um elemento dêitico temporal, mas esse dêitico é recuperável no contexto discursivo; tal enunciado em (3) ocorre em um contexto em que se fala da chegada do interlocutor do falante – os dois participantes do discurso sabem do dia da chegada; o falante quer saber o momento exato em que chegou o seu interlocutor e não o dia específico da chegada – diferentemente da ocorrência de **kandê** “quando” em (4), a seguir.

3.1.1.1.2 *Kandê “Quando” – Pronome-Wh ‘Não Dêitico’*

O pronome-Wh **kandê** “quando”, que parecer ser uma reestruturação da expressão portuguesa ‘quando é’, é um pronome-Wh ‘tempo’ diferente de **kazóra** “quando”. Ao contrário de **kazóra** (3), **kandê** não está diretamente ligado a uma interpretação dêitica. Observe o exemplo abaixo⁷²:

(4) **Kandê** bzôt jga?

Kandê	bzôt	jga?
Quando	2PL.NOM	chegar-PFV

Quando vocês chegaram?

Em (4) o falante não tem ideia de quando o interlocutor chegou, logo ele usa **kandê** “quando?” e não **kazóra** “quando?” (3). Atente para a agramaticalidade em (5) causada pela presença do elemento dêitico **dia** “dia”:

(5) ***Kandê** bo jga kel dia?

**Quando você chegou aquela dia?*

⁷² No final do Capítulo (VI), seção (6.2.3), abordamos de forma detalhada a questão de alguns pronomes-Wh, em CSN, serem uma composição sintagmática de um pronome/nome + a cópula **é** “ser”.

Outra subcategorização do pronome-Wh ‘tempo’ em CSN, não ligada à enunciação/não-enunciação, é **kontóra** que passamos a descrever logo a seguir.

3.1.1.2. *Kontóra “Que Horas/Quantas Horas” – Pronome-Wh ‘Hora Demarcada/Aproximada’*

Kontóra “que horas/quantas horas” é um pronome-Wh ‘tempo’ usado para perguntas de tempo cronológico. Observe os exemplos a seguir:

(6) **Kontóra** bo jga kel dia?

Kontóra	bo	jga	kel	dia?
WH-Tempo	2SG.NOM	chegar-PFV	DEM	dia

Que horas você chegou aquele dia?

(7) **Kontóra** bo ta bai manhã?

Kontóra	bo	ta	bai	manhã?
INTPRON	2SG.NOM	TMA	ir-IRR	amanhã

Que horas você vai amanhã?

(8) **kóntóra** bzôt jga?

Kontóra	bzôt	jga?
WH-Tempo	2PL-NOM	chegar-PFV

Que horas vocês chegaram?

No entanto, chamamos a atenção para o fato de que, historicamente, este pronome-Wh possa ter sido formado pelo sintagma-WH **kónt** “quanto” + NP **óra** “hora” – ver subseção (3.1.2.). Porém, atualmente, o falante parece não ‘interpretar’ **kontóra** “que horas/quantas horas” como duas palavras, mas apenas como um único morfema. Logo, **kontóra** “que horas/quantas horas” apresenta distinção de outros sintagmas com **kónt** “quanto” na língua, que são ‘interpretados’ como duas palavras – ver subseção a seguir.

3.1.2. Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica ‘Quantitativa’

Em CSN, a categoria ontológica ‘quantidade’, tanto para elementos contáveis quanto para não contáveis, é expressa por meio da combinação do pronome **kónt** “quanto” mais um NP (ou possivelmente mais cópula é ‘ser’). A seguir apresentamos as distinções.

3.1.2.1 *Kónt ~ Kón “Quantos” – Pronome-Wh ‘Quantidade’*

Quando um falante do CSN quer se informar da quantidade de algum elemento, ele o faz por meio de uma pergunta fronteira com o pronome-Wh **kónt** “quantos”.

Kónt é um pronome-Wh que apresenta alomorfia fonológica como apresentamos a seguir:

- Alomorfia Fonológica do Pronome-Wh ‘Quantidade’

{**kónt**} → /**kónt**/ /antes de palavras que se iniciam com consoantes/ **kon kabesa** (9)

→ /**kon**/ /antes de palavras que se iniciam com vogais/ **kon asukra** (10)

(9) **kon kabesa d`kabra bo ten?**

Kon	kabesa	d`	kabra	bo	ten?
Quantas	cabeças	de	cabra	2SG-Nom	ter-PFV
<i>Quantas cabras você tem?</i>					

(10) **kónt asukra no konpra?**

Kónt	asukra	no	konpra?
Quanta	açúcar	1PL.NOM	comprar-PFV
<i>Quanto açúcar nós compramos?</i>			

3.1.2.2 *Kónté “Quanto Custa” – Sintagma WH ‘Quantitativo’*

Kónté “quanto custa” é um pronome-Wh usado para se requerer o preço de alguma coisa na língua. Veja o exemplo a seguir:

(11) **Kónté es kamisa?**

Kónté	é	es	kamisa?
Quanto	COP	DEM	camisa
<i>Quanto custa esta camisa?</i>			

Chamamos a atenção para o fato de que **kónté** “quanto custa” possa ser interpretado como um sintagma-Wh formado pelo pronome-Wh **kónt** “quanto” + a cópula **é** ‘ser’⁷³.

3.1.3. Pronomes Interrogativas da Categoria Ontológica ‘Maneira’

Em CSN a categoria ontológica ‘maneira’ é expressa por meio do pronome-Wh **modê** ou sua forma reduzida **mô**. Para expressar a categoria ‘maneira’, há sintagmas-Wh formados por

⁷³ Agradecemos a Profa. Maria Clara Paixão de Souza por ter nos chamado a atenção para esta possibilidade em CSN. De fato a presença da cópula pode ser prevista neste ambiente e ainda em outros. Retomamos este assunto no Capítulo 6, subseção (6.2.3.).

uma palavra que carrega o valor semântico de ‘maneira’ seguido do morfema **k’** ‘que’ obrigatoriamente.

A seguir apresentaremos uma sequência de dados que mostram os vários sintagmas-Wh que expressam a categoria ‘maneira’ em CSN. Apesar da diversidade das palavras usadas para expressar essa categoria ontológica, aparentemente todas carregam o mesmo valor semântico “como”. Assim em qualquer lugar que uma delas é usada, pode-se substituir a outra sem alterações semânticas. Atentemos para os seguintes dados:

3.1.3.1. *Mô k’ “Como” – Sintagma-Wh ‘Maneira’*

Na maioria dos casos a categoria ‘maneira’ é expressa por meio do sintagma-Wh formado pela palavra **modê/mô** “maneira” + morfema **k’** “que” como se vê em:

(12)	Mô k' é bo nom?			
Mô	k'	é	bo	nom?
Como	COMP	COP	2SG.POSS	nome
<i>Como que é o seu nome?</i>				

3.1.3.2. *Mô “Como” – Pronome-Wh ‘Maneira’*

(13)	Mô bo pasa na Stanxa ont?					
	Mô	bo	pasa	na	Stanxa	ont?
	Como	2SG.NOM	passar-PFV	em	Stanxa	ontem
	<i>Como você passou na Stanxa ontem?</i> ⁷⁴					

Em (13) exemplificamos um dos poucos casos em que o pronome-Wh **mô** “como” aparece sem o morfema **k’** “que”.

3.1.3.3. *Modê k’ “Como” – Sintagma-Wh ‘Maneira’*

Modê “como” é a outra forma do morfema-Wh ‘maneira’. Atente para o seguinte exemplo:

(14)	Modê k'N ta dzingata ês koza?						
	Modê	k'	N	ta	dzingata	ês	koza?
	Como	COMP	1SG.NOM	HBT	desengatar	DEM	coisa
	<i>Como que eu faço para desengatar essa coisa?</i>						

⁷⁴ Stanxa é o nome local para a principal Cidade de São Nicolau, Cidade da Ribeira Brava.

3.1.3.4. *K'manera* “Como” – Sintagma-Wh ‘Maneira’

Manera “maneira” e sua forma reduzida **manê** “maneira” também expressam a categoria ‘maneira’ em CSN. Observe os exemplos:

(15) **K'manera** bo leba kel saku d'midj?

K'	manera	bo	leba	kel	saku	d'	midj?
Que	maneira	2SG.NOM	levar-PFV	DEM	saco	de	milho

Lit: Que maneira você levou aquele saco de milho?

Como você levou aquele saco de milho?

(16) **K'manera k'bo** otxa-l ôj? ⁷⁵

K'	manera	k'	bo	otxa	-l	ôj?
Que	maneira	FOC	2SG.NOM	achar-PFV	3SG.ACC	hoje

Lit: Que maneira que você o encontrou hoje?

Como você o encontrou hoje?

Em (16), a fim de se expressar a categoria ‘maneira’, usa-se a palavra **manera** “maneira”, precedida do morfema **k'** “que”. Chamamos a atenção para a sentença em (20). Nesta sentença, a palavra **manera** ‘maneira’ é seguida pelo morfema **k'** “FOCO”. Logo, estamos assumindo nesta dissertação, análises prévias que apontam para o valor informacional deste morfema neste ambiente sintático – ver, entre outros, Oliveira & Holm (2011), Capítulo 2, subseção (2.3.6.). Este morfema é alvo de nossa análise no Capítulo 6.

3.1.4. Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica ‘Pessoa’ (+ Humano)

Em CSN, a categoria ontológica ‘pessoa’ é expressa por meio dos pronomes **kin/kinhê** “quem”. A seguir, detalhamos acerca desse pronome.

3.1.4.1. *Kin ~ Ken* “Quem” – Pronome WH ‘+ Humano’

⁷⁵ Uma pergunta como essa é feita em um contexto em que alguém foi visitar uma pessoa doente e a outra quer saber do seu estado de saúde.

O pronome-Wh **kin ~ ken** “quem” é um dos pronomes usados em CSN para requerer uma informação, obtendo-se como resposta, obrigatoriamente, um elemento [+humano]. Observe os dados abaixo:

(17)a. **_Kin** odjó-b montód na mula?

Kin	odjó-	-b	montód	na	mula?
Quem	viu	2SG.ACC	montar-PTCP	em	mula

_ Quem te viu montado na mula?

b. **_ ninge**

_ ninguém

(18)a. **_Kin k'** odjó-b montód na mula?

Kin	k'	odjó-	-b	montód	na	mula?
Quem	FOC	viu	2SG.ACC	montar-PTCP	em	mula

Quem que te viu montado na mula?

b. **É Maria**

Foi Maria

*c. **_ ninge**

_ ninguém

Observe que, em (17), a pergunta com **kin** admite um quantificador universal negativo **ninge** “ninguém” como resposta, diferentemente de (18).

3.1.4.2. *Kenhê ~ Kinhê “Quem” – Sintagma-Wh ‘+ Humano’*

O sintagma-Wh **kenhê ~ kinhê** “quem é” é outra forma usada para se requer informação do tipo ‘pessoa’. O sintagma-Wh **kenhê** é usado para requerer informação que identifique um elemento ou grupo de elementos humanos específicos. Observe o seguinte dado:

(19) **Kenhê** kel psoa sentód na prasa?

Kenhê	kel	psoa	sentód	na	prasa?
Quem.COP	DET	pessoa	sentar-PTCP	em	praça

Quem é aquela pessoa sentada na praça?

Em (19) a identificação é requerida sobre **psoa sentód na prasa** “pessoa sentada praça”, que é determinada por **kel** ‘aquela’.

Assim como o pronome-Wh **kin**, o sintagma-Wh **kenhê** ~ **kinhê** “quem é” pode ser seguido pelo morfema **k’**. Observe o exemplo abaixo:

- (20) a. **Kenhê k’odjô-b montód na mula?**
 Quem.COP FOC ver-PST 2SG.ACC montar-PTCP em mula?
Quem é que te viu montado na mula?
- b. ***Kenhê odjô-b montód na mula?**

Dados como (20) corroboram para a natureza funcional do elemento **k’** “que” neste ambiente sintático, que assumimos que seja o núcleo da categoria foco. Observe que, quando o elemento é movido para foco na língua, este morfema é obrigatório. Este fato é atestado pela agramaticalidade de (20b) – detalhamos este tópico no Capítulo 6.

3.1.5. Pronomes/Sintagmas Interrogativos da Categoria ‘Coisa’

A categoria ontológica ‘coisa’ é expressa por meio de um sintagma formado pelo pronome-Wh **kzae** (aparentemente, uma reestruturação da palavra portuguesa ‘coisa’) e obrigatoriamente seguido do morfema **k’**. Ao fazer uma pergunta fronteira com o pronome-Wh **kzae** é esperada uma resposta com um elemento da categoria ‘coisa’. Atentemos para as realizações do pronome-Wh **kzae**.

3.1.5.1. *Kzae k’ ~ Kze k’ “O quê” – Sintagma-Wh ‘Coisa’*

O sintagma-Wh **kzae k’** “o quê que” é o único capaz de requerer informação da categoria ‘coisa’ em CSN. O morfema **kzae** só se realiza em combinação sintagmática com o morfema **k’** – há uma palavra equivalente à palavra portuguesa ‘coisa’, **koza**. Atentemos para os seguintes dados que atestam a realização do sintagma-Wh **kzae k’**:

- (21) **Kze k’N faze-b?**
 Kze k’ N faze -b
 O que.COP FOC 1SG.NOM fazer-PFV 2SG.ACC
O quê é que eu te fiz?
- (22) **Kzaê k’N faze-b?**
 Kzaê k’ N faze -b
 O que.COP FOC 1SG.NOM fazer-PFV 2SG.ACC
O quê é que eu te fiz?

(23) **Kzaê k'**bo traz na bo bolsa?

Kzaê **k'** **bo** **traze** **na** **bo** **bolsa?**

O que.COP FOC 2SG.NOM trazer-PFV em 2SG.POSS bolsa

O quê que você trouxe na sua bolsa?

O sintagma-Wh **kzae k'** bem como seu alomorfe (ou forma reduzida) **kze k'** são usados para introduzir perguntas que requerem como resposta um elemento da categoria 'coisa' sem fazer distinção se se trata de um ato como em (21) e (22) ou de um objeto concreto com em (23).

O fato de este sintagma ser obrigatoriamente acompanhado pelo morfema **k'** aponta para dados como (22) e (23) sendo parte do conjunto de clivagem da língua, o que corrobora nossa análise de foco – ver Capítulo 6.

3.1.5.2. *Ukê ~ Dukê “O quê” – Sintagma-Wh ‘Coisa’*

O sintagma-Wh **ukê k' ~ dukê k'** “o quê que” é outra maneira de se requerer informação da categoria 'coisa' em CSN. Como **kzae k'** “o quê que” (3.1.5.1.), esse sintagma só se realiza em combinação sintagmática com o morfema **k'**. Atentemos para os seguintes dados:

(24) **Ukê k'** é un psoa séru puzitivu?

Ukê **k'** **é** **un** **psoa** **séru** **puzitivu**

o que.COP COMP COP DET pessoa soro positivo

O que é que é uma pessoa soro positiva?

(25) **Dukê k'**bo sta ta manda bóka?

Dukê **k'** **bo** **sta** **ta** **manda** **bóka**

o que.COP COMP 2SG.NOM estar TMA mandar boca

Do quê que você está reclamando?

A obrigatoriedade do morfema **k'** corrobora para a estrutura de clivagem nos dados acima e a interpretação de foco – ver Capítulo 6.

3.1.6. Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica ‘Causa’

Em CSN, não há um pronome-Wh específico para a categoria ‘causa’. O que há é um sintagma-Wh formado pelo morfema **pamôd** e pelos morfemas **kin** ou **kinhê** formando dois sintagmas:

- **pamôd kin** “por causa de”
- **pamôd kinhê** “por causa de quem (é)”

Os dois sintagmas acima apontam para perguntas que requerem respostas ligadas a elementos [+humano/-humano].

3.1.6.1. *Pamod kin ~ Pamod kê ‘Por causa do que’ – Sintagma-Wh ‘Causa’*

O sintagma-Wh **pamod kin ~ pamod kê** (ou ainda a forma reduzida **mod kê**) “por causa do que” é uma pergunta centrada na ‘causa’. Veja o exemplo a seguir:

(26) **Pamod kin** bo ka bai má es?

Pamod	kin	bo	ka	bai	má	es?
Porque	COMP	2SG.NOM	NEG	ir-PST	COM	3PL.DAT

Porque que você não foi com eles?

3.1.6.2. *Pamod kinhê ‘Por causa de quem’ – Sintagma-Wh ‘Causa’*

O sintagma-Wh **pamod kinhê** “por causa de quem” é uma pergunta centrada na ‘causador’. Veja o exemplo em:

(27) **Pamod kinhê** bo ka bai má es?

Pamod	kinhê	bo	ka	bai	má	es?
Porque	quem	2SG.NOM	NEG	ir-PST	COM	3PL.DAT

Por causa de quem você não foi com eles?

3.1.7. Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica ‘Propriedade’

Em CSN a categoria ontológica ‘propriedade’ é expressa pelo pronome-Wh **kal** “qual” e por expressões sintagmáticas. A seguir detalhamos essa categoria.

3.1.7.1. *Kal “Qual”*

De acordo com Haspelmath (1997), muitas línguas têm um determinante “qual?”, que é diferente dos pronomes substantivos “quem?”/ “o quê?” e do pronome adjetivo “que tipo?”. Em

CSN atesta-se esta diferenciação por meio do pronome-Wh **kal** “qual”. Observe o exemplo abaixo:

- (28) **Kal k' é nos gól?**
Kal **k'** **é** **nos** **gól?**
Qual COMP COP 1PL.POSS galo
Qual que é o nosso galo?

Como outros pronomes acima mencionados, **kal** “qual” pode ser movido para a categoria foco.

- (29) **kal k' é Maria k' bo odja na Tarrafal oj?**
Kal **k'** **é** **Maria k'** **bo** **odja** **na** **Tarrafal oj?**
Qual FOC COP Maria COMP 2SG.NOM ver-PST em Tarrafal hoje
Qual que é a Maria que você viu no Tarrafal hoje?

3.1.7.2. Expressão-Wh $K' + NP + Cópula + Kel + K'$ “Que X é aquele que”

Em CSN há a expressão **K' + NP + Cópula + Kel + K'** “Que X é aquele que” para expressar a categoria ontológica ‘propriedade’:

- (30) **K' sapôt é kel k' N odjô-b k' el?**
K' **sapôt** **é** **kel** **k'** **N** **odjô** **-b** **k'** **el?**
Que sapato COP DEM FOC 1SG.NOM ver-PST 2SG.ACC com 3SG.DAT
Que sapato é aquele que eu te vi com ele?

- (31) **K' sapôt fei é kel k' N odjô-b k' el?**
K' **sapôt** **fei** **é** **kel** **k'** **N**
Que sapato feio COP DEM FOC 1SG.NOM
odjô **-b** **k'** **el?**
ver 2SG.ACC com 3SG.DAT
Que sapato feio é aquele que eu te vi com ele?

- (32) **K' sapôt bnit é kel k' N odjô-b k' el?**
K' **sapôt** **bnit** **é** **kel** **k'** **N**
Que sapato feio COP DEM FOC 1SG.NOM
odjô **-b** **k'** **el?**
ver 2SG.ACC com 3SG.DAT
Que sapato bonito é aquele que eu te vi com ele?

Chamamos a atenção para o fato de que a expressão-Wh descrita acima é uma forma não marcada. Dizemos isso, pois há uma expressão-Wh ‘propriedade’ na língua do tipo ‘marcada’. Com isto queremos dizer que os exemplos em (31) e (32), introduzidos pelo morfema *k’* admitem o NP sequencial ter uma atribuição negativa (31) – **sapôt fei** “sapato feio” – ou positiva (32) – **sapôt bnit** “sapato bonito”. No entanto, há uma expressão-Wh ‘propriedade’ marcada para atribuição negativa, como apontamos a seguir.

3.1.7.3. *Expressão-Wh Kasta + NP + Cópula + Kel + K’ “Que ‘raio’ de X é aquele que”*

Em CSN a expressão **Kasta + NP + Cópula + Kel + K’** “Que ‘raio’ de X é aquele que” expressa a categoria ontológica ‘propriedade’ de uma forma ‘marcada’. A seguir exemplificamos:

(33) **Kasta d’sapôt é kel k’N odjô-b k’el?**

Kasta	d’	sapôt	é	kel	k’
Que	de	sapato	COP	DEM	FOC
N	odjô	-b	k’	el?	
1SG.NOM	ver-PST	2SG.ACC	com	3SG.DAT	

Que ‘raio’ de sapato é aquele que eu te vi com ele?

(34) **Kasta d’sapôt fei é kel k’N odjô-b k’el?**

Kasta	d’	sapôt	fei	é	kel
Que	de	sapato	feio	COP	DEM
k’	N	odjô	-b	k’	el?
FOC	1SG.NOM	ver-PST	2SG.ACC	com	3SG.DAT

Que ‘raio’ de sapato feio é aquele que eu te vi com ele?

(35) ***Kasta d’sapôt bnit é kel k’N odjô-b k’el** “*Que ‘raio’ de sapato bonito é aquele que eu te vi com ele?*”

Observe pela agramaticalidade em (35) que os traços da palavra **bnit** “bonito” não combinam com os de **kasta** – contraste este dado com (32).

3.1.8. Pronomes Interrogativos da Categoria Ontológica ‘Lugar’

Em CSN, quando o falante quer obter informações da categoria ‘lugar’ pode recorrer do uso do pronome-Wh **ondê** ‘onde’ ou da composição sintagmática deste com outros elementos

tais como o morfema **k'** ‘que’ e/ou preposições locativas. Achemos por bem agrupar os pronomes/sintagmas-Wh de lugar em dois grupos como explicaremos em seguida.

3.1.8.1 *Ondê ~ Ondê k' - Pronome/Sintagma-Wh ‘Lugar’*

O pronome-Wh **ondê** ‘onde’ e o sintagma-Wh **ondê k'** ‘onde que’ formam a categoria ‘lugar’. Observe os seguintes dados:

(36) **Ondê** bo ta mora?

Ondê	bo	ta	mora?
Onde	2SG.NOM	HAB	morar
<i>Onde você mora?</i>			

Como os outros pronomes-Wh, **ondê** “onde” pode ser movido para a posição de foco e neste caso é obrigatoriamente seguido pelo morfema marcador de foco **k'** como se vê em:

(37) **Ondê k'**bo ta mora?

Ondê	k'	bo	ta	mora?
Onde	FOC	2Sg.NOM	HAB	morar
<i>Onde que você mora?</i>				

3.1.8.2. *Ondê “Onde” Preposicionado – Pronome/Sintagma-Wh ‘Lugar’*

O pronome-Wh **ondê** “onde” pode ser antecedido por preposições locativas.

- **N'ondê** “em onde”

(38) **N'ondê** bzot otxa es katxor bnit?

N'	ondê	bzot	otxa	es	katxor	bnit?
Em	onde	2PL.NOM	achar-PST	DEM	cachorro	Bonito
<i>Onde vocês acharam este cachorro lindo?</i>						

A expressão-Wh **n'ondê** “em onde” está em variação livre com o pronome-Wh **ondê** “onde” na língua.

- **P'ondê** “para onde”

(39) **P'ondê** bo ta bai manha?

P'	ondê	bo	ta	bai	manha?
Para	onde	2SG.NOM	HAB	ir-IRR	amanhã
<i>Pra onde você vai amanhã?</i>					

A expressão **p'ondê** “para onde” é uma pergunta locativa de direcionalidade.

3.2. TABELA RESUMIDA DOS PRONOMES/SINTAGMAS-WH EM CSN

Apresentamos, a seguir, uma tabela que resume todas as formas-Wh descritas neste Capítulo. Esta tabela tem por objetivo ainda nos auxiliar na análise a ser feita, no próximo Capítulo, acerca dos introdutores de relativas em CSN.

Tabela Resumida dos Pronomes/Sintagmas-Wh em CSN

‘Tempo’	<i>Dêítico</i>	<i>Não Dêítico</i>	<i>Hora</i>
	Kazóra?	Kandê?	Kantóra? ~ Kontóra?
‘Quantidade’	Kónt ~ Kón; kont’ é (Kontê)		
‘Maneira’	Mô k’; Modê k’ ; K’manera; K’manera k’; Manera k’ ~ manê k’		
‘Humano’	<i>Pronomes-Wh</i>	<i>Sintagmas-Wh</i>	
	Kin ~ Ken; Kenhê	Kin k’ ~ Ken k’; Kenhê k’	
‘Coisa’	Kzaê k’ ~ Kzê k’		
‘Propriedades’	‘± Humano’	<i>Expressões-Wh</i>	
	kal	Forma Marcada Kasta + NP + Cópula + Kel + K’	
		Forma Não Marcada K’ + NP + Cópula + Kel + K’	
‘Lugar’	<i>Pronome/Sintagma WH</i>	<i>Pronome WH Preposicionado</i>	
	Ondê ~ Ondê k’;	N’ondê; P’ondê; D’ondê	
‘Causa’	<i>Centrado na Causa</i>	<i>Centrado no Causador</i>	
	Pamod kin ~ Mod kin	Pamod kinhê	

3.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste Capítulo procedemos a uma descrição detalhada dos pronomes-Wh em CSN. Verificamos a presença das sete categorias ontológicas apontadas por Haspelmath (1997) nessa variedade. Ratificamos ainda trabalhos anteriores que apontam para a presença de uma partícula de foco que marca pronomes-Wh em CSN quando movidos para esta categoria (como resenhado no Capítulo 2).

A descrição que apresentamos neste Capítulo, ainda não havia sido feita nesta variedade do CCV e como apontaremos no Capítulo 4, a ‘compreensão’ desses pronomes é vital para a categorização dos introdutores de relativas em CSN, pois uma das características dos pronomes relativos é serem, estes, parte do quadro dos pronomes-Wh da língua.

CAPÍTULO IV

OS INTRODUTORES DE RELATIVAS

4.0. INTRODUÇÃO

No capítulo anterior procedemos à descrição dos pronomes-Wh em CSN. Como dito, tal descrição nos orientará na verificação da natureza dos elementos que introduzem as relativas nessa variante da língua caboverdiana, pois os pronomes-Wh têm, como uma de suas funções, introduzir orações relativas como apontamos no Capítulo 2, subseção (2.1.2.1) – as análises e descrições feitas neste capítulo tomam como base os fundamentos teóricos e conceitos introduzidos na seção no Capítulo 2.

4.1. OS INTRODUTORES DE RELATIVAS EM CSN

Em CSN, as orações relativas podem ser introduzidas por *pronomes relativos* e *complementizador* e recorre-se ainda à estratégia de relativização com o uso de *pronomes resumptivos*.

4.1.1. Pronomes Relativos

Primeiramente, propomos que as orações relativas em CSN podem ser introduzidas por pronomes relativos. Começamos a nossa análise dos pronomes relativos, em CSN, com o pronome **ondê** “onde” para, em seguida, apresentarmos os demais pronomes relativos atestados na língua.

4.1.1.1. *Ondê* “Onde”

O pronome *ondê* “onde” é um dos pronomes relativos em CSN, como exemplificamos no dado a seguir, seguido de sua estrutura:

- (1) a. **No otxa-l la n'ondê bzot dtxa-l**
 No otxa -l la n' ondê bzôt dtxa -l
 1PL.NOM achar- 3SG.ACC lá em onde 2PL.NOM deixar- 3SG.ACC
 PST PST
Nós achamos ele lá onde vocês deixaram ele (lit. ‘nós achamos ele lá na onde vocês deixaram ele’)

b.

Em (1a-b) há uma construção relativa: (i) o constituinte **la** “lá” é partilhado pela oração matriz [**No otxá-l**] “nós o encontramos” e pela oração encaixada [**n’ondê bzôt dtxa-l**] “onde vocês deixaram ele”. Logo, **la** “lá” é o pivô dessa construção⁷⁶; (ii) há uma relação de subordinação entre as duas orações, em que a oração [**n’ondê bzôt dtxa-l**] “onde vocês deixaram ele” exerce

⁷⁶ **La** “lá” é um dos complementos do verbo **otxa** “achar”; estamos considerando este elemento como [+N].

a função sintática de adjunto do sintagma locativo [_{LOCP} **la**] “lá”, presente na oração matriz [**no otxá-l la**] “nós o encontramos lá”; (iii) a oração encaixada [**n’ondê bzôt dtxa-l**] “onde vocês deixaram ele” é introduzida pelo pronome **ondê** “onde”.

Tendo identificado uma oração relativa na construção em (1), nosso objetivo é corroborar a análise de que **ondê** “onde” seja um pronome relativo na língua, o que fazemos a seguir.

(2) [_{PP/WH} **n’ondê**] “*na onde*” (1) – Características que o Definem como Pronome Relativo

- (i) projeta-se como argumento interno preposicionado do [_{VP} **dtxa**] “deixar” da oração encaixada [**bzôt dtxa-l n’ondê**] “vocês deixaram ele ~~na onde~~”;
- (ii) sofre movimento-Wh de sua posição original para a posição [Spec, CP] onde introduz a oração relativa [**n’ondê bzôt dtxa-l n’ondê**] “na onde vocês deixaram ele ~~na onde~~”;
- (iii) possui a mesma forma do pronome-Wh ‘lugar’ **ondê** “onde” em CSN⁷⁷.

As três características apontadas acima nos levam a afirmar que **ondê** “onde” (1) seja um pronome relativo, ou relativizador Wh, em CSN.

Como abordaremos no próximo Capítulo, **ondê** “onde” (1) é o único pronome relativo em CSN que pode introduzir tanto relativas com antecedente nominal, quanto relativas livres. A seguir, apresentamos exemplo deste pronome introduzindo uma relativa livre:

(3) a. **Kinha fka ondê bo tinha kaid**

Kinha	fka	ondê	bo	tinha	kaid
Kinha	ficar-PST	RELPRON	2SG.NOM	ter-PFV	cair-PTCP

A Kinha ficou onde você tinha caído.

- b. [Kinha fka [_{DP} Ø [_{DP} [_{CP} [_{DP} ondê bo tinha kaid [_{DP} ~~ondê~~]]]]]]

Em (3) a oração encaixada [**ondê bo tinha kaid**] “onde você tinha caído” é selecionada como adjunto de um DP nulo. Esse DP nulo, por sua vez, é argumento interno do VP [**fka**] “ficou” da oração matriz [**Kinha fka**] “a Kinha ficou”. Como se pode observar, o pronome **ondê** “onde”, funciona como ‘pivô interno’ da construção relativa: não há um NP antecedente explícito na oração matriz; **ondê** “onde” está na posição frontal da oração encaixada, introduzindo-a – logo,

⁷⁷ Ver Capítulo 3, subseção (3.3.9.2).

em (3), há uma relativa do tipo livre⁷⁸. Corroboramos, portanto, em (3), a análise de Alexandre (2009) para este tipo de construção: o pronome-Wh **ondê** “onde” retoma um DP nulo em relativas livres – ver Capítulo 2, subseção (2.1.3.2).

Em CSN há outros pronomes da mesma natureza que **ondê** “onde”, introdutores de relativas livres, como se vê a seguir.

4.1.1.1.2. *Kin “Quem”*

A seguir propomos a análise que corrobora **kin** “quem” como um pronome relativo em CSN – introdutor de relativas livres. Atente para o seguinte dado e sua representação estrutural:

- (4) a. **No fala má kin k'ta proteje jent**
 No fala má kin (k') ta proteje jent
 1PL.NOM falar-PST com quem (FOC) HBT proteger 1PL.ACC

Nós falamos com quem (que) protege a gente.

- b. [TP No fala [PP má [DP Ø [DP [FOCP/CP [DP kin (FOC k') [TP [DP ~~kin~~ ta proteje jent]]]]]]]]⁷⁹

Em (4) temos um construção relativa em que o pronome-Wh **kin** “quem” desempenha o papel de pivô dessa construção: é selecionado como adjunto de um DP nulo. Este DP nulo, por sua vez, é selecionado como complemento preposicionado (PP **má** “com”) do VP [**fala**] “falar” da oração matriz. Em (4) não há um antecede nominal explícito para **kin** “quem” na oração matriz [**No fala má**] “nós falamos com”, logo corroboramos a análise de Alexandre (2009) para este tipo de construção: o pronome-Wh **kin** “quem” retoma um DP nulo em relativas livres – ver Capítulo 2, subseção (2.1.3.2). Observamos ainda que **kin** “quem” apresenta a mesma forma que o pronome-Wh **kin?** “quem” da categoria ‘pessoa’, identificada no Capítulo 3, subseção (3.3.4.1). Por essas razões qualificamos **kin** “quem” como um pronome relativo em CSN, pois reúne todos os critérios que assumimos como característicos de um pronome relativo – ver Capítulo 2, subseção (2.1.2.1).

Um fato importante a ser dito em (4) é que, **kin** “quem” sofre movimento-Wh da posição do sujeito da oração encaixada para a posição [Spec, CP] dessa mesma oração. No entanto, em

⁷⁸ Ver detalhes no Capítulo 5, subseção (5.1.2.).

⁷⁹ Atente para o fato de que o elemento **k'** nesta construção é Foco, logo, em (4) há um exemplo de marcação de foco morfológico.

CSN, pode-se ainda atestar movimento desta posição para a posição de foco como se vê nesse dado com a possibilidade de inserção do marcador de foco **k'** – sobre esse marcador, ver Capítulo 6.

4.1.1.1.3. *Kondê ~ Kandê “Quando”*

A seguir propomos a análise que corrobora **kondê** “quando” como pronome relativo em CSN – introdutor de relativas livres. Atente para o dado a seguir e sua representação estrutural:

(5) a. **Ainda no ka sabe kondê k'es ta kumsa-l**

Ainda	no	ka	sabe	kondê	(k')	es	ta
Ainda	1PL.NOM	NEG	saber-PFV	quando	(FOC)	3PL.NOM	TMA
kumsa	-l						
começar-							
IRR	3SG.ACC						

Ainda não sabemos quando eles vão iniciá-lo.

b. [TP Ainda no ka sabe [DP Ø [DP [FocP/CP [DP kondê (FOC k')es ta kumsa-l[DP ~~kondê~~]]]]]]]

Em (5) há uma construção relativa em que o pronome **kondê** “quando” é o pivô: retoma um DP nulo. Esse DP nulo é selecionado como argumento interno do VP [**sabe**] “saber” da oração matriz [**ainda no ka sabe**] “ainda não sabemos”; é adjunto adverbial temporal do VP [**kumsa**] “começar” da oração encaixada [**kondê k'es ta kumsa-l**] “quando que eles vão iniciá-lo”. Como se pode observar em (4) não há um antecedente nominal explícito para **kandê** “quando”, logo corroboramos a análise de Alexandre (2009) de que este elemento retoma um DP nulo. Pode-se observar que **kondê** “quando” sofre movimento-Wh de sua posição de adjunto adverbial da oração encaixada [**k'es ta kumsa-l**] “que eles vão começa-lo” para a posição frontal da mesma, introduzindo-a. Observe ainda que o **kondê** “quando” apresenta a mesma forma que o pronome-Wh **kondê** “quando” ‘tempo’⁸⁰. Assim ratificamos que **kondê** “quando” é um pronome relativo em CSN.

Chamamos a atenção para a possibilidade de **kondê** “quando” também ser focalizado na língua, como apontamos em (4.1.1.1.2.).

⁸⁰ Ver Capítulo 3, subseção (3.3.1.2).

4.1.1.1.4. *Ukê ~Dukê*

A seguir propomos a análise que ratifica **ukê** “o que” como pronome relativo em CSN – introdutor de relativas livres. Atente para o seguinte dado e sua representação estrutural:

(6) a. **Mamá ka traze-m d’Stanxa uk’N pdi-l**

Mamá	ka	traze	-m	d’	Stanxa
Mamãe	NEG	trazer-PST	1SG.ACC	de	Stanxa
uk’	N	pdi	-l		
o que	1SG.NOM	pedir-PST	3SG.DAT		

Mamãe não me trouxe da Vila Ribeira Brava o que eu lhe pedi.

b. $[_{TP} \text{Mamá ka traze-m d’Stanxa } [_{DP} \emptyset [_{DP} [_{CP} [_{DP} \underline{\text{uk}}’N \text{ pdi-l} [_{DP} \text{uk}’]]]]]$

Em (6) há uma construção relativa em que a forma pronominal **uk’** “o que” desempenha o papel de pivô dessa construção: (i) é selecionado como adjunto de um DP nulo. Este DP nulo, por sua vez, é selecionado como argumento interno do VP [**trazê**] “trazer” da oração matriz [**Mamá ka trazê-m**] “mamãe não me trouxe”; (ii) na sentença encaixada [**bo pdi-l**] “você pediu-lhe”, é selecionado como argumento interno do VP [**pdi**] “pedir”; (iii) sofre movimento-Wh da posição de objeto da oração encaixada [**N pdi-l**] “eu lhe pedi” para a sua posição frontal, introduzindo-a.

Observamos que em (6) não há um antecedente nominal explícito para **uk’** “o que”, logo corroboramos a proposta de Alexandre (2009) de que este qualifica também um DP nulo. Observe ainda que o pronome **uk’** “o que” apresenta a mesma forma que o pronome-Wh **ukê?** “o quê” ‘coisa’⁸¹. Por essas razões propomos que **ukê** “o quê” é um pronome relativo em CSN.

4.1.1.1.5. *Kzê*

Nesta subseção apresentamos a análise que ratifica **kzê** “o que” como pronome relativo em CSN – introdutor de relativas livres. Atente para o seguinte dado e sua representação estrutural:

⁸¹ Ver Capítulo 3, subseção (3.1.5.2).

- (7) a. **Bo mai trazê-b kzê (k') bo ta gosta**
Bo **Mai** **traze** **-b** **kze** **(k')**
2SG.POSS mãe trazer-PST 2SG.ACC o que (FOC)
- bo** **ta** **gosta**
2SG.NOM HBT gostar
- Tua mãe te trouxe aquilo que você gosta*
- b. [TP Bo mai trazê-b [DP Ø [DP [FocP/CP [DP kzê (Foc k') bo ta gosta[DP ~~kze~~]

Em (7) há uma construção relativa em que o pronome **kzê** “o que” exerce a função de pivô dessa construção: (i) é selecionado como adjunto de um DP nulo. Esse DP nulo, por sua vez, é selecionado como objeto do VP [**trazê**] “trazer” da oração matriz [bo mai trazê-b] “a tua mãe te trouxe”; (ii) desempenha função sintática de objeto do VP [**gosta**] “gostar” na oração encaixada [**k'bo ta gosta**]; (iii) sofre movimento-Wh da posição argumental de objeto do VP [**gosta**] “gostar” para a posição frontal da oração [**k'bo ta gosta**] “que você gosta”, introduzindo-a. Não há um antecedente nominal explícito para o pronome **kzê** “o que” em (7), logo corroboramos a análise de Alexandre (2009) de que pronomes relativos em relativas livres retomam DPs nulos.

Atestamos ainda que **kzê** apresenta a mesma forma que o pronome-Wh **kzê** da categoria ‘coisa’⁸². Por essas razões afirmamos que **kzê** é um pronome relativo em CSN.

Tendo apresentado os pronomes relativos em CSN, procedemos, a seguir, à análise de outro grupo de introdutores de relativa: os complementizadores.

4.1.2. Complementizadores Relativos

A seguir propomos que orações relativas em CSN também são introduzidas por complementizadores relativos. Assumimos que um complementizador relativo possui natureza diferente de um pronome relativo – ver Capítulo 2, subseção (2.1.2.). Assim, a seguir procedemos à análise dos complementizadores relativos em CSN.

A fim de argumentarmos que um complementizador relativo possui natureza diferente de um pronome relativo em CSN, apresentamos uma análise de uma oração relativa na língua introduzida por um complementizador relativo. Atente para o seguinte dado seguido de sua representação estrutural:

⁸² Ver Capítulo 3, subseção (3.3.5.1).

- (8) a. **N odja kel ôm k'bo faló-m ma é merkón.**
N	odja	kel	ôm	k'	bo	faló
1SG.NOM	ver	DEM	homem	COMP _{Rel}	2SG.NOM	falar
-
m	ma	é	merkón
1SG.DAT	COMP	COP	americano
- Eu vi aquele homem que você me falou que é americano*

b.

Em (8), há uma construção relativa: (i) há um elemento sintático [_{NP} **ôm**] ‘*homem*’, partilhado pela oração matriz [_{TP} **N odja**] “*Eu vi*” e a oração encaixada [_{CP} **k’ bo faló-m**] “*que você me falou*” – logo o NP [**ôm**] “homem” é o pivô desta construção relativa; (ii) há uma relação de subordinação em que a oração encaixada [_{CP} **k’ bo faló-m**] “*que você me falou*” qualifica o NP [**ôm**] “homem”, exercendo a função de adjunto adnominal desse NP.

A relativa em (8) é introduzida pelo morfema **k’** ‘que’. Observe que, neste caso, não se atesta movimento-Wh do morfema **k’** de dentro de uma posição sintática da oração encaixada⁸³. A seguir apontamos as características que definem **k’** como complementizador relativo em CSN:

- [_{COMP_{Rel}} **k’**] “*que*” (8) – Características que o Definem como Complementizador Relativo
 - (i) o morfema **k’** ‘que’ não faz parte do quadro dos pronomes-Wh em CSN – ver Capítulo 3;
 - (ii) a posição relativizada, na sentença encaixada, pode ser preenchida por outro elemento, dito ‘resumptivo’ – ver seção (4.2.);

Atente para mais o dado (8) modificado pela inserção de um pronome resumptivo:

(9) **N odja kel ôm k’bo faló-m ma el é merkón.**

N	odja	kel	ôm	k’	bo	faló
1SG.NOM	ver	DEM	homem	COMP _{Rel}	2SG.NOM	falar

m	ma	el	é	merkón
1SG.DAT	COMP	3SG.NOM	COP	americano

Eu vi aquele homem que você me falou que ele é americano.

Em (9), atesta-se o pronome **el** ‘ele’ na oração relativa, funcionando como um ‘pronome resumptivo’ – ver Capítulo 2, subseção (2.1.2.3.). A presença desse resumptivo corrobora nossa análise de que **k’** ‘que’ ocupa a posição sintática de núcleo do sintagma complementizador [_{C₀}, CP], gerado *in situ*. Logo, diferentemente de um pronome relativo dizemos que este é um complementizador relativo.

Em CSN, o morfema **k’** “que” é o único complementizador relativo, e este só pode introduzir relativas com um NP antecedente explícito.

⁸³ Contraste com os movimentos que ocorrem quando o introdutor é um pronome relativo – ver subseção (4.1.1.).

Atente para o fato de que há outros complementizadores na língua. Em (10) já apresentamos a distinção entre **k'** e **ma**. **Ma** se distingue de **k'** por ser o complementizador no sentido canônico em que se toma o termo complementizador em teoria da gramática: elementos que introduzem sentenças completivas nas línguas – ver Oliveira (2010: 260). Logo, ratificamos que discordamos da análise de Baptista (2002: 61) que analisa **ma** como pronome relativo no caboverdiano.

Ao final deste Capítulo retomamos a questão dos complementizadores na língua, apresentando um quadro completo desse sistema em CSN.

4.1.2.1. *Estratégia de Relativização Com Pronomes Resumptivos*

Em CSN, como apontado em (4.1.2.), recorre-se à estratégia de relativização com pronomes resumptivos. Nesta subseção, ao descrevermos essa estratégia, nosso objetivo é ratificar o morfema **k'** como complementizador em CSN.

Observe o seguinte dado:

(10) Es inkmenda é pa kel ôm <u>k'</u>bo ta trabadja pa <u>el</u>					
Es	inkmenda	é	pa	kel	ôm
DEM	encomenda	COP	para	DEM	homem
k'	bo	ta	trabadja	pa	el
COMP _{Rel}	2SG.NOM	HAB	trabalhar	para	3SG.DAT

Esta encomenda é para aquele homem que você trabalha para ele

Observe que em (10), **k'** não pode ser pronome relativo em CSN, pois o NP **ôm** ‘homem’ está sendo retomado semanticamente por um pronome na sua posição de argumento interno do verbo **trabadja** ‘trabalhar’ na oração encaixada. Logo, esse pronome (**el** “ele”) é chamado de ‘resumptivo’.

Chamamos a atenção, no tocante a pronomes resumptivos, para a análise de Alexandre (2009) ver Cap. 2, subseção (2.3.4.3). Para esta autora, em CST, há uma diferenciação entre ‘cópia defectiva’ e ‘pronome resumptivo’. A cópia defectiva não manifesta os traços de concordância com o NP antecedente.

Observamos que em CSN, no entanto, não é possível essa diferenciação, pois o pronome resumptivo sempre apresenta concordância com seu antecedente nominal. Observe os seguintes dados:

- (11) a. **Es inkmenda é pa kes ôm k'bo ta trabadja pa es**
Es inkmenda é pa kes ôm
 DEM encomenda COP para DEM homem
k' bo ta trabadja pa es
 COMP 2SG.NOM HAB trabalhar para 3PL.DAT
Esta encomenda é para aqueles homens que você trabalha para eles

- b. ***Es inkmenda é pa kes ôm k'bo ta trabadja pa el**

Como se pode observar em (11a), o pronome resumptivo **es** “eles” apresenta concordância com o DP [**kes ôm**] “aqueles homens”. Em (13b) a sentença é agramatical em CSN pois o resumptivo não atesta a concordância.

4.2. POSSIBILIDADE DE ANÁLISE HISTÓRICA

Acerca dos introdutores de relativas em CSN, chamamos a atenção para o seguinte conjunto de composições sintagmáticas: **kandê k'** “quando que”, **modê k'** “como que”, **manê k'** “como que”, **kenhê k'** “quem que”, **kzê k'** “coisa que”, **kalê k'** “qual que”, e **ondê k'** “onde que”. A partir desse conjunto de dados selecionado, observamos alguns fatos que apresentamos a seguir.

As formas **kandê**, **modê**, **manê**, **kenhê**, **kzê**, **kalê** e **ondê** aparentam ser morfemas simples, isto é prevê-se um único morfema para cada uma dessas formas⁸⁴. No entanto, historicamente, tais formas podem remeter a dois morfemas: (1) o morfema da categoria ontológica⁸⁵; (2) a cópula é “ser”, como apresentado a seguir para **kandê**:

- **kand** “quando” + é “verbo ser”

⁸⁴ Sincronicamente, estas formas são interpretadas pelos falantes como morfemas únicos.

⁸⁵ No capítulo 3, ao apresentar os elementos-wh, apresentamos as categorias ontológicas de Haspelmath (1997).

Tais construções podem, portanto, tratar-se de construções clivadas com paralelos no português clássico, que é a variedade do português que esteve na formação da língua caboverdiana⁸⁶. É importante dizer que Cardoso (1989: 34) já chama a atenção para essas formas como compostas por pronome + o verbo ser. Baptista (2002: 64), com relação a dados do CST, faz uma breve observação a respeito de essas serem formas compostas por um pronome + a cópula.

Considerando que esses pronomes formam composições sintagmáticas com o morfema **k'** “que”, podemos corroborar ainda mais a hipótese de que historicamente originaram-se a partir de construções clivadas. Observe as composições sintagmáticas atestadas acima: [**kand/kond** + **é** + **k'**] “quando é que”; [**mod** + **é** + **k'**] “como é que”; [**man** + **é** + **k'**] “como é que”; [**kenh/ken** + **é** + **k'**] “quem é que”; [**kz/koza** + **é** + **k'**] “coisa é que/o quê que”; [**kal** + **é** + **k'**] “qual é que”; e [**ond** + **é** + **k'**] “onde é que”. A fim de se ratificar a existência de construções clivadas nesses casos, vemos que, em CSN, esses elementos ocorrem sem a cópula, mas atestando outras funções diferentes das de introdutores de relativas: **kand/kond** “quando”, **mod** “como?”, **Ken** “quem”, **koza** “coisa”, **kal** “qual” e **ond** “onde”.

4.3. O SISTEMA COMPLEMENTIZADOR EM CSN

Ao término deste Capítulo, apresentamos o sistema complementizador em CSN. Nossa intenção é atestarmos complementizadores distintos. Como vimos no Capítulo 2, seção (2.3.3), Baptista (2002) apresentou um quadro de marcadores relativos que continham apenas complementizadores em que nenhum era um marcador relativo em CCV.

Alexandre (2009: 66-86) apresenta o sistema complementizador em CST e atestamos que o sistema em CSN é semelhante ao apresentado por Alexandre. As formas são idênticas, apenas com algumas diferenças fonológicas no vogal final. Essas diferenças são próprias do sistema fonológico de CSN. A seguir apresentamos a lista dos complementizadores em CSN, nos orientando em Alexandre (2009), porém com alguns respaldos, como iremos apontar quando é o caso.

⁸⁶ Agradecemos à Prof^a Maria Clara Paixão de Sousa por ter-nos feito esta observação durante a banca do Exame de Qualificação para esta Dissertação.

4.3.1. Complementizador K' “Que”

A seguir apresentamos o complementizador **k'** “que”, e chamamos atenção para o fato de não se tratar do mesmo complementizador relativo que apresentamos na subseção (4.2.1.3). Observe o dado:

(12) **Maria falou-m k'bo bai pa Kaxass**

Maria	faló	-m	k'	bo	bai	pa	Kaxass
Maria	ter-PST	1SG.DAT	COMP	2SG.NOM	ir-PST	para	Kaxass
<i>A Maria me disse que você foi para Kaxass</i>							

Em (12), o morfema **k'** “que” preenche o núcleo do sintagma CP que introduz a oração [**k'bo bai pa Kaxass**] “que você foi para Kaxass”. Este CP é argumento interno do verbo **fló** “falou” que em CSN seleciona uma oração para sua posição de argumento interno. Logo, **k'** em (12) introduz uma oração subordinada em CSN comportando-se, neste ambiente sintático, como um típico complementizador.

4.3.2. Complementizador D' “De”

Além de **k'**, outro morfema que funciona como complementizador em CSN é **d'**. Atente para o exemplo em:

(13) **N sta k'grasa d'kmê kuskus**

N	sta	k'⁸⁷	grasa	d'	kmê	kuskus
1SG.NOM	estar	com	vontade	COMP	comer	cuscuz
<i>Eu estou com vontade de comer cuscuz</i>						

Em (14) o complementizador **d'** “de” ocupa a posição de núcleo do CP da oração [**d'kmê kuskus**] “de comer cuscuz”, selecionada pelo NP [**grasa**] “vontade”. Logo, esta oração funciona como complemento do NP [**grasa**] “vontade” e, portanto, o elemento que a introduz, **d'** é um complementizador.

⁸⁷ Observe ainda o morfema **k'** “com” ocorrendo como preposição em CSN – ligando sintagmas e não orações. Em CST a preposição correlata é **ku** “com”. Logo, naquele dialeto, não há ambiguidade entre o COMP_{Rel}/COMP e a preposição, como se dá em CSN.

4.3.3. Complementizador **Ma** “Que”

A seguir apresentamos outro complementizador em CSN: **ma**. Atente para o seguinte dado:

- (15) a. **Manel faló-m ma bo jga ont**
 Manel faló m ma bo jga ont
 Manel falar-PST 1SG.DAT COMP 2SG.NOM chegar-PST ontem
O Manel me falou que você chegou ontem
- b. **Manel faló-m k'bo jga ont**

Em (15) o complementizador **ma** “que” é o núcleo do CP da oração [**ma bo jga ont**] “que você chegou ontem”, selecionada como argumento interno do VP [**faló**] “falar”. Este complementizador encontra-se em variação livre com o complementizador **k'** na língua – ver (15b).

4.3.4. Complementizador **Pa** “Que”

Outro complementizador em CSN é **pa** “que”. Atente para os dados abaixo:

- (16) a. **Nton krê pa N konpra-l un kadern**
 Nton krê pa N kompra l un kadern
 Nton querer COMP 1SG.NOM comprar 3SG.DAT um caderno
O Nton quer que eu compre um caderno para ele.
- b.(?) **Nton krê k' N konpra-l un kadern**
- c.* **Nton krê ma N konpra-l un kadern**

Em (16a) vê-se o complementizador **pa** “que” como núcleo do CP da oração [**pa N konrpa-l un kadern**] “que eu lhe compre um caderno”, selecionada como argumento interno do VP [**krê**] “querer”. Como já apontado por Alexandre (2009: 83), **pa** é um complementizador que introduz orações de verbos de controle como **krê** “querer”. Orações subordinadas a estes tipos verbais na língua não podem ser introduzidas por **ma** (ver (16c)) e são marginais se introduzidas por **k'** (ver (16b)).

4.3.5. Complementizador **Pamôd** “Que”

Observe o dado a seguir em que exemplificamos o uso de outro complementizador em CSN: **pamôd** “que”⁸⁸:

(18) a. N t’otxa **pamôd** bo ka debe bsti es kamiza

N	ta	otxa	pamôd	bo	ka	debe	bsti	es	kamiza
1SG.NOM	TMA	achar	COMP	2SG.NOM	NEG	dever	vestir	DET	camisa

Eu acho que você não deve vestir esta camisa

b. N t’otxa **k’** bo ka debe bsti es kamiza

c. N t’otxa **ma** bo ka debe bsti es kamiza

Em (19) o complementizador **pamôd** “que” é o núcleo do CP da oração [**pamôd bo ka debe bsti es kamiza**] “que você não deve vestir esta camisa”, selecionada como argumento interno do VP [**otxa**] “achar/pensar”. Observe que este complementizador está em variação, em CSN, como **k’** (ver (19b)) e **ma** (ver (19c)).

4.3.6. Complementizador **S’** “Se”

Outro complementizador em CSN é **s’** “se”. Observe o exemplo:

(20) a. **Nha kmad purguntó-m s’bo é d’Brazil**

Nha	kmad	purguntó	m	s’	bo	é	d’	Brazil
1SG.POSS	comadre	perguntar-PST	1SG.DAT	COMP	2SG.NOM	COP	de	Brasil

A minha comadre me perguntou se você é do Brasil

b.* **Nha kmad purguntó-m k’/ma/pa/d’/pamôd bo é d’Brazil**

Em (20a) o complementizador **s’** “se” é o núcleo do CP da oração [**s’bo é d’Brazil**] “se você é do Brasil”, selecionada como argumento interno do VP [**purgunta**] “perguntar”. Como já descrito por Alexandre (2009: 86), este complementizador na língua tem a particularidade de introduzir orações interrogativas indiretas. Atente para a agramaticalidade desta sentença em (20b) se introduzida por qualquer outro dos complementizadores já apontados.

⁸⁸ **Pamôd** – expressão oriunda do Português antigo ‘por mor de’ – ver Alexandre (2009: 85, nota de rodapé 88).

4.3.7. Complementizador Ø

Em CSN é possível ainda um CP fonologicamente não preenchido. Logo, assumimos a análise de Alexandre (2009: 87) para este mesmo tipo de complementizador em CST. Observe o dado abaixo em CSN:

(21) **Maria mando-m Ø ben traze-b es inkmenda**

Maria	mandó	m	ben	traze	b	es	inkmenda
Maria	mandar-PST	1SG.ACC	vir	trazer	2SG.DAT	DET	encomenda
<i>A Maria mandou-me vir te trazer esta encomenda</i>							

Em (21) o VP [**mandó**] “mandar” seleciona o CP da oração [**ben traze-b es inkmenda**] “vir te trazer esta encomenda” para sua posição argumental interna. O núcleo desse CP não está preenchido por nenhum complementizador. Alexandre (2009: 87) propõe um CP nulo em casos como os de (25) em que ocorre ‘Marcação Excepcional de Caso’ – ver Chomsky (1981). Verbos como **mando** “mandou” marcam Caso acusativo para o sujeito sentencial de sua oração complemento, como se dá em (21). Atente para a forma do pronome **–m** (acusativo).

4.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo investigamos os elementos introdutores de relativas na variante dialetal do crioulo de São Nicolau da língua caboverdiana. Os dados apresentados apontam que as relativas no CSN podem ser introduzidas por: (i) pronomes relativos que são movidos de dentro da sentença encaixada para a posição de especificador do sintagma complementizador [Spec, CP]; (ii) e pelo complementizador relativo **k’** ‘que’, que é gerado *in situ* como núcleo do sintagma complementizador [C₀, CP] da sentença encaixada. Em CSN ocorrem casos em que relativas introduzidas com o morfema **k’** ‘que’ apresentam um pronome resumptivo na posição relativizada. O uso de pronomes resumptivos, nessas situações, corrobora a posição aqui adotada de que o relativizador **k’** ‘que’ não é movido da posição relativizada, e desse modo não é um pronome relativo, mas sim, um complementizador relativo. No final deste capítulo consideramos necessário apresentar o quadro completo complementizadores em CSN, pois esses podem normalmente gerar confusão com introdutores de relativas.

CAPÍTULO V

AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS EM CSN

5.0. INTRODUÇÃO

Havendo identificado os elementos que introduzem relativas em CSN no Capítulo anterior, neste Capítulo procedemos à análise que nos leva à verificação da natureza e tipologia das relações relativas nessa variedade do caboverdiano. As análises e as descrições apresentadas tomam como base os fundamentos teóricos e conceitos apresentados no Capítulo 2.

5.1. TIPOLOGIA DAS RELATIVAS EM CSN

A seguir procedemos à análise tipológica das relativas em CSN. Para tal, corroboramos análises anteriores de que as relativas em caboverdiano se dividem em dois grupos: as com núcleo nominal antecedente e as sem núcleo antecedente nominal.

5.1.1. Relativas com Núcleo Nominal

O primeiro grupo de relativas a ser considerado é o das relativas em que o DP/NP (núcleo externo/antecedente) é realizado fonologicamente. Este grupo se subdivide em dois subgrupos que, apesar de apresentarem estruturas aparentemente semelhantes, disparam leituras semânticas diferentes: são elas as relativas *restritivas* e *não restritivas* – ver Capítulo 2, subseção (2.1.3.1.).

5.1.1.1. Relativas Restritivas

A seguir passamos a analisar e descrever o subtipo de relativas com antecedente chamado ‘restritivas’. Atente para o seguinte dado e sua representação estrutural resumida:

(1) a. **konparáda kes jent k'perdeba li bá parse na Brazil**

Konparáda	kes	jent	k'	perdeba	li
comparar-PTCP	aqueles	pessoas	COMP _{Rel}	perder-PST	aqui

bá	parse	na	Brazil
ir	aparecer	em	Brasil

Como aquelas pessoas que se perderam aqui e foram aparecer no Brasil

b.

Em (1) há uma relativa em que: o DP/NP [**kes jent**] “aquelas pessoas” é o pivô dessa construção. Esse DP/NP é partilhado pela oração matriz [**konparáda kes jent**] “como aquelas pessoas” e a oração encaixada [**k’perdeba li bá parse na Brazil**] “que se perderam aqui e foram aparecer no Brasil”; a oração encaixada [**k’perdeba li bá parse na Brazil**] “que se perderam aqui e foi aparecer no Brasil” é introduzida pelo complementizador **k’** “que”; essa oração exerce a função sintática de adjunto do NP [**jent**] ‘pessoas’. Além das características morfossintáticas apontadas, há ainda uma leitura e semântica específica em (1).

Em (1), ratificamos a leitura semântica de relativas restritivas feita por Negrão (1992)⁸⁹: no contexto discursivo há apenas um grupo de [**jent**] ‘pessoas’ que se perdeu no mar de Cabo Verde e esse grupo apareceu na costa litorânea do Brasil (logo, pode haver outros grupos, mas não nesse contexto discursivo) – a oração [**k’perdeba li bá parse na Brazil**] “que sumiu aqui e foi aparecer no Brasil” restringe, portanto, o significado do NP [**jent**] “pessoas”. Quanto à fonologia, não há pausa entre o NP relativizado [**jent**] “pessoas” e a oração encaixada [**k’perdeba ...**]. Por essas razões de ordem sintática, semântica e fonológica e, ainda, pelo fato do NP antecedente estar fonologicamente realizado, dizemos que a relativa em (1) é uma relativa do tipo *restritiva*. Como apontamos em (1b), estes tipos de relativas são adjungidos a um NP – no caso [**jent**] “pessoas”. Logo, seguimos a análise que se vê em Negrão (1992)⁹⁰.

⁸⁹ Ver Capítulo 2, subseção (2.1.3.1.).

⁹⁰ Ver Capítulo 2, subseção (2.1.3.1.).

5.1.1.2. Relativa Não Restritiva

Um segundo subgrupo de relativas com núcleo nominal explícito em CSN é o das chamadas relativas *não restritivas*. As diferenças entre este subgrupo e o acima mencionado podem ser identificadas por meio de uma análise sintática, semântica e fonológica. Atente para o seguinte dado e sua representação estrutural:

(2) a. **Ped sta na kel orta la sinha, donde ta kaid kel kebrada**

Ped sta na Kel orta la sinha dondê ta kaid kel kebrada
 Pedro estar em DET horta lá acolá onde TMA cair-PTCP DEL quebrada
Pedro está naquela horta lá, onde está caída aquela rocha

b.

Em (2) há uma relativa: o DP/NP [**kel órta**] “aquela horta” é partilhado pela oração matriz [**Ped sta na kel órta la sinha**] “Pedro está naquela horta lá” e pela a oração encaixada [**dondê k’ta kaid kel kebrada**] “onde está caída aquela rocha”. A oração encaixada é introduzida pelo pronome relativo [**donde**] ‘onde’.

Em (2), ratificamos a leitura semântica de relativas não restritivas feita por Negrão (1992)⁹¹: há uma relativa com antecedente nominal explícito, porém a sentença (2) dispara leitura diferente da sentença em (1), constituindo, portanto, outro tipo de

⁹¹ Ver Capítulo 2, subseção (2.1.3.1.).

relativa. A leitura disparada é de que, no universo do discurso em (2), existe apenas uma única **orta** “horta” – e o falante refere-se a essa horta específica. Atente para a presença de um sintagma de natureza dêitica ‘lugar’ que ‘aponta’ para esse NP (**orta** “horta”): **la sinha** “lá”. Logo, (2) é uma oração relativa *não restritiva (apositiva)* em CSN.

Quanto à fonologia da sentença em (2), observe a ocorrência de uma pausa entre a oração matriz e a relativa. Esta pausa se vê na ortografia por meio da vírgula. Logo, a relativa em (2), diferentemente da em (1), não restringe o núcleo de seu NP antecedente, mas sim, amplia suas informações.

Observe que em sentenças do tipo (2), assumimos a análise de Negrão (1992): a oração relativa não restritiva é adjungida a um sintagma determinante (DP), no caso **kel** “aquela”.

5.1.2. Relativas Livres

Em CSN atestam-se também construções de relativas sem antecedente nominal explícito. Porém, chamamos a atenção para o fato de que, neste trabalho, para estes tipos de relativas, assumimos a análise de Alexandre (2006: 7). Para essa autora, o pronome relativo, em relativas livres, retoma um DP nulo. Logo, se assume que a diferença dessas construções na língua, no tocante ao pivô externo, é que este seja um elemento não realizado fonologicamente. Atente para o seguinte dado, seguido de sua representação estrutural:

(3) a. **Priscila traze-m d’Stanxa uk’N pdi-l**

Priscila	traze	-m	d’	Stanxa
Priscila	trazer-PST	1SG.ACC	de	Stanxa

uk’	pdi	-l
o que	pedir-PST	3SG.DAT

Priscila me trouxe da Vila Ribeira Brava o que eu lhe pedi

b.

Em (3) há uma construção relativa. A forma pronominal **uk'** “o que” desempenha o papel de pivô interno da construção. O pivô externo não é realizado fonologicamente, sendo tratado como adjunto um DP nulo⁹².

5.1.3. Assumindo Clivadas como não Contendo Relativas

O término deste Capítulo poderia ser o término desta Dissertação se assumíssemos a análise padrão que se vê para um conjunto de dados específicos: construções clivadas.

No Capítulo 2, subseção (2.2.), apontamos que, na literatura, de modo geral, as construções clivadas são tratadas como contendo relativas. Observe o dado em:

(4) **É uns mnininha k'robó-m goeba**

é	Uns	minininha	k'	robó	m	goeba
COP	DET	meninas	FOC	roubar	1.SG.DAT	goiaba

Foram as meninas que me roubaram goiaba

Segundo análises convencionais, em (4), deveríamos assumir o elemento **k'** como COMP_{Rel} (complementizador relativo), pois é um morfema inserido em uma construção clivada e ‘clivadas contêm relativas’ – ver, entre outros, Braga, Kato & Miotto (2009: 283). No entanto, nossa análise em CSN não corrobora a proposta de que sentenças como [**k'robó-m goeba**] “que me roubaram goiaba” em (4) sejam orações relativas na língua. Logo, no próximo Capítulo apresentamos argumentação a favor dessa proposta, enfatizando que o morfema **k'** em ambientes sintáticos como em (4) é marcador de Foco.

5.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste Capítulo procedemos à uma análise tipológica das relativas em CSN. De certa forma, no Capítulo 4, ao tratarmos sobre os introdutores de relativas, já apontamos para parte dessa tipologia.

Em CSN, relativas podem ocorrer com ou sem antecedente nominal explícito. As relativas com núcleo nominal antecedente realizado fonologicamente dividem-se em dois grupos: restritivas e não restritivas.

As orações restritivas têm leitura semântica distinta das não restritivas. Em orações restritivas, há mais de um NP no universo do discurso, mas especificamente, a

⁹² Para detalhes sobre a análise dessa relativa, ver Capítulo 4, subseção (4.1.1.1.4.).

informação está restrita a um único NP desse conjunto. Logo, assumimos que a relativa é adjungida a um NP. Diferentemente, nas orações não restritivas, há um único NP no universo do discurso, e a oração relativa é um comentário acerca NP. Logo, assumimos que a relativa é adjungida a um DP. Fonologicamente, orações não restritivas se diferenciam de restritivas pela ocorrência de uma pausa entre o NP relativizado e a oração relativa.

As orações relativas livres, sem a realização fonológica de um NP explícito, são invariavelmente introduzidas por pronomes relativos. Como as relativas com antecedentes nominais explícitos, essas relativas estão em adjunção, mas neste caso, assumimos que em adjunção a um DP nulo.

Ao final apontamos para um conjunto sentencial que não será tratado no âmbito da análise das relativas. Trata-se das construções clivadas em CSN que são analisadas, de forma resumida, no próximo Capítulo.

CAPÍTULO VI

AS RELATIVAS E O FOCO EM CSN

6.0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentamos a análise de um conjunto de dados em CSN que segundo a análise padrão seria tratado como relativas – as construções clivadas. Partimos do pressuposto de que nem toda construção contendo um elemento ensanduichado entre cópula e o complementizador **k'** seja uma clivada. Como apresentamos no Capítulo 2, baseamo-nos em Modesto (2001), retomado em Miotto & Negrão (2007), a fim de diferenciarmos as construções clivadas das copulativas em CSN. Nossa análise ratifica análises prévias de que as construções clivadas contêm foco e devem ser analisadas como não contendo relativas, diferentemente das copulativas.

6.1 ESTRUTURAS CLIVADAS E FOCO CSN – SENTENÇAS QUE NÃO CONTÊM UMA RELATIVA

Como apresentamos ao final do Capítulo 5, há um conjunto de dados que consideramos problemático de ser analisado dentro da estrutura que assumimos para a nossa análise das construções relativas – trata-se das construções clivadas. A análise corrente que se vê na literatura é de tratar as construções clivadas como contendo relativas. Porém, neste trabalho, seguimos em outra direção, corroborando trabalhos que analisam sentenças clivadas como sentenças que contêm foco.

Observe um exemplo do CST/CCV – dado de Alexandre⁹³:

(4) Sentença clivada na variedade de Santiago

[IP E kuskus seku [SC [CP **ki** Djon ka ta kume dretu]]]

E kuskus seku ki Djon ka ta kume dretu

be couscous dry that Djon NEG IPFV eat well

'It is dry couscous that Djon doesn't like.' *“É cuscus seco que Djon não gosta”*⁹⁴

Alexandre (2009: 79) analisa a sentença (4) como clivada, afirmando ainda que é introduzida pelo complementizador **ki** “que”. Em seu trabalho, a autora não aborda a periferia esquerda da sentença conforme a proposta de Rizzi (1997) – uma proposta

⁹³ Dado (149) de Alexandre (2009: 79), renumerado.

⁹⁴ A tradução para o português é nossa.

representacional – pois sua análise é derivacional (Minimalismo) – ver Alexandre (2009: 89). Ao analisar o **ki** na sentença (4) como complementizador, a autora está em consenso com a literatura, de uma forma geral, que segue a proposta de analisar as clivadas como construções relativas – ver Braga, Kato & Miotto (2009: 283). Observe a citação abaixo – Alexandre (2009: 79):

Ki is also the complementizer of matrix or embedded (fronted) wh-questions [...], and introduces all headed relative clauses and cleft sentences.

Chamamos a atenção, no entanto, para o fato de que Alexandre (2009) não atenta para a natureza da clivagem que é uma das estruturas sintáticas para marcação de foco nas línguas – ver, por exemplo, Miotto & Negrão (2007). Portanto, seguimos a análise de foco para estruturas como as em (4) em CSN. Neste capítulo passamos, a analisar dados semelhantes a (4) em CSN. Nosso objetivo é o de mostrar que construções clivadas se diferenciam das construções copulativas em CSN. Essas diferenças são apontadas por meio da semântica e fonologia (prosódia), corroborando a sintaxe. Logo atentamos para a leitura especificacional de elementos focalizados na clivagem (e não nas copulativas) e realizamos testes prosódicos por meio do programa *Praat* a fim de evidenciarmos as diferenças entre as clivadas e as copulativas.

6.1.1. Teste Prosódico para Checagem de Marcação de Foco em Sentenças Clivadas em CSN

Nesta seção apresentamos uma análise parcial e inicial de testes prosódicos em que objetivamos verificar as diferenças prosódicas entre construções clivadas e construções relativas em CSN. Para tal nos orientamos em Fernandes (2007) que apresenta testes semelhantes ao abordar a questão de foco informacional na posição do sujeito para o português brasileiro e europeu.

6.1.1.1. Metodologia

Quanto aos testes que aqui apresentamos, limitamo-nos a sentenças clivadas com marcação de foco na posição de sujeito em CSN. Organizamos o teste em 10 grupos de sentenças contendo construções relativas, clivadas e copulativas a fim de observarmos o padrão prosódico de cada um desses tipos de construções. Cada um dos

10 grupos contém quatro tipos de sentenças diferentes, mas com conteúdo léxico relacionado: (1) a primeira sentença é uma relativa; (2) a segunda, é uma sentença com ‘foco contrastivo’ na posição de sujeito; (3) a terceira, é uma sentença com ‘foco de informação’ na posição de sujeito; (4) a quarta, é uma construção copulativa.

Foram entrevistados três informantes, identificados como CL, MC e TN, para preservarmos sua identidade. Todos são falantes nativos da variedade de São Nicolau e alunos de programas de graduação da USP e da PUC São Paulo.

Para uma melhor organização dos dados, nós os identificamos da seguinte forma: (i) a sigla refere-se ao nome do informante (CL, MC ou TN); (ii) a primeira posição numérica refere-se ao grupo das sentenças (de 1 a 10); (iii) a segunda posição numérica identifica o tipo de sentença (de 1 a 4); (iii) a terceira posição numérica indica se o dado é mencionado pela primeira vez (1) ou se é a sua repetição (2)⁹⁵. Veja o exemplo em:

() **CL1-4-2**

Os 10 grupos de sentenças totalizaram 240 sentenças, que após terem sido gravadas, foram inseridas individualmente no programa *Praat*⁹⁶. As imagens do contorno entoacional geradas foram submetidas à análise a fim de verificarmos os padrões da curva entoacional. Nesta pesquisa nos limitamos apenas à análise inicial e parcial de algumas amostras dos dados, centrando-nos exclusivamente no contorno entoacional das sentenças. Isto é, não atentamos para outros elementos prosódicos na análise. Neste Capítulo, selecionamos algumas dessas análises prosódicas realizadas, mas, anexo a esta dissertação encontra-se um CD que contém todas as imagens *Praat* geradas.

6.1.2. Análise Parcial das Imagens *Praat* de Sentenças Clivadas e Copulativas

A seguir procedemos à análise prosódica por meio de testes.

⁹⁵ É requerido a cada informante que repita o dado duas vezes.

⁹⁶ Program *Praat* – ver BOERSMA & WEENINK (1992-2005).

6.1.2.1. Sentenças Contendo Relativas (sem Marcação de Foco)

O primeiro tipo de sentença alvo de nossa análise é sentença que contém uma relativa que chamamos de ‘sentença neutra’, ou seja, sem marcação de foco; este tipo sentencial foi cotejado com sentenças com foco. Observamos que as sentenças relativas apresentam um padrão, ocorrendo *abaixamento da tessitura do contorno entoacional* na região da sentença que corresponde à oração relativa, como demonstraremos a seguir com dados e suas respectivas imagens geradas pelo programa *Praat*.

Observe o seguinte dado a seguir, contendo uma relativa:

- (1) Uns mnininha **k'robó-m goieba** torna ben oj
Uns minininha k' robó m goeba torna ben oj
DET meninas COMP_{Rel} roubar 1.SG.DAT goiaba voltar vir hoje
As meninas que me roubaram goiaba voltaram hoje

A seguir apresentamos as imagens *Praat* geradas a partir do áudio dos três informantes para a sentença em (1):

Figura 01: Imagem *Praat* de uma Construção Relativa proferida pela informante CL 1-1-1.

Figura 02: Imagem *Praat* de uma Construção Relativa Proferida pela Informante MC 1-1-1.

Figura 03: Imagem *Praat* de uma Construção Relativa Proferida pela Informante TN 1-2.

Chamamos a atenção para o *abaixamento da tessitura do contorno entoacional* verificado nas imagens acima por meio da ‘chave’ em vermelho. Este abaixamento

ocorre na posição da oração relativa e é semelhante ao verificado na língua portuguesa⁹⁷. Tal fenômeno ratifica que essa parte do enunciado é um aposto/adjunto, o que confirma o tratamento que adotamos para as relativas – orações com funções adjetivas e adjungidas a um NP ou DP – ver Capítulo 2; subseção (2.1.1).

O fenômeno *abaixamento da tessitura do contorno entoacional* é o padrão das relativas em CSN e este fato é corroborado em todos os testes realizados com relativas na língua – ver anexo ‘Imagens Praat’ em CD.

6.1.2.2. *Foco Contrastivo na Posição de Sujeito*

O segundo tipo de sentença que analisamos é a sentença com foco contrastivo na posição do sujeito. Em CSN quando o falante quer disparar uma leitura de foco contrastivo na posição de sujeito, constrói uma clivada invertida com a seguinte ordem dos constituintes: NP + Cópula + FOC. Veja o exemplo a seguir contendo NP (**ôm** ‘homem’) + Cópula (**é** ‘ser’) + marcador de Foco (**k’** ‘que’):

(2) Mtira, **ôm é k’**ta papia d’más

Mtira	ôm	é	k’	ta	papia	d’más
Mentira	homem	COP	FOC	HAB	falar	demaís

Mentira, homem é que fala demais

A sentença (2) é proferida em um contexto discursivo em que o interlocutor faz a seguinte afirmação: **Anton na Saninklau ta falód ma jent mdjer ta papia d’más, é dvera?** “Então, em São Nicolau se diz que as mulheres falam demias, é verdade?”. É neste contexto que o falante em (2) contrapõe o NP **mdjer** “mulher” indicando que são os homens que falam demais. Para confirmar a marcação de foco e sua tipologia em **ôm** “homem” (2), ‘ensanduichado’ em uma estrutura clivada, recorremos, primeiramente, à apresentação da estrutura de asserção apontada em Zubizarreta (1998: 7)⁹⁸.

Tipo de foco

Em (2), atesta-se foco contrastivo na posição de sujeito, representado pelo constituinte **ôm** “homem” em A₂:

⁹⁷ Agradecemos à Prof^a Flaviane Svartman pela indicação do termo ‘*abaixamento da tessitura do contorno entoacional*’ que utilizamos nesta análise, bem como a esta comparação do CSN com o português.

⁹⁸ Ver Capítulo 2, seção (2.2.1.3).

Forma Lógica de (2)

A₁: Há um X tal que o X **ta papia d'más** “fala demais”

A₂: Não é o caso que o tal X (**k'ta papia d'más** “que fala demais”) = (**mdjer** “mulher”) & o tal X (**k'ta papia d'más** “que fala demais”) = [_Fôm]

A fim de ratificarmos a realização de foco em (2), evidenciada pela estrutura de asserção, recorreremos à análise prosódica por meio de imagens *Praat* geradas a partir dos áudios do tipo 2 das sentenças (foco contrastivo), proferidas pelos três informantes:

Figura 04: Imagem *Praat* da Construção Clivada com Foco Contrastivo na Posição do Sujeito (2) Proferida pelo Informante CL 3-2-1.

Figura 05: Imagem *Praat* da Construção Clivada com Foco Contrastivo na Posição do Sujeito (2) Proferida pelo Informante MC 3-2-1.

Figura 06: Imagem *Praat* da Construção Clivada com Foco Contrastivo na Posição do Sujeito (2) Proferida pelo Informante TN 3-2-1.

Observamos pelas imagens acima, geradas a partir da sentença (2), que, em CSN, a leitura de foco contrastivo na posição de sujeito se dá quando o falante eleva a Frequência Fundamental (F_0) na fronteira entre o NP, como se dá em (*ôm*), e o marcador de Foco (*k'*). Este fato pode ser visto nos círculos acima. Após essa elevação, a F_0 é descendente até o final da sentença.

6.1.2.3. *Foco de Informação na Posição do Sujeito*

O terceiro tipo de sentenças que analisamos são sentenças com marcação de ‘foco de informação’ na posição do sujeito. Utilizamos como contexto uma construção contendo relativa, por ser esta considerada neutra em termos de marcação de foco. Esta construção contendo sentença relativa nos serve de base para criar perguntas, aos informantes, que deverão ter como resposta construções com ‘foco de informação’ na posição do sujeito. Logo, a seguir, apresentamos a construção contexto que contém uma relativa:

(3) **Un môss k’ben d’Brazil aont, purguntó-m pa bó**

Un	môss	k’	ben	d’	Brazil	aont
DET	moço	COMP _{Rel}	vir	de	Brasil	ontem

purguntó m	pa	bo
perguntar 1SG.DAT	por	2SG.DAT

Um moço que veio do Brasil ontem, perguntou-me por você

A partir da construção (3) acima, foram criadas duas perguntas Wh a fim de obtermos como resposta duas construções: (i) clivada e (ii) copulativa. Chamamos a atenção do leitor que, ao propormos estas duas perguntas, tínhamos em mente o objetivo de diferenciar clivadas – contendo foco – de copulativas contendo relativas⁹⁹. Atente para as perguntas e suas respostas:

- *Pergunta para obtenção de clivagem. Resposta: leitura de foco informacional na posição de sujeito*

(4) a. **Kin k’ben d’Brazil aont?** – “Quem que veio do Brasil ontem?”

b. **É un môss k’ben d’Brazil aont**

É	un	môss	k’	ben	d’	Brazil	aont
COP	DET	moço	FOC	vir	do	Brasil	ontem

Foi um moço que veio do Brasil ontem.

- *Pergunta para obtenção de copulativa. Resposta: construção copulativa (sem foco)*

⁹⁹ Baseamo-nos em Miotto & Negrão (2007: 174) que apresenta um contexto idêntico a fim de chegar a leituras diferentes: de foco (clivagem) e não foco (copulativas).

(5) a. **Kin k'purguntó-b pa mi?** – “Quem que te perguntou por mim?”

b. **É un moss k'ben d'Brazil aont**

É	un	moss	k'	ben	d'	Brazil	aont
COP	DET	moço	COMP _{Rel}	vir	do	Brasil	ontem

Foi um moço que veio do Brasil ontem

Seguindo a hipótese que assumimos neste trabalho – Miotto & Negrão (2007) – a estrutura **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem”, que serve como resposta às perguntas (4a) e (5a), ao ser inserida no *Praat*, deveria mostrar padrões entoacionais diferentes. O que esperamos com base nas hipóteses apresentadas até aqui é:

1. **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem” que serve como resposta a pergunta (4a) deve apresentar uma elevação da F₀ no sintagma **um moss** “um moço” por estar em uma estrutura clivada e ser, portanto, foco.

2. **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem” que serve como resposta a pergunta (5a) não deve apresentar uma elevação da F₀ no sintagma **um moss** “um moço”. Não há foco. Diferentemente, devemos encontrar um *abaixamento da tessitura do contorno entoacional* após o **k'**, indicando o início de uma relativa. Logo, nesta construção, tem-se uma copulativa.

A seguir apresentamos as imagens *Praat* das respostas (4b) e (5b):

I. **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem” – Resposta para (4a) – Clivada/Foco: Imagens *Praat* dos três informantes

Figura 07: Sentença Clivada com Foco de Informação na Posição do Sujeito Proferida pela Informante Carla 10-3-1.

Figura 08: Sentença Clivada com Foco de Informação na Posição do Sujeito proferida pela Informante MC 10-3-1.

Figura 09: Sentença Clivada com Foco de Informação na Posição do Sujeito proferida pela Informante TN 10-3-1.

II. **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem” –
Resposta para (5b) – Copulativa Contendo Relativa: Imagens *Praat* dos três informantes

Figura 10: Sentença Copulativa Proferida pela Informante CL 10-4-1.

Figura 11: Sentença Copulativa Proferida pela Informante MC 10-4-1.

Figura 12: Sentença Copulativa Proferida pela Informante TN 10-4-1.

O interessante a ser observado das imagens geradas pelo Praat em I e II acima é que não se vê diferença prosódica entre clivagem e copulativa. Este fato nos intrigou, pois podemos evidenciar diferenças sintáticas e semânticas entre (4b) e (5b) como apresentamos a seguir.

Retomemos, primeiramente, o dado (4), renumerado em:

- *Pergunta para obtenção de clivagem. Resposta: leitura de foco informacional na posição de sujeito*

(6) a. **Kin k'ben d'Brazil aont?** – “Quem que veio do Brasil ontem?”

b. **É un moss k'ben d'Brazil aont**
É un moss k'ben d' Brazil aont
 COP DET moço FOC vir do Brasil ontem
Foi um moço que veio do Brasil ontem.

c. **É un moss**
É un moss
 COP DET moço
Foi um moço

Atente para o fato de ser possível tomarmos como resposta a (6a), a forma reduzida (6c).

A fim de confirmar a marcação de foco informacional em **un moss** “um moço” (6b), ‘ensanduichado’ em uma estrutura clivada, recorremos, à leitura e tipologia do foco, seguida da estrutura de asserção apontada em Zubizarreta (1998: 7)¹⁰⁰.

(i) *Leitura especificacional*

Em (6b) há a ‘especificação’ de um valor, **un moss** “um moço” – o constituinte focalizado – a uma variável.

(ii) **Tipo de foco**

Em (6b), há foco de informação no constituinte [**un moss**] “um moço” na posição de sujeito da sentença.

(iii) **Estrutura de Asserção**

A₁: Existe um x tal que x **ben d'Brazil aont** “veio do Brasil ontem”

A₂: O x tal que x **ben d'Brazil aont** “veio do Brasil ontem” = [_F **un moss** “um moço”]

Em (6b) a construção sintática é a de uma ‘clivada canônica’ – Cópula [_{VP} **é**] + elemento ensanduichado [_{NP} **un moss**] + Complementizador [_{Comp} **k'**]¹⁰¹.

¹⁰⁰ Ver Capítulo 2, seção (2.2.1.3).

Após termos argumentado sintática e semanticamente que **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem” (6) é uma clivada e contém foco; a seguir, apresentamos a argumentação para (5), renumerada, em que **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem” é uma construção copulativa, contendo uma relativa:

- *Pergunta para Obtenção de Copulativa. Resposta: Construção Copulativa (Sem Foco)*

(7) a. **Kin k'purguntó-b pa mi?** – “Quem que te perguntou por mim?”

b. **É un moss k'ben d'Brazil aont**

É un moss k' ben d' Brazil aont
 COP DET moço COMP_{Rel} vir do Brasil ontem
Foi um moço que veio do Brasil ontem

*c. **É un moss** “*foi um moço*”

Para o contexto de pergunta discursiva em (7a), não podemos ter como resposta apenas **é un moss** “*foi um moço*” (7c). Em (7b), **un moss** “um moço” é parte de um conjunto de “moços”, logo, para a informação que se requer é necessário que se restrinja um desses ‘moços’ do conjunto. Logo, a oração que se segue a **un moss** “um moço” é uma relativa do tipo restritiva – ver Capítulo 5, subseção (5.1.1.1.). Corroborando esta interpretação, podemos afirmar ainda que **k'ben d'Brazil aont** “que veio do Brasil ontem” é uma relativa pelas seguintes razões: (i) o NP [**un moss**] “um moço” é partilhado pela oração matriz [**é un moss**] e a oração encaixada [**k'ben d'Brzil aont**] “que veio do Brasil ontem”, logo **un moss** é o *pivô* dessa construção relativa; (ii) a oração relativa [**k'ben d'Brzil aont**] “que veio do Brasil ontem” é adjunto do NP [**un moss**] – exerce a função de uma oração adjetiva.

Acima argumentamos que **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem”, que serve como resposta às perguntas (6a) e (7a), pode ser interpretado tanto como uma estrutura clivada, quanto uma estrutura copulativa em CSN. No entanto, voltamos aqui a uma questão inicial que nos chamou a atenção, apontada nas imagens *Praat* – Conjuntos I/II, Os testes prosódicos que este conjunto exemplifica não atestaram as diferenças esperadas entre uma construção clivada e uma

¹⁰¹ Neste trabalho, assumimos que o **k'** de uma clivada é marcador de foco.

copulativa¹⁰². Observem que, testes anteriores apontaram que: (i) clivadas apresentam elevação de F_0 no elemento focalizado – ver Figura 4; (ii) relativas (como no caso em que ocorrem as copulativas) apresentam *abaixamento da tessitura do contorno entoacional* – ver Figura 1.

O fato que nos intrigou nos conjuntos I/II, relativo à prosódia, é que nos dois conjuntos o que se atesta é o fenômeno elevação de F_0 no sintagma **un moss** “um moço”. Este resultado poderia nos levar à seguinte análise: em CSN, não há diferença prosódica entre clivadas e copulativas. No entanto, esta análise era muito pouco provável em termos teóricos. Assumindo que a prosódia é um ‘retrato’ da interface sintaxe/fonologia – ver Capítulo 2, subseção (2.2.1.4) – e assumindo como já o fizemos que estas duas estruturas – clivadas e copulativas – são distintas em CSN, não poderíamos concluir tão prontamente que, nesta língua, não há diferença prosódica entre essas duas construções. Portanto, retornamos aos testes prosódicos e nos indagamos acerca de possíveis falhas na metodologia empreendida ao realizarmos esses testes.

A seguir, apresentamos o ‘caminho’ que fizemos de retomada a esses testes com vistas a uma segunda tentativa de corroborarmos a hipótese de que clivadas e copulativas apresentam diferenças prosódicas em CSN.

- Passo 1

Valorando o resultado dos testes, atentamos para o fato apresentado nos conjuntos I/II de que, mesmo nas estruturas copulativas ocorre a marcação de foco;

- Passo 2

Nossa pergunta passou a ser: por que uma estrutura copulativa atesta prosódia de foco? Se isso se dá, não seria o caso de que tenhamos, visto na ‘estrutura copulativa’, apenas parte da resposta e não a totalidade dessa resposta?

- Passo 3

Seguindo nossa ‘intuição’ a partir do passo 2, ‘olhamos’ com mais atenção ao tipo de resposta que havíamos requerido dos informantes. Verificamos que, para os dois casos, pensávamos estar requerendo repostas ‘completas’ a suas respectivas perguntas. Logo, retornamos a essas perguntas, renumeradas em:

- *Pergunta para obtenção de clivagem. Resposta: leitura de foco informacional na posição de sujeito*

¹⁰² O total de sentenças que compõe o teste para estes dois conjuntos é de 120 sentenças – ver Anexo ‘Imagens Praat’ em CD.

(8) a. **Kin k'ben d'Brazil aont?** – “Quem que veio do Brasil ontem?”

b. **É un moss k'ben d'Brazil aont**
É un moss k' ben d' Brazil aont
 COP DET moço FOC vir do Brasil ontem
Foi um moço que veio do Brasil ontem

c. **É un moss**
É un moss
 COP DET moço
Foi um moço

Nossa atenção foi centrada no tipo de resposta requerida para a obtenção da clivagem: solicitamos aos informantes que nos dessem uma resposta ‘completa’, como (8b) e não como em (8c).

Passamos a olhar para o mesmo tipo de resposta que solicitamos para a obtenção de copulativas, apresentado a seguir:

- *Pergunta para obtenção de copulativa. Resposta: construção copulativa (sem foco)*

(9) a. **Kin k'purguntó-b pa mi?** – “Quem que te perguntou por mim?”

b. **É un moss k'ben d'Brazil aont**
É un moss k' ben d' Brazil aont
 COP DET moço COMP_{Rel} vir do Brasil ontem
Foi um moço que veio do Brasil ontem

Ao atentarmos para a resposta solicitada aos informantes para a obtenção de copulativas, percebemos o problema. A resposta solicitada para a copulativa não era do tipo ‘completa’ como pensávamos ser. A resposta completa à pergunta em (9a) **Kin k'purguntó-b pa mi?** “Quem que te perguntou por mim?” não poderia ser simplesmente **É un moss k'ben d'Brazil aont** “Foi um moço que veio do Brasil ontem”, como em (8b). A resposta completa a (9a) **Kin k'purguntó-b pa mi?** “Quem que te perguntou por mim?” deveria ser **É un moss k'ben d'Brazil aont k'purguntó-m pa bo** “Foi um moço que veio do Brasil ontem que me perguntou por você”.

- Passo 4

De posse de uma nova resposta do tipo ‘completa’ para a estrutura copulativa, decidimos inseri-la novamente no *Praat*. O resultado, dessa vez, foi surpreendente. A seguir apresentamos o novo teste:

- Resposta Completa à Pergunta para Obtenção de Copulativa

(10) **É un moss k'ben d'Brazil aont k'purguntó-m pa bo**

É	un	moss	k'	ben	d'	Brazil
COP	DET	moço	COMP _{REL}	vir-PST	de	Brasil

aont	k'	purguntó	m	pa	bo
ontem	FOC	perguntar-PST	1SG.DAT	para	2SG.DAT

Foi um moço que veio do Brasil ontem que me perguntou por você

Figura 12: Imagem Praat da Resposta Completa para Obtenção de Copulativa

Atente para a imagem acima: (i) a chave em vermelho indica a parte correspondente à oração relativa [**k'ben d'Brazil aont**] “que veio do Brasil ontem”, demonstrando o *abaixamento da tessitura do contorno entoacional*, atestado nas relativas¹⁰³; (ii) o círculo amarelo, por sua vez, corrobora a presença de foco já atestada no conjunto de testes I/II. Indica elevação da Frequência Fundamental (F_0) sobre o constituinte [**un moss**] na posição do sujeito; (iii) a seta amarela indica que ao iniciar a oração [**k'purguntó-m pa bo**] “que me perguntou por você”, há uma elevação da Frequência Fundamental (F_0) no constituinte **k'** “que” que introduz essa oração o que nos leva a interpretá-lo como núcleo do foco; (iv) Retomando o olhar no *abaixamento da tessitura do contorno entoacional* (em vermelho), o programa nos possibilita ratificar a estrutura realtiva introduzida pelo COMP_{REL} **k'** “que”.

¹⁰³ Ver Figura 1.

Logo, o novo teste *Praat* corrobora nossa análise de **k'** em CSN possa:

1. ser introdutor de relativa como se vê na oração relativa [**k'ben d'Brazil aont**] “que veio do Brasil ontem”;
2. marcador de foco como se vê na oração oração[**k'purguntó-m pa bo**] “que me perguntou por você”.

Como feito nos demais casos com ocorrência de clivagem, podemos comprovar a ocorrência de foco na estrutura em (10) renumerado em:

(11) **É un moss** k'ben d'Brazil aont **k'purguntó-m pa bo**
“Foi um moço que veio do Brasil ontem que me perguntou por você”

(i) Leitura especificacional

Em (11) há a ‘especificação’ de um valor, [_{TP} **un moss k'ben de Brazil aont**] “um moço que veio do Brasil ontem” – a parte focalizada da sentença – a uma variável.

(ii) Tipo de foco

Em (11), há ‘foco de informação’ no constituinte [_{NP} **un moss**] “um moço” na posição do sujeito. Atente para o fato de que esse NP toma como ‘adjetivação’ a oração relativa **k'ben de Brazil aont** “que veio do Brasil ontem”.

(iii) Estrutura de Asserção

A₁: Existe um X tal que X **purguntó-b pa mi** “te perguntou por mim”

A₂: O X tal que X **purguntó-b pa mi** “te perguntou por mim” = [_F **un moss** “um moço”]. O NP focalizado [**un moss**] “um moço” seleciona a oração [**k'ben de Brazil aont**] “que veio do Brasil ontem” como adjunto.

Pelas análises acima apresentadas e as já realizadas nos capítulos anteriores, propomos uma multifuncionalidade do morfema **k'** em CSN/CCV: (i) no Capítulo 4, seção (4.1.2), atestamos sua função como complementizador e introdutor de relativas; (ii) neste capítulo argumentamos acerca de sua presença em construções clivadas, ratificando análises prévias de que seja este um marcador de foco em caboverdiano¹⁰⁴;

¹⁰⁴ Ver Oliveira & Holm (2011), Oliveira (2011), Oliveira & Jorge (no prelo), entre outros – Capítulo 2.

(iii) descrevemos a sua presença em várias composições sintagmáticas que introduzem interrogativas-Wh e orações relativas¹⁰⁵.

A seguir ratificamos nossa proposta neste Capítulo de que clivadas são estruturas de foco, logo não contêm uma relativa.

6.2 K' COMO MARCADOR DE FOCO EM CSN

Nas seções acima, ratificamos que estruturas clivadas se diferem de copulativas em CSN. Logo, o morfema **k'** que introduz clivadas não pode ser analisado como complementizador relativo, pois clivadas não contêm relativas.

Em CCV, de modo geral, e em CSN em especial, observa-se que o morfema **ki/k'** 'que' é tão produtor a ponto de não poder ser ignorado. Cardoso (1989: 34) chamou a atenção para a natureza 'enfática' do morfema **k'** em CSN. Alexandre (2009: 53) faz a seguinte colocação sobre pronomes-Wh em CST: "*Probably, these speakers have a grammar in which all wh-questions of CVC are necessarily focused with ki*". Ainda, ao analisar as realizações do morfema **ki** em CCV, a autora observou que, em certas construções, este morfema aparenta as características de um marcador de foco, propondo dois morfemas **ki** que têm a mesma forma morfológica, mas desempenham diferentes funções sintáticas – ver Alexandre (2009: 217).

Oliveira & Souza (2009) definem o morfema **ki/k** como um marcador de foco em CCV. Holm & Oliveira (2011) apresentam o morfema **ki** 'que' (variante da ilha de Santiago) como um 'marcador de foco' e dizem que este é semelhante a outros morfemas atestados em línguas crioulas do Atlântico. Logo, nesta dissertação, ratificamos esses trabalhos e analisamos, em construções clivadas, **k'** como marcador de foco. A seguir, apresentamos a proposta estrutural que tomamos para este morfema.

6.2.1. Estrutura de Foco em CSN Marcada por K'

Nesta seção para apresentarmos as posições estruturais do morfema **k'** em CSN, retomemos o dado (4b), com clivada, seguido de sua representação estrutural e renumerado em:

(12) a. **É un moss k'ben d'Brazil aont**

¹⁰⁵ Ver Capítulos 3 e 4.

É un moss k' ben d' Brazil aont
 COP DET moço COMP vir do Brasil ontem
Foi um moço que veio do Brasil ontem.

b. é [_{ForceP} [_{FocP} [_{Foc} **k'** [_{TP} **ben d'Brazil aont**]]]]

c. Estrutura resumida em assumimos a proposta de Rizzi (1997) – CP Expandido

6.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos a análise de um conjunto de dados em CSN que segundo a análise padrão seria tratado como relativas – as construções clivadas. Apresentamos uma comparação entre essas construções e construções copulativas, argumentando que, embora, aparentemente, possam ser semelhantes de fato são distintas.

O enfoque que tomamos foi a análise prosódica que nos auxiliou a corroborar, por exemplo, a argumentação em favor de foco para as estruturas clivadas. Estas estruturas apresentam elevação da F_0 na posição dos elementos focalizados. Com relação a clivagem, tomamos ainda, como argumentação, estruturas de asserção e leitura especificacional.

Com relação a estruturas copulativas, que contêm relativas, os testes prosódicos atestaram *abaixamento da tessitura do contorno entoacional* na posição da relativa.

No entanto esses mesmos testes apontaram para um fenômeno interessante: a marcação de foco aparentemente em estruturas copulativas. Novo teste, no entanto, nos proporcionou perceber que se tratava de uma construção contemplando as duas estruturas: clivada e copulativa. Logo, não se trata de dizer que, em CSN, não há diferença prosódica entre clivadas e copulativas. Pelo contrário, tal diferença foi atestada, corroborando nossa análise de que o morfema **k'** pode ser tanto introdutor de relativa como marcador de foco na língua.

Estruturalmente, propomos que, como marcador de foco, o morfema **k'** ocupa a posição de núcleo do sintagma foco, alojado na periferia esquerda da sentença. Tomamos, portanto, a proposta de Rizzi (1997) de forma simplificada, pois neste Capítulo, está fora do escopo de nosso trabalho uma análise refinada da periferia esquerda da sentença em CSN.

CAPÍTULO VII

CONCLUSÕES GERAIS

Neste capítulo apresentamos uma síntese dos resultados da pesquisa empreendida nesta Dissertação e ainda abordamos alguns assuntos deixados para pesquisas posteriores.

Nesta Dissertação objetivamos uma primeira análise das construções relativas na variante da língua caboverdiana falada na Ilha de São Nicolau dentro do quadro da Teoria da Gramática.

No Capítulo 1 apresentamos um panorama geral da sociedade caboverdiana, tangenciando aspectos: (i) da condição sociolinguística que se caracteriza por situação de diglossia entre CCV, a língua materna e o Português a língua oficial e da educação formal; (ii) da situação socio-histórica centrando-nos no povoamento das ilhas e formação das variedades dialetais; (iii) da tentativa de oficialização da língua materna; (iv) da história da ilha de São Nicolau e seu crioulo.

No Capítulo 2 introduzimos aspectos teóricos que nortearam a pesquisa empreendida nesta Dissertação. Começamos por conceituar a noção de orações relativas que assumimos para este trabalho – orações com funções adjetivas, isto é, adjunto de um elemento + N. Em seguida apresentamos as principais características das construções relativas apontadas na teoria da gramática, centrando-nos em conceitos como *pivô*, elementos introdutores de relativas, tipologia das orações relativas, estruturas sintáticas das relativas. No decorrer da nossa pesquisa deparamos com um conjunto de dados que achamos problemáticos de serem tratados dentro da proposta de análise que assumimos para as construções relativas. Isso nos levou a conceituar aspectos da categoria foco, que por sua vez nos levou a alguns conceitos semânticos e prosódicos relacionados à interface sintaxe/fonologia.

Havendo apresentado os fundamentos teóricos, em seguida resenhamos os principais trabalhos relacionados a estudos de elementos-Wh e construções relativas em CCV de uma forma geral. Deparamos com o fato de que a vasta maioria dos estudos da língua caboverdiana até então, centra-se na variante de Santiago. Quanto aos estudos da variante de São Nicolau, encontramos apenas um trabalho que faz uma descrição geral dessa variante do caboverdiano. Não obstante, por se tratar de uma mesma língua e suas variantes dialetais, nos trabalhos resenhados, um conjunto específico de trabalhos

chamou a nossa atenção para outras funções do morfema **k'** “que” em CCV de uma forma geral.

Sendo que há uma relação muito estreita entre o estudo das construções relativas e os elementos-Wh, e não havendo uma descrição disponível dos mesmos para CSN, consideramos necessária tal descrição, o que fazemos no Capítulo 3. Para tal descrição nos baseamos nas categorias ontológicas propostas por Haspelmath (1997), que nos levou aos seguintes resultados: (i) para a categoria ‘tempo’ atestamos que em CSN há: o pronome-Wh dêítico, **kazóra** “quando” sempre ancorado no dêixis temporal; o pronome-Wh não dêítico, **kandê** “quando”; e o pronome-Wh **kontóra** “que horas” usado exclusivamente para perguntar por tempo cronológico; (ii) para a categoria ‘quantidade’ atestamos apenas o sintagma-Wh formado pelo pronome-Wh **kónt** “quanto” + N usado para tanto para elementos contáveis e elementos não contáveis; (iii) para a categoria ‘maneira’ atestamos uma variedade de expressões-Wh formados essencialmente com os pronomes-Wh **mô/modê**, **manera/manê** “como” seguidos obrigatoriamente do morfema **k'** “que/Foco”, indicando que são movidos obrigatoriamente para a categoria foco na língua – apesar dessa variedade de expressões-Wh, todas possuem o mesmo valor semântico de “como”; (iv) para a categoria [+ humano] atestamos o pronome-Wh **kin** “quem” e o sintagma-Wh **kinhê** formado pelo pronome “quem” + a cópula **é** “ser”, e os dois podem ser movidos para a categoria foco quando seguidos dos morfema **k'** “que/Foco”; (v) para a categoria ‘coisa’ atestamos os pronomes-Wh **kzê/kzaê** “o quê”, **ukê/duke** “o que”; (vi) para a categoria ‘causa’ atestamos o sintagma-Wh **pamôd kin** “por causa do quê” usado para perguntas centradas na causa e o sintagma-Wh **pamôd kinhê** “por causa de quem” usado para perguntas centradas no causador; (vii) para a categoria ‘propriedade’ atestamos o pronome-Wh **kal** “qual” que é usado tanto para elementos humanos quanto não humanos, uma expressão sintagmática-Wh **K' + NP + Cópula + Kel + K'** “Que X é aquele que” e uma expressão sintagmática-Wh marcada **Kasta d' + NP + Cópula + Kel + K'** “Que raio de X é aquele que”; (viii) para a categoria ‘lugar’ atestamos o pronome-Wh **ondê** “onde” e suas formas preposicionadas **n'ondê** “na onde”, **p'ondê** “para onde” e **d'ondê** “donde”.

A partir do quadro dos pronomes-Wh descritos no Capítulo 3, partimos para identificação e descrição dos introdutores relativos em CSN. Na nossa pesquisa atestamos que, em CSN, uma oração relativa pode ser introduzida por um pronome relativo e por um complementizador relativo. Atestamos os seguintes pronomes

relativos na língua: **ondê** “onde” e suas formas preposicionadas, **kandê/kondê** “quando”, **kin** “quem”, **ukê/dukê** “o que” e **kzaê** “o que”. Observamos que todos os pronomes relativos introduzem relativas livres, isto é, sem antecedente nominal explícito, e só o pronome **ondê** “onde” pode introduzir relativas com antecedente nominal explícito. Observamos ainda que todos os pronomes relativos na língua podem ser movidos para categoria de foco quando seguidos do morfema **k’** “que/foco”. Quanto a complementizadores relativos, atestamos que em CSN apenas o complementizador **k’** “que” pode exercer essa função sintática. No entanto na língua há um sistema complementizador formado pelos complementizadores: **k’** “que” mesma forma que o complementizador relativo **k’** “que”, mas de naturezas diferentes; **d’** “de”; **ma** “que” que muitas vezes gera confusão com o relativizador **k’** “que”, pois **ma** pode ser uma alternativa para o complementizador **k’** “que”; **pa** “que”; **s’** “se”; **pamôd** “que” e um complementizador $\emptyset$. Atestamos ainda que em CSN se recorre da estratégia resumptiva de relativização quando a relativa é introduzida pelo complementizador **k’** “que” e a posição relativizada é preposicionada.

Havendo identificado e categorizado os introdutores de relativas, partimos para a tipologia das relativas, em CSN, no Capítulo 5. Podemos verificar que nessa variedade do CCV, as relativas se dividem em dois grupos: relativas com antecedente nominal explícito e relativas livres, isto é, sem antecedente nominal explícito. O grupo com antecedente nominal explícito é introduzido majoritariamente pelo complementizador **k’** “que”, sendo que **ondê** “onde” é único pronome relativo que pode introduzir este grupo de relativas. Esse grupo ainda se divide em três subgrupos: (i) as *restritivas* que restringem o NP antecedente e que assumimos que ocupam a posição estrutural de adjuntos do NP antecedente; as *não restritivas*, que ampliam a descrição do NP antecedente e assumimos que ocupam a posição estrutural de adjunto do DP antecedente; e uma terceira categoria em que o resultado final é uma relativa restritiva, mas o processo recorre de uma relativa restritiva por meio do DP **kel** “aquele”. As relativas livres, são sem antecedente nominal explícito pelo que assumimos que qualificam um DP nulo, isto é, são adjuntos de um DP não realizado fonologicamente.

No final do Capítulo 5 deparamos com um conjunto de dados que consideramos problemático de ser tratado dentro da estrutura que assumimos para as construções relativas nesta Dissertação – as construções clivadas que normalmente são tratadas, na literatura, como contendo uma relativa. Sendo que seguimos em outra direção

consideramos necessário tratar esse grupo num Capítulo separado. Assim no Capítulo 6 concentramos na análise das construções clivadas.

No capítulo 6 apresentamos a análise de um conjunto de dados em CSN que segundo a análise padrão seria tratado como relativas – as construções clivadas. Apresentamos uma comparação entre essas construções e construções copulativas, argumentando que, embora, aparentemente, possam ser semelhantes de fato são distintas.

O enfoque que tomamos foi a análise prosódica que nos auxiliou a corroborar, por exemplo, a argumentação em favor de foco para as estruturas clivadas. Estas estruturas apresentam elevação da F_0 na posição dos elementos focalizados. Com relação a clivagem, tomamos ainda, como argumentação, estruturas de asserção e leitura especificacional.

Com relação a estruturas copulativas, que contêm relativas, os testes prosódicos atestaram *abaixamento da tessitura do contorno entoacional* na posição da relativa.

No entanto esses mesmos testes apontaram para um fenômeno interessante: a marcação de foco aparentemente em estruturas copulativas. Novo teste, no entanto, nos proporcionou perceber que se tratava de uma construção contemplando as duas estruturas: clivada e copulativa. Logo, não se trata de dizer que, em CSN, não há diferença prosódica entre clivadas e copulativas. Pelo contrário, tal diferença foi atestada, corroborando nossa análise de que o morfema **k'** pode ser tanto introdutor de relativa como marcador de foco na língua.

Estruturalmente, propomos que, como marcador de foco, o morfema **k'** ocupa a posição de núcleo do sintagma foco, alojado na periferia esquerda da sentença. Tomamos, portanto, a proposta de Rizzi (1997) de forma simplificada, pois neste Capítulo, está fora do escopo de nosso trabalho uma análise refinada da periferia esquerda da sentença em CSN.

Ao final desta Dissertação, chamamos a atenção para algumas questões que não foram levantadas, mas foram, de alguma forma, tangenciadas. São elas:

- Duplo Preenchimento da Categoria CP em Construções Relativas

Observamos que em CSN há composições sintagmáticas que funcionam como introdutores de relativas, formadas por pronomes-Wh seguidos do morfema **k'**.

Retomemos o dado (4), do Capítulo 4, subseção (4.1.1.1.2.) como exemplo em que a relativa é introduzida pela sintagma-Wh **kin k'** “quem que”:

- (1) a. **No fala má kin k'ta proteje jent**
No fala má kin (k') ta proteje jent
 1PL.NOM falar-PST com quem (FOC) HBT proteger 1PL.ACC

Nós falamos com quem (que) protege a gente.

- b. [TP No fala [PP má [DP Ø [DP [FOCP/CP [DP kin (FOC k') [TP [DP ~~kin~~ ta proteje jent]]]]]]]]¹⁰⁶

Em (1) observamos que o [Spec, CP] está preenchido pelo pronome relativo **kin** “quem” e o [C⁰, CP] está preenchido pelo complementizador relativo **k'**. Este fato precisa de uma análise detalhada.

- A Posição do Foco na Periferia Esquerda da Sentença

Ao apresentarmos a estrutura do foco na periferia esquerda, não atentamos a posição que este ocupa na periferia esquerda da sentença em relação a outros elementos, como o tópico, por exemplo, ao considerarmos o CP Expandido de Rizzi (1997).

¹⁰⁶ Atente para o fato de que o elemento **k'** nesta construção é Foco, logo, em (4) há um exemplo de marcação de foco morfológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Luís de; SANTOS, Maria Emília Madeira (coord.). (1991 e 1995). *História Geral de Cabo Verde*, vols. I e II, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical e Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde.

ALEXANDRE, Nélia Maria Pedro. (2010). “Uma análise de CP não expandido para o sistema de complementadores do Crioulo de Cabo Verde”, in *Textos Seleccionados do XXV ENAPL 2009*, Lisboa: Colibri, 111-126.

----- (2009). *Wh-Constructions in Cape Verdean Creole: Extensions of the Copy Theory of Movement*, Diss. de Doutoramento, Lisboa: Universidade de Lisboa.

----- (2007). “Interrogativas-Q em Crioulo de Cabo Verde: Movimento explícito/implícito ou sem movimento?”, in M. Lobo & M. Coutinho (eds.), *Textos Seleccionados do XXII ENAPL 2006*, Lisboa: Colibri, 41-55.

----- (2006). “Processos de relativização e marcadores relativos em Crioulo de Cabo Verde”, in F. Oliveira & J. Barbosa (eds.), *Textos Seleccionados do XXI ENAPL 2005*, LISBOA: COLIBRI, 83-95.

----- (2000). *A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu*, MA Diss., Lisboa: FLUL.

ANDERSON, S. R.; KEENAN, E. L. Deixis. In: Timothy Shopen (ed.) *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 259-308. Vol. III.

ARENDS, Jaques. (1994). The Socio-Historical Background of Creoles. in ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (1994). *Pidgins and Creoles: An Introduction*. Philadelphia, USA: John Benjamins. pp. 15-24.

ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (1994). *Pidgins and Creoles: An Introduction*. Philadelphia, USA: John Benjamins.

AUROX, S. A revolução tecnológica da gramatização. Editora da Unicamp, Campinas, 1992, p.35-34.

BALENO, Ilídio Cabral. (1991). "Povoamento e Formação da Sociedade", in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, Vol. I, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical e Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, pp. 125-177.

Baptista, M. (1993). “A comparative analysis of the particle *ki* in Cape Verdean and Haitian” In *Harvard Working Papers in Linguistics*, H. Thráinsson, S. Epstein and S. Kuno (eds.), 3: 3–14. Cambridge, MA: Harvard University Linguistics Department.

----- (2002). *The Syntax of Cape Verdean Creole: The Sotavento Varieties*, Linguistics Today 54, Amsterdam: J. Benjamins Publ.

BECHARA, Evanildo. (1999). *Moderna gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lucerna.

BOERSMA, P. & WEENINK, D. (1992-2005). *Praat - doing phonetics by computer*, software version 4.3.02. Disponível em ([http://: www.fon.hum.uva.nl/praat](http://www.fon.hum.uva.nl/praat)). Acessado 19 de Setembro 2012.

BRAGA, M. Luiza, KATO, Mary A. & MIOTO, Carlos. (2009). As construções-Q no português brasileiro. In: Kato, M. Azawa & Milton do Nascimento. *Gramática do português culto falado no Brasil – a construção da sentença*, p. 241-294. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Vol. III.

BRITO, Ana M^a & DUARTE, Inês. (2003). “Orações relativas e construções aparentadas”, in M^a. H.MATEUS et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 5^a ed., Lisboa: Caminho, 653-694.

CABO VERDE. (2009). Boletim Oficial I SÉRIE NO 11 «B. O.» DA REPÚBLICA DE CABO VERDE. 16 DE MARÇO DE 2009.

CABO VERDE. (2012). Página Oficial do Governo da República de Cabo Verde. Disponível em <http://portoncv.gov.cv/>. Acessado 12 de Junho de 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 23, p. 137-151, jul/dez. 1992.

CAGLIARI, Luiz Carlos; MASSINI-CAGLIARI, G. (2001). *O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

CARDOSO, Eduardo Augusto. (1989). *O crioulo da Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro.

CARLSON, Gregory. (1977). *Reference to Kinds in English*, PhD. Diss., New York: Garland Publ.

CHAFE, W. L. 1976. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In: Li, C. N. M. (Ed.). *Subject and topic*, p. 27-55. New York: Academic Press.

CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht: Foris.

_____. (1993). A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Ed.). *The view from Building 20: essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52.

----- (1995) *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press.

----- (2001a). Derivation by phase. In: Michael Kenstowicz (ed.). *Ken Hale: a life in language [Current studies in Linguistics 36]*. Cambridge: MIT Press.

----- (2001b). Beyond explanatory adequacy. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 20.

----- (2005). Three factors in language design. *Linguistic Inquiry*. 36: 1-22.

-----, (2006). Approaching ug from below. Ms, MIT. Green, M. 2007. Focus in Hausa. Publications of the Philological Society, 40. Oxford: Blackwe

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. (1998). *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Scipione Ltda.

COELHO, Francisco Adolpho (1880-1886) Os dialetos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. In J. Morais Barbosa (org.) *Estudos Lingüísticos Crioulos*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1967.

COMRIE, Bernard, HASPELMATH, Martin & BICKEL, Balthasar. (2008). *The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*. Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology - [Department of Linguistics](http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php). Disponível em: <http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>. Acessado em 15 de Setembro de 2011.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DELFINO, Alexandre (2009). *Estudo prosódico das disfluências de reparo*, Diss. de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG.

Downing, B. (1978). Some Universals of Relative Clause Structure. In: J. Greenberg (ed) *Universals of Human Language*. Volume 4, Syntax. Stanford University Press, Stanford, California, 375-418.

FERGUSON, C. A. (1959). Diglossia. *Word*. 15, 325-334

FERNANDES, F. R. (2007). Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia. Tese de Doutorado. Instituto da Linguagem. UNICAMP.

FIORIN, J. L. (2003). *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática.

GADOTT, Moacir (2010). Paulo Freire na África. Disponível em http://www.ipf.org.cv/forum2010/images/stories/Comunicao_do_Gadotti.pdf. Acessado 03 de Setembro de 2012.

HASPELMATH, Martin. (1997). *Indefinite pronouns*. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press.

HOLM, John. 1980. The creole ‘copula’ that highlighted the world. In: Dillard, J. L. (org.). *Perspectives on American English*, p. 367-375. J. L. Dillard (org.). New York: Mouton Publishers.

HORNBERGER, Nancy (ed). 2003. *Continua of biliteracy: an ecological framework for educational policy, research and practice in multilingual settings*. Clevedon: Multilingual Matters.

HYMAN, Larry & WATTERS, John R. 1984. *Auxiliary focus*. *Studies in African Linguistics* 15: 233-73.

't HART, Johan, COLLIER, René. & COHEN, Antonie. *A Perceptual Study of Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

INE. (2012). *Instituto Nacional das Estatísticas*. Disponível em <http://www.ine.cv/>. Acessado 21 de junho 2012.

JACOBS, Bart. (2010). Upper Guinea Creole: Evidence in Favor of a Santiago Birth. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 25:2. John Benjamins Publishing Company.

JORGE, Lurdes & OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de (2012). 'Por Que Que É Assim?' – Considerações sobre Fronteamento de QU em Línguas Crioulas do Atlântico e no Português do Brasil. *PAPIA* 22(2), p. 253-277, 2012. ISSN 0103-9415.

KATO, M. A. & RAPOSO, E. (1996). European and Brazilian Portuguese word order: questions, focus and topic constructions. In: QUICOLI, C; SALTARELLI, M.; ZUBIZARRETA, M. L. (eds.). *Aspects of romance linguistics. Selected papers from the LSRL XXVI*. Washington: Georgetown University Press, p. 267-278.

KUNO, Susumu. 1972. *Functional sentence perspective: a case study from Japanese and English*. *Linguistic Inquiry* 3: 269-320.

LANG, Jürgen et al. (2002). *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Tübingen: Gunter Narr Verlag

LEVINSON, S. C. (2007). Optimizing person reference - perspectives from usage on Rossel Island. In N. Enfield, & T. Stivers (Eds.), *Person reference in interaction: Linguistic, cultural, and social perspectives* (pp. 29-72). Cambridge: Cambridge University Press.

LEWIS, M. Paul (ed.), (2009). *Ethnologue: Languages of the World*, Sixteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com/>.

LOPES, Francisco João. (2011). O Bilinguismo e a Problemática da Diglossia no Processo de Letramento: o Caso de Cabo Verde e suas Diásporas. *PAPIA*. Vols. 1, Nº 21. Pag. 123-136.

----- (2010). Paralelismos entre os processos de formação, gramatização e nacionalização da língua portuguesa e os da língua caboverdiana. In 7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos, 9, Lisboa, 2010 - 50 anos das independências africanas: desafios para a modernidade: *Actas* [Online]. Lisboa: CEA, 2010. [Consultado em 18 de outubro de 2011]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/2352>

LOPES, Marília. (1989). "A exploração económica da Guiné e de Cabo Verde nos séculos XV e XVI", in: ALBUQUERQUE, Luís de (dir.), *Portugal no Mundo*, vol. I, Lisboa, Publicações Alfa, pp. 250-263.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. 2007. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A. T., TORRES MORAIS, M. A., LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP, p. 159-184.

MODESTO, Marcelo. 2001. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas, 2001.

MORAES, J. (1993) A entonação modal brasileira: fonética e fonologia. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas: IEL-Unicamp, n.25, p. 25-66.

NEGRÃO, E. V. Tem uma história que eu quero contar que começa assim: peculiaridades de uma sentença existencial. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (22): 81-90, 1992.

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NEVES, Baltazar. (2001). *Para a História do Ensino em Cabo Verde: O Caso do Seminário-Liceu de S. Nicolau*. Porto: FLUP.

NUNES, Jairo. (2004). *Linearization of Chains and Sideward Movement*, Linguistic Inquiry Monograph 43, Mass.: MIT Press.

OBENAUER, Hans-Georg. 2008. “Special interrogatives – dialectal variation and the left periphery”, in *18th Colloquium on Generative Grammar*, April, 17-19, Lisboa: FLUL.

OLIVEIRA, P. Miguel de (1998). *História Eclesiástica de Portugal*. Publicações Europa América, s/d.

OLIVEIRA, Márcia S. D. De. (2010). *Análise Sintática do Português Falado no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco.

_____. (2012). Aula 1: *Introdução Ao Estudo das Línguas Crioulas de Base Portuguesa*. Disciplina de Pós-Graduação:. DLCV/FFLCH/USP.

_____. (2005). Perguntas de constituinte em ibíbio e a teoria de tipo oracional: aspectos da periferia à esquerda com ênfase em foco. München: LINCOM. *Studies in African Linguistics*, 65.

OLIVEIRA, Márcia S. D. De & HOLM, John. (2011). Estruturas-Qu Fronteadas e o ‘Foco Gramaticalmente Controlado’ – A Participação de Línguas Africanas em Línguas Parcialmente e Completamente Reestruturadas. *PAPIA*. Vols. 1, Nº 21. Pag. 23-38.

OLIVEIRA, M. S. D.; & SOUZA, S. A. Santos de. (2009). Perguntas de constituinte (WH) em caboverdiano: evidências de foco obrigatório. *Revista PAPIA*, p. 247 - 261.

PAIXÃO DE SOUZA, Maria Clara. (2012). Algumas Questões Trazidas pelas Grandes Genealogias (o "Contato"). *Linguística Histórica do Português: Aulas 7 e 8*. Curso de Pós-Graduação. DLCV/ FFLCH/ USP, manuscrito.

PAYNE, T. E. (1997). *Describing morfosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press.

POLLI, Tercio Campos. (2008). A periferia à esquerda da sentença no Português Brasileiro: funções discursivas de seus constituintes e sua derivação. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São

Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-08072008-154106/>>. Acesso em: 2012-08-17.

POLLOCK, Jean-Yves. (2008). “Aspects of romance interrogative syntax: Mendrisiotto, French *quoi* and French ‘in situ’ wh-questions”, in *18th Colloquium on Generative Grammar*, 17-19, April, Lisbon: FLUL.

POMAR, Victor (2008). *Veleiro Dingue*. Disponível em: http://www.veleirodingue.freeboat.com.br/sail/glossario_de_termos_nauticos_para_vela.htm). Acessado 21 de Junho de 2012.

QUINT, Nicolas. (2000). *Grammaire de la Langue Cap-Verdienne*. Paris: L’Harmattan.

Rizzi, L. (1997). “The Fine Structure of the Left Periphery”. In: Liliane HAEGEMAN (ed.). *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.

----- (2002). *Locality and left periphery*. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc-pub/rizzi2002-locality&left-periphery.doc>. Acesso em: 01 de junho de 2012.

----- (2004). *Locality and left periphery*. In *Structures and beyond. The cartography of syntactic structures* vol. 3, ed. by Adriana Belletti, 223-251. Oxford: Oxford University Press.

ROOIJ, Vincent de. 1994. Variation. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval, *Pidgins and Creoles: An Introduction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins. p. 53-64.

ROSENBAUM, Peter S. (1967). *The grammar of English predicate complement constructions*. Cambridge, MA: MIT Press.

SANTOS, Eduardo Ferreira dos. (2010). **A periferia esquerda da sentença no português de Angola**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-25102010-161209/>>. Acesso em: 2012-08-14.

SANTOS, Eduardo F. & OLIVEIRA, Márcia S. D. de. (2011). Aspectos da Categoria Foco no Português de Angola. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: n. 13(2), p. 269-303

SELLS, Peter. (1985). *Restrictive and non-restrictive modification*. Stanford, Report CSLI, 85-28: jul. 1985.

SHLONSKY, Ur. (1992). Resumptive Pronouns as a Last Resort. *Linguistic Inquiry* 23(3), pp. 443-468.

SILVA, António Correia e (2002). In: *História Geral de Cabo Verde*, v. III, IICT-INIPPC, Lisboa-Praia.

TARALLO, Fernando. (1983). *Relativization strategies in brazilian portuguese*. University of Pennsylvania. Ph.D. Dissertation.

----- (1990). Os fundamentos do povoamento, *in: Revista Oceanos* (Sagres a Cabo Verde), Novembro, 1990, n.º5, Trimestral, Comissão Nacional Para os Descobrimentos portugueses, Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, pp. 69-75.

VEIGA, Manuel. (2004). *A Construção do Bilinguismo*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro.

_____. (2002). *Le Créole du Cap-Vert – étude grammaticale descriptive et contrastive*, Paris: Karthala.

VRIES, Mark de. (2002). *The Syntax of Relativization*. LOT Publications: PhD Dissertation, University of Amsterdam.

Zubizarreta, Maria Luisa. (1998). *Prosody, focus and word order*. Unpublished manuscript. University of Southern California, Department of Linguistics, Los Angeles, CA

Anexo

Grupos de Sentenças Usadas nos Testes Prosódicos

Grupo 1

A seguir apresentamos o primeiro grupo de sentenças em que a primeira sentença é uma relativa e serve de sentença contexto.

1.1. Uns mnininha k'robó-m goieba torna ben oj

Uns	minininha	k'	robó	m	goieba	torna	ben	oj
DET	meninas	COMP	roubar	1.SG.DAT	goiaba	virar	vir	hoje

As meninas que me roubaram goiaba voltaram hoje.

Para conseguir a sentença com foco contrastivo em (1.2), o interlocutor fez a seguinte afirmação interpelando o locutor: **Ont bo faló-m ma uns munsinh robó-b goieba, é dvera, ka é?** “*Ontém você me falou que uns meninos me roubaram goiaba, é verdade, não é?*” A que o informante contrapõe com a sentença em (1.2):

1.2. Naun, uns mnininha é k'robó-m goieba

Naun,	Uns	minininha	é	k'	robó	m	goieba
Não	DET	meninas	COP	COMP	roubar	1.SG.DAT	goiaba

Não, as meninas é que roubaram goiaba.

Para conseguir a sentença com foco na posição de sujeito em (1.3) foi feita a seguinte pergunta: **Kin k'robó-b goieba?** “Quem que te roubou a goiaba?”

1.3. É uns mnininha k'robó-m goieba

é	Uns	minininha	k'	robó	m	goieba
COP	DET	meninas	COMP	roubar	1.SG.DAT	goiaba

Foram as meninas que me roubaram goiaba.

Para obter a sentença copulativa em (1,4), foi feita a seguinte pergunta aos informantes: **Kint k'torna ben oj?** “Quem que voltou hoje?”

1.4. É uns mnininha k'robó-m goieba

É	uns	mnininha	k'	robó	-m	goieba
COP	DET	meninas	COMP	roubar	1SG.DAT	goiaba

Foram as meninas que me roubaram goiaba.

Grupo 2

No grupo 2 e nos demais grupo seguimos o mesmo padrão do grupo 1, o que muda é apenas o conteúdo lexical e o contexto discursivo.

2.1. Un musinh k'panhó-b bo bol sei ta korê

Un	munsinh	k'	robó	-b	goeba	sei	ta	korê
DET	menino	COMP	roubar	1SG.DAT	goiaba	sair	TAM	correr

O menino que te roubou goiaba saiu correndo.

Para obter a sentença com foco contrastivo na posição do sujeito em (2.2), foi feita a seguinte asserção: **Kand k'N dja bo faló-m ma un mnininha panhó-m nha bol** – “Quando que eu cheguei você me falou que uma menina roubou o meu bolo.” A que o informante contrapõe com a sentença em (2.2):

2.2. Naun, un munsinh é k'panhó-b bo bol.

Naun,	un	munsinh	é	k'	panhó	b	goeba
NEG	DET	menino	COP	COMP	roubar	2SG.DAT	goiaba

Não, um menino é que te roubou goiaba.

Para obter a sentença com foco na posição de sujeito em (2.3), foi feita a seguinte pergunta: **Kin k'panhó-m nha bol?** – “Quem que roubou meu bolo?”

2.3. É un munsinh k'panhó-b bo bol.

É	un	munsinh	k'	panhó	b	goeba
COP	DET	menino	COMP	roubar	2SG.DAT	goiaba

Foi um menino que te roubou goiaba.

Para obter a sentença copulativa em (2.4), foi feita a seguinte pergunta: **Kin k'sei ta korê?** – “Quem saiu correndo?”

2.4. É un munsinh k'panhó-b bo bol

É	un	munsinh	k'	panhó	b	goeba
COP	DET	menino	COMP	roubar	2SG.DAT	goiaba

Foi um menino que te roubou goiaba.

Grupo 3

3.1. Ôm k'ta papia d'más ka é d'fiansa

Ôm	k'	ta	papia	d'más	ka	é	d'	fiansa
Homem	COM	HAB	falar	demaís	NEG	COP	de	confiança

Homem que fala demais não é de confiança.

Para obter a sentença com foco contrastivo na posição do sujeito em (3.2), foi feita a seguinte afirmação: **Anton na Saninklau ta falód ma jent mdjer ta papia d'más, é dvera?** “Então, em São Nicolau se diz que as mulheres falam demias, não é verdade?”. A que o informante contrapõe com a sentença em (3.2):

3.2. **Mtira, ôm é k'ta papia d'más**

Mtira	ôm	é	k'	ta	papia	d'más
Mentira	homem	COP	COM	HAB	falar	demaís

Mentira, homem é que fala demais.

Para obter uma sentença com foco na posição de sujeito foi feita a seguinte pergunta: **Kin k'ta papia d'más?** – “Quem que fala demais?”

3.3. **É ôm k'ta papia d'más**

É	ôm	k'	ta	papia	d'más
COP	homem	COM	HAB	falar	demaís

É homem que fala demais.

Para obter uma sentença com foco com escopo além da posição do sujeito: **Kin k'é ka é d'fiansa?** – “Quem que é que não é de confiança”.

3.4. **É ôm k'ta papia d'más**

É	ôm	k'	ta	papia	d'más
COP	homem	COM	HAB	falar	demaís

É homem que fala demais.

Grupo 4

4.1 **Ôz k'ta kmê midj kru ten forsa**

Ôz	k'	ta	kmê	midj	ten	forsa
asno	COMP	HAB	comer	milho	ter	força

O asno que come milho tem força.

Para obter a sentença com foco contrastivo na posição do sujeito em (4.2), foi feita a seguinte afirmação: **Nton, na Saninklau galinha é k'ta kmê midj?** – “Então,

em São Nicolau as galinhás é quem comem minlho?” A que o informante contrapõe com a sentença em (4.2):

4.2. Bo sta nganód, ôz é k'ta kmê midj

Bo	sta	nganód	ôz	é	k'	ta	kmê	midj
2SG.NOM	estar	enganado	asno	COP	COMP	HAB	comer	milho

Você está enganado, o asno é que come milho.

Para obter a sentença com foco na posição de sujeito em (4.3), foi feita a seguinte pergunta: **K'bitx é kel k'ta kmê midju na bzôt kaza?** – “Que animal é que come milho na vossa casa?”

4.3. Na nos kaza, ê ôz k'ta kmê midj

Na	nos	kaza	é	ôz	k'	ta	kmê	midj
Em	nossa	casa	COP	asno	COMP	HAB	comer	milho

Na nossa casa, é o asno que come milho.

Para obter a sentença copulativa em (4.4), foi feita a seguinte pergunta: **K'bitx é kel k'tem forsa** – “Que animal tem força”.

4.4. É ôz k'ta kmê midj kru?

É	ôz	k'	ta	kmê	midj
COP	asno	COMP	HAB	comer	milho

É o asno que come milho

Grupo 5

5.1. Ôm k'ta pega na nxada deve dôd valor

Ôm	k'	ta	pega	na	nxada	debê	dôd	valor
Homem	COMP	HAB	pegar	em	enxada	deve	dar	valor

Homem que trabalha com a enxada deve ser valorizado.

Para obter a sentença com foco contrastivo na posição de sujeito em (5.2), foi feita a seguinte afirmação: **Bo faló-m ma na Skemada mdjer é k'ta pega na nxada** – “Você me disse quem em Queimadas as mulheres é que pegam na enxada”. A que o informante contrapõe com a sentença em (5.2):

5.2. Anton bo k'obi dret, ôm é k'ta pega na nxada.

Anton	bo	ka	obi	dret	Ôm	k'	ta	pega	na	nxada
--------------	-----------	-----------	------------	-------------	-----------	-----------	-----------	-------------	-----------	--------------

Então 2SG.OM NEG ouvir direito Homem COMP HAB pegar em enxada
Então você não entendeu direito, homem é que pega na enxada.

Para obter a sentença com foco na posição de sujeito em (5.3), foi feita a seguinte asserção: **Na Skemada, Kin k'ta pega na nxada?** – “Em Queimadas, quem pega na enxada?”

5.3. Na Skemada, é ôm k'ta pega na nxada

Na	Skemada	é	ôm	k'	ta	pega	na	nxada
Em	Queimadas	COP	homem	COMP	HAB	pegar	em	enxada

Em Queimadas, é home que pega na enxada.

Para obter a sentença copulativa em (5.4), foi feita a seguinte pergunta: **K'tip d'ôm é k'deve dôd valor?** – “Que tipo de homem deve ser valorizado?”

5.4. É ôm k'ta pega na nxada

É	Ôm	k'	ta	pega	na	nxada
COP	homem	COMP	HAB	pegar	em	enxada

É o homem que pega na enxada.

Grupo 06

6.1. Pai k' ta korriji fidj ta ivita problema

Pai	k'	ta	korriji	fidj	ta	ivita	problema
Pai	COMP	HAB	corrigir	filho	HAB	evitar	problema

O pai que corrige o filho evita problemas.

Para obter a sentença com foco contrastivo em (6.2), foi feita a seguinte afirmação: **Es faló-m ma na Saninklau oj in dia fidj é k'ta korriji pai, é devera?** – “Me falaram que em São Nicolau hoje em dia os filhos é que corrigem os pais, é verdade?” A que o informante contrapõe com a sentença em (6.2):

6.2. Kin k' faló-b un koza dest? (Quem te disse uma coisa dessa?) Pai é k'ta korriji fidj

Pai	é	k'	ta	korriji	fidj
Pai	COP	COMP	HAB	corrigir	filho

O pai é que corrige o filho.

Para obter a sentença com foco na posição de sujeito em (6.3), foi feita a seguinte pergunta: **Na Saninklau kin ka ta korriji fidj?** – “Em São Nicolau, quem corrige o filho?”

6.3. **Na Saninklau inda, é pai k'ta korriji fidj**

Na	Saninklau	inda	é	Pai	k'	ta	korriji	fidj
Em	São Nicolau	ainda	COP	Pai	COMP	HAB	corrigir	filho

Em São Nicolau ainda, é o pai que corrige o filho.

Para obter a sentença copulativa em (6.4), foi feita a seguinte pergunta: **K'tip d'pai é k'ta ivita problema?** – “Que tipo de pai é que evita problemas?”

6.4. **É pai k'ta korriji fidj**

É	Pai	k'	ta	korriji	fidj
COP	Pai	COMP	HAB	corrigir	filho

É o pai que corrige o filho.

Grupo 07

7.1. **Kmida k'ta na txon é d'gôt má katxor**

Kmida	k'	ta	na	txon	é	d'	gôt	má	katxor
Comida	COMP	HAB	txon	chão	COP	de	gato	ADT	cachorro

A comida que está no chão é dos gatos e cachorros.

Para obter a sentença com foco contrastivo na posição de sujeito em (7.2), foi feita a seguinte afirmação: **Kand bo jga, bo faló-m ma água ta na txon, ka dvera?** – “Quando você chegou, você me disse que a água está no chão, não é verdade? A que o informante contrapõe com a sentença em (7.2):

7.2. **Naun, kmida é k'sta na txon**

Naun	Kmida	é	k'	ta	na	txon
NEG	Comida	COP	COMP	HAB	em	chão

Não, a comida é que está no chão.

Para obter a sentença com foco na posição de sujeito em (7.3), foi feita a seguinte pergunta: **Kzê k'sta ai na txon?** – “O quê que está no chão?”

7.3. **É kmida k'sta na txon**

É	Kmida	k'	ta	na	txon
COP	Comida	COMP	HAB	em	chão

É a comida que está no chão.

Para uma obter a sentença copulativa em (7.4), foi feita a seguinte pergunta: **Na Saninklau kzê k'ta falód ma é d'gôt má katxor?** – “Em São Nicolau, o que se diz que é dos gatos e dos cachorros?”

7.4. É kmida k'sta na txon

É	Kmida	k'	ta	na	txon
COP	Comida	COMP	HAB	em	chão

É a comida que está no chão.

Grupo 08

8.1. Gôt k'ta roba na panela ta fazê um psoa skua d'kabesa

Gôt	k'	ta	roba	na	panela	ta	faze	un	psoa	skua	d'	kabesa
Gato	COMP	HAB	roubar	em	panela	HAB	fazer	DET	pessoa	escapar	de	cabeça

Gato que rouba na panela faz uma pessoa perder a cabeça.

Para obter a sentença com foco contrastivo na posição de sujeito em (8.2), foi feita a seguinte afirmação: **Na bzôt kaza, anton katxôr é k'ta roba panela, ka dvera?** – “Na vossa casa, então cachorro é que rouba na panela, não é verdade?” A que o informante contrapõe com a sentença em (8.2):

8.2. Naun, gôt é k'ta roba na panela.

Naun	gôt	é	k'	ta	roba	na	panela
Não	gato	COP	COMP	HAB	roubar	em	panela

Não, gato é que rouba na panela.

Para obter a sentença com foco informativo na posição de sujeito em (8.3), foi feita a seguinte pergunta: **Na bzôt kaza kal bitx é k'ta roba na panela?** – “Na vossa casa, que animal é que rouba na panela?”

8.3. Na nos kaza, é gôt k'ta roba na panela.

Na	nos	kaza	é	gôt	k'	ta	roba	na	panela
Em	nossa	casa	COP	gato	COMP	HAB	roubar	em	panela

Na nossa casa, é gato que rouba na panela.

Para obter a sentença copulativa em (8.4), foi feita a seguinte pergunta: **Kzê k'ta fazê un psoa skua d'kabesa?** – “O quê faz uma pessoa perder a cabeça?”

8.4. É gôt k'ta roba na panela

É	Gôt	k'	ta	roba	na	panela
COP	Gato	COMP	HAB	roubar	em	panela

É gato que rouba na panela.

Grupo 09

9.1. Un tia k'N ka ta konxê dja ont na Saninklau

Un	tia	k'	N	ka	ta	konxê	jga	ont	na	Saninklau
DET	tia	COMP	1SG.NOM	NEG	HAB	conhecer	chegar	ontem	em	São Nicolau

Uma tia que eu não conheço chegou ontem em São Nicolau.

Para obter a sentença com foco contrastivo na posição de sujeito em (9.2), foi feita a seguinte afirmação: **Es faló-m ma bo ten un tiu k'bo ka ta konxê, é dvera?** – “Me disseram que você tem um tio que você não conhece, é verdade?” A que o informante contrapõe com a sentença em (9.2):

9.2. Naun, un tia é k'N ka ta konxê

Naun	un	tia	é	k'	N	ka	ta	konxê
Não	DET	tia	COP	COMP	1SG.NOM	NEG	HAB	conhecer

Não, uma tia é que eu não conheço.

Para obter a sentença com foco de informação na posição de sujeito em (9.3), foi feita a seguinte pergunta: **Kal k'é kel bo família k'bo faló-m ma bo ka ta konxê?** – “Qual que é aquele parente que você me disse que não conhece?”

9.3. É un tia k'N ka ta konxê

É	un	tia	k'	N	ka	ta	konxê
COP	DET	tia	COMP	1SG.NOM	NEG	HAB	conhecer

É uma tia que eu não conheço.

Para obter a sentença copulativa em (9.4), foi feita a seguinte pergunta: **Kin k'jga aont na Saninklau?** – “Quem chegou ontem em São Nicolau?”

9.4. É un tia k'N ka ta konxê

É un tia k' N ka ta konxê
 COP DET tia COMP 1SG.NOM NEG HAB conhecer
É uma tia que eu não conheço.

Grupo 10

10.1. Un môss k'ben d'Brazil aont, purguntó-m pa bó

Un moss k' ben d' Brazil aont purguntó m pa bo
 DET moço COMP vir de Brasil ontem perguntar 1SG.DAT por 2SG.DAT
Um moço que veio do Brasil ontem, perguntou-me por você.

Para obter a sentença com foco contrastivo na posição de sujeito em (10.2), foi feita a seguinte afirmação: **Es falou-m ma un mnina ben d'Brazil aont.** – “Me disseram que uma menina veio do Brasil ontem.” A que o informante contrapõe com a sentença em (10.2):

10.2. Naun, un moss é k'ben d'Brazil aont

Naun un moss é k' ben d' Brazil aont
 Não DET moço COP COMP vir do Brasil ontem
Não, um moço é que veio do Brasil ontem.

Para obter a sentença com foco informacional na posição de sujeito em (10.3), foi feita a seguinte pergunta: **Kin k'ben d'Brazil aont?** – “Quem que veio do Brasil ontem?”

10.3. É un moss k'ben d'Brazil aont

É un moss k' ben d' Brazil aont
 COP DET moço COMP vir do Brasil ontem
Foi um moço que veio do Brasil ontem.

Para obter a sentença copulativa em (10.4), foi feita a seguinte pergunta: **Kin k'purguntó-b pa mi?** – “Quem te perguntou por mim?”

10.4. É un moss k'ben d'Brazil aont

É un moss k' ben d' Brazil aont
 COP DET moço COMP vir do Brasil ontem
Foi um moço que veio do Brasil ontem.